

*Máscara
Mágica*

Hilary Gilman



Máscara Mágica

Hilary Gilman

Traduzido por Jessica M Silva

“Máscara Mágica”

Escrito por Hilary Gilman

Copyright © 2019 Hilary Gilman

Todos os direitos reservados

Distribuído por Babelcube, Inc.

www.babelcube.com

Traduzido por Jessica M Silva

Design da capa © 2019 Lee Wright, Halo Studios

“Babelcube Books” e “Babelcube” são marcas comerciais da Babelcube Inc.

Sumário

[Página do Título](#)

[Página dos Direitos Autorais](#)

[Máscara Mágica](#)

[Quatro](#)

[Cinco](#)

[Seis](#)

[Sete](#)

[Nove](#)

[Vestira uma túnica frágil, pois a lareira em seu quarto o tornava bastante sufocante e quente, apesar do vento frio uivando do lado de fora, e agora ela se recostava nos travesseiros dobrados, tentando impedir que suas pesadas pálpebras caíssem enquanto examinava os crescentes tediosos. Julie ou la Nouvelle Heloise. Houve uma batida incisiva na porta e, antes que ela pudesse responder, ela se abriu e Rochford entrou na sala.](#)

[Dez](#)

[Onze](#)

[Treze](#)

[Catorze](#)

[Quinze](#)

[Dezesseis](#)

[Dezessete](#)

[Dezoito](#)

[Dezenove](#)

[Vinte](#)

[Vinte e um](#)

[Vinte e dois](#)

[Vinte e três](#)

[Vinte e quatro](#)

[Vinte e cinco](#)

[Vinte e seis](#)

[Epílogo](#)

Hilary Gilman

Máscara Mágica

Pleasant Street Publications
Cover Design by Lee Wright, Halo Studios London
www.halostudios.co.uk

Copyright © Hilary Lester 2013

All rights reserved: No part of this publication may be reproduced or transmitted in any form or by any means, electronic or mechanical, including photocopy, recording, or any information storage and retrieval system, without permission in writing from the publisher.

By the same author

Historical Romance

Moonlight Masquerade
Mysterious Masquerade
Merry Masquerade
Midsummer Masquerade
Milady's Masquerade
Dangerous Escapade
(first published as Dangerous Masquerade)
Gamble with Hearts
The Cautious Heart
Her Foolish Heart
A Match of Hearts
The Captured Heart
Hearts Beguiled

Regency Mystery

Lady Cavendish Investigates: Death Where is Thy Sting

Fantasy

Tides of Fire Book I: The Rebellion
The Golden Queen: Tides of Fire Book II
(as Hilary Lester)

Um
Dois
Três
Quatro
Cinco
Seis
Sete
Oito
Nove
Dez
Onze
Doze
Treze
Catorze
Quinze
Dezesseis
Dezessete
Dezoito
Dezenove
Vinte
Vinte e um
Vinte e dois
Vinte e três
Vinte e quatro
Vinte e cinco
Vinte e seis
Epílogo

Um

Tinha sido outro dia frio e tempestuoso no mais sombrio de novembro que os habitantes mais antigos da pequena vila conseguiam se lembrar. À medida que a noite avançava, o vento baixou e uma névoa gelada veio do porto. Os aldeões ainda no exterior envolveram-se em seus mantos com força e rapidamente procuraram o abrigo de suas lareiras.

Nos arredores da vila, havia uma casa velha em ruínas, com paredes montadas com hastes de madeira encaixadas entre si, com frontões pendentes e chaminés altas e retorcidas. Dentro de suas paredes frias, duas jovens estavam sentadas encolhidas próximas a um fogo inadequado na sala escura com painéis de carvalho. A dupla compartilhava uma beleza vívida que ajudava muito a melhorar o ambiente sombrio, mas o dourado manchado e o brocado desbotado das cadeiras formavam um cenário ruim para a garota que aproximava as mãos das brasas em uma tentativa vã de aquecê-las. O brilho do fogo iluminava o grande rubi da mão esquerda, e ela o torcia distraidamente para um lado e para o outro, de modo que a luz refletia no espelho manchado e rachado, e na porta diamantada do armário de porcelanas.

Eugénie, a recém-casada duquesa de Rochford, usava um casaco de peles aveludado cor de vinho, com um decote em pelo, com uma gola alta e presilhas feitas com fita de seda no peito. Seu casaco de zibelina foi jogado descuidadamente sobre a cama, e seu alto chapéu sobre ele, esmagando tristemente três caras plumas de avestruz tingidas. Sua Graça usava o cabelo com volumosos cachos pretos brilhantes, e de suas lindas orelhas pendiam pesadas gotas de diamante. Sua irmã gêmea, Mignonette de Saint-Saze, por outro lado, usava um vestido redondo de merino castanho; o único ornamento era um belo broche de camafeu na garganta. Seus cabelos estavam partidos ao meio e presos formando duas asas suaves e negras sobre as orelhas, não menos bonitas que de sua irmã, no entanto, sem adornos.

Elas eram gêmeas idênticas, mas nunca houve, mesmo na infância, qualquer dúvida sobre qual era qual. Eugénie era uma criatura inquieta, travessa, encantadora, solitária e absolutamente sedutora, enquanto sua irmã gêmea era caracterizada pela família,

que confiava inteiramente em sua devoção altruísta, como prática, confiável e sem graça. De fato, quando um velho duque do antigo regime disse, com os olhos persistentes na boca macia e de lábios carnudos, que ele invejava o homem que a teria despertado, ele era considerado senil e nojento.

Mignonette, mais acostumada que Eugénie nas exigências espartanas que prevaleciam em casa, pegou as mãos frias da irmã e esfregou-as vigorosamente para aquecê-las, e dizia:

- Ah Génie, que alegria que ótima notícia! Uma criança a caminho e você só se casou em setembro! O duque está muito animado? Ele deve estar eu acho.

- Oh, deixe disso. - Eugénie afastou as mãos, irritadiça. - Rochford não sabe. Eu não disse a ele.

- Você não contou a ele? Mas, meu amor, por que não?

Eugénie apoiou o rosto nas mãos, pressionando as palmas das mãos contra as pálpebras. As pontas dos dedos tremiam contra os cabelos.

- Eu não posso. Você não entende.

Mignonette afastou delicadamente as mãos relutantes do rosto de sua gêmea e as prendeu entre as suas.

- Mas eu quero entender. Algo está muito errado. Conte-me.

- Você quer saber o que está errado? - Eugénie soltou uma risada um pouco histérica. - Só isso: o duque meu marido e eu, ainda não consumamos nosso casamento!

Mignonette empalideceu.

- Mas, mas, Génie, como pode isso?

- Por favor, você não é tão inocente quanto a isso! Você sabe como os bebês são feitos.

- Eu quis dizer como... Oh, suponho que seja de Charles D'Evremont.

Eugénie franziu o rosto.

- Descobri que estava grávida poucos dias depois que o Pelican naufragou. Eu estava desesperada, pois como eu poderia dizer a Grandmère que não me casaria com o duque depois de todos os sacrifícios que ela fez para me enviar para Londres? Eu não me atreveria.

- Você se casou com o duque sabendo que estava...? Ah, entendo, você pretendia dizer que a criança era dele?

- Claro. O que mais eu poderia fazer? Mas quando ele veio a mim, em nossa, nossa noite de núpcias, eu não podia, eu não podia fingir, mostrei a ele meu desgosto e, e seus abraços eram tão repugnantes para mim, bem, o resultado foi que ele me disse que não me incomodaria com eles novamente. E ele manteve sua palavra.

Minette colocou os braços em volta de sua gêmea, balançando-a suavemente.

- Aqui, aqui meu amor.

Eugénie soluçou baixinho contra o ombro da irmã. Nesse momento, ela levantou o rosto manchado de lágrimas.

- Oh, Minette, o que eu vou fazer?

- Você deve dizer a verdade ao duque e se entregar à misericórdia dele. - respondeu a irmã gêmea em tom decidido.

- Eu preferia morrer! Ele não tem piedade. Você não o conhece.

- Mas em suas cartas a Grandmère, você foi tão convincente. Você disse que estava apaixonada!

- Claro que sim. Eu tinha tanto medo que ela descobrisse que eu ainda estava vendo Charles.

- Então você nunca amou Rochford?

A irmã estremeceu.

- *Mon Dieu, no!* Além de tudo, ele é horivelmente feio. E velho!

Minette imaginou Charles D'Evremont como o vira pela última vez a bordo do Pelican, jovem e forte, com os cabelos descoloridos pelo sol despenteados pela brisa do mar.

- Entendo. Então você deve deixá-lo. Vá para a casa em Avignon para ter o bebê e quando você voltar...

- E dar a ele motivos para se divorciar de mim? Não. Eu deixei tudo o que tinha; Não posso perder tudo isso aqui. - Ela fez um gesto para os diamantes nas orelhas e o embrulho de zibelina descartado no chão. - Eu serei uma duquesa, aconteça o que acontecer.

- Mas o que mais você pode fazer? Você espera que ele não perceba? Ele está na meia idade, acho que ainda não está caduco.

- Eu sei! Eu sei! Certamente, devo ir a Avignon, como você diz. Você se lembra dos Bovarys? Eles moravam na propriedade. A senhora é gentil. Eu darei a criança a ela. Ela vai criar como se fosse dela. Claro, eu pagarei bem a eles. Mas o duque não deve saber que eu fui para a França.

Minette balançou a cabeça.

- Você está falando coisas sem sentido.

- Sim faz sentido. Você ainda não vê? Eu irei para a França e você assumirá meu lugar como esposa de Rochford.

- O que?!

- Você não vê como é perfeito? Ninguém fora da família sabe que você existe. Quem suspeitaria?

- Génie! Isso não faz sentido. Eu posso parecer com você, mas nunca poderia ser você. Você tem uma vida inteira em Londres, novos amigos, parentes dos quais nada sei.

- Boba, não estou sugerindo que você dê festas e atenda ligações pela manhã. Eu sei que você não poderia. Mas você poderia muito bem dizer que está indisposta e se afastar no Castelo de Camer. Você diria aos empregados que está muito indisposta para receber ligações e tudo o que precisa fazer é passar os próximos meses perambulando pela casa e nos terrenos, assim como faz aqui.

- E o duque? Suponho que ele não notará nada? - disse Minette com acidez incomum.

- Duvido que ele chegue perto de você. Se sim, diga que sua doença é responsável por quaisquer diferenças.

- E se ele mudar de ideia sobre a "consumação" do casamento?

- Por que ele mudaria? Ele tem suas próprias diversões e, de qualquer forma, é tão absurdamente sensível a sua desfiguração que prefere morrer a se oferecer para ser rejeitado novamente.

- Desfiguração? Que desfiguração? Você não disse nada sobre isso em suas cartas.

- Pensei que você soubesse. Todo mundo sabe. Houve um incêndio no castelo anos atrás, e ele era, sem dúvida, muito corajoso e salvou muitas vidas; mas o resultado é que ele tem apenas um olho e todo o lado de seu rosto está marcado. Até me faz estremecer pensar nisso.

- Pobre cavalheiro.

- Oh, você não precisa ter pena dele. Ele tem uma amante perfeitamente devotada a “santa” Lady Ashbury, Deus sabe quantos casos ele tem mantido. - Ela desfez do marido com um encolher de ombros e, fixando os enormes olhos escuros no rosto da irmã, disse: - Você vai me ajudar, não vai querida Minette? Estou completamente arruinada.

- Querida, como posso? Você sabe que eu faria qualquer coisa por você, mas...

Eugénie escorregou da cadeira e caiu de joelhos na frente da irmã.

- Minette, por favor, faça isso por mim! Eu me matarei se o duque descobrir a verdade, eu juro.

Nesse momento, a porta se abriu e uma pessoa entrou na sala. Ela era uma senhora muito velha, mas, embora andasse com uma bengala, ainda se mantinha extremamente ereta. Seus cabelos brancos estavam lindamente penteados, no estilo dos anos cinquenta, sob uma touca de renda preta. A moldagem requintada de suas maçãs do rosto e mandíbula era evidente sob a frágil pele de porcelana pela qual ela fora popular. Ela ficou olhando as netas, com uma sobancelha erguida.

- É muito estranho encontrar a duquesa de Rochford nessa posição humilde, - comentou em sua voz fina e bonita. Seu sotaque era puro Versalhes, apesar de já morar na Inglaterra há mais de trinta anos.

Eugénie levantou-se com mais pressa que graça e escovou as saias amassadas com mãos instáveis.

- Boa noite, Grandmère.

A marquesa de Montauban inclinou a cabeça levemente, oferecendo uma bochecha, que a duquesa obedientemente beijou.

- Eu espero que esteja bem; - Gaguejou Eugénie. - Esse clima úmido e horrível foi ruim para a sua gota?

- Não falaremos do que sofri, - declarou a marquesa. - Você me dirá agora que tolíce você cometeu. Oh, não pareça tão inocente. Conheço você a vida toda.

- Nada, não há nada! - Insistiu Eugénie com uma voz histérica.

A avó a olhou de cima a baixo e, sentando-se em uma poltrona alada perto da lareira, ela disse calmamente:

- Você está grávida, pelo que entendi.

- Como você?...

- Não importa como. Você está grávida, e não é motivo de alegria. A criança então não é do seu marido.

Eugénie assentiu, torcendo os dedos e mexendo os pés, como costumava fazer quando era chamada atenção na infância.

- Você tem bons motivos para fazer isso. O duque também terá.

Outro aceno. Os olhos da marquesa brilharam.

- Isso deve ser bem planejado. - Seu olhar repousou consideravelmente em Minette. - Sim, pode funcionar.

Eugénie lançou um olhar de triunfo para sua irmã gêmea.

- É exatamente isso que estamos discutindo. Minette, não é?

- Não! - Minette ficou de pé. - Eu não posso não vou fazer isso! -

Ela começou a andar de um lado para o outro no tapete surrado. - Pense na desgraça se; quando a verdade for descoberta!

A marquesa encarou a neta menos favorita com olhos frios.

- Controle-se, Mignonette. A verdade não será descoberta. Se soubessem que Eugénie tem uma irmã gêmea, talvez. Mas no momento, por que alguém deveria questionar se Eugénie é Eugénie? - Ela se virou repentinamente para a duquesa. - Você não disse ao duque que tem uma irmã gêmea?

- Não, claro que não. Concordamos.

- Sim. Decidido então.

Minette parou de andar e encarou a avó.

- E se Rochford desejar fazer amor com sua própria esposa? O que devo fazer então?

A marquesa olhou com o nariz empinado e disse com uma voz de desprezo gelado:

- Você cumprirá seu dever, é claro.

Dois

Na manhã seguinte, a carruagem retornou vazia, à casa ducal da cidade na Rua Curzon. O cocheiro levou uma carta para o duque informando que a duquesa não estava bem e que ficaria na casa da avó por pelo menos uma noite.

Minette observou a carruagem partir com quieta e aflita.

- Acho que você não tem medo de que seu marido amoroso venha apressadamente até Sussex para atender sua esposa acamada?

Eugénie deu de ombros.

- Duvido que ele venha ao meu leito de morte.

- Mas que ilustração encantadora do casamento moderno!

- Que boba romântica você é. Você acha que o meu casamento é o único sem amor? Eu poderia citar alguns casais que não gostam um do outro tanto quanto Rochford e eu.

- Rochford, pelo menos, nem sempre te detestou. Por que ele se casaria com você, se não por amor?

- Amor? Eu não o acho capaz disso. Ele é frio, Minette. Frio como gelo. Ela estremeceu.

- Mas não para Senhorita, como era o nome? Ashbury?

- Oh não, não para ela. - Ela fez uma pausa, refletindo. - Veja bem, eu não acho que possa ser caso de muita paixão agora, mas seja lá o que for, aconteceu há muito tempo... E ela é bem mais velha que ele.

- Vocês se conhecem?

- Ah, trocamos reverências, mas nunca falei com ela. Não tenho a menor objeção à união; de fato, sou muito grata a ela, mas ela não parece ver o assunto com compreensão.

- Ela esperava se casar-se com ele?

- Ah não! Lady Ashbury teria que se divorciar, e realmente deveria, pois, como o Lord é complacente há tantos anos?

Minette balançou a cabeça, rindo.

- Gostaria de saber por que você a chamou de a santa Lady Ashbury, se o caso é esse.

Eugénie encolheu os lindos ombros e fez beicinho.

- Suponho que seja porque ela é muito devotada a Rochford e muito respeitável em todos os outros aspectos. Ela sempre parece

que acabou de orar por perdão. E ela faz boas obras!

- Para expiação?

- Espero que sim. Mas chega dessa mulher tediosa. Você e eu devemos trabalhar, trabalhar e trabalhar! Há muito para você aprender.

Seguiram-se, para Minette, horas intermináveis de instrução.

- Para ir do meu quarto à sala amarela, você deve; passar pelo jardim de rosas para o terraço, o nome da governanta é Pritchard. Ela adora Rochford.

Seus cabelos estavam cortados e encaracolados, as orelhas furadas e as mãos vermelhas e enrugadas de lavar e passar as toucas de renda da avó, com um colete de penas de ganso e com luvas de algodão. Felizmente, sua própria dignidade silenciosa assegurava que ela parecesse e se comportasse cada centímetro como uma duquesa, e a falta do charme esvoaçante de Eugénie, poderiam ser facilmente atribuídas à sua doença.

As irmãs, agora verdadeiramente idênticas, estavam caminhando no pequeno jardim, desfrutando de alguns momentos do sol fraco de inverno. Minette ficou como sempre, pensativa enquanto sua irmã falava, e parou para dizer:

- Você não deve ter ouvido uma palavra do que eu disse!

Minette nem se deu ao trabalho de negar.

- Génie me responde algo honestamente?

Eugénie deu de ombros.

- Claro. Eu não sou sempre honesta com você?

- Mas não com os outros? Mas não importa me responda, por que Rochford pediu você em casamento?

A irmã dela riu.

- Você não é muito discreta. Eu deveria ter pensado que era óbvio o porquê.

- Você acha que ele nunca se apaixonou por você?

Eugénie condescendeu em pensar um pouco sobre isso.

- Acho que ele me queria para a coleção dele.

- Coleção dele?

- Ele coleciona coisas bonitas - Eugénie disse simplesmente. - O castelo está cheio de suas compras.

- E você foi outra compra?

A melhor delas - afirmou a irmã com uma gargalhada.

- Não foi porque ele queria um herdeiro?

- Ah, sem dúvida; mas o assunto não é urgente. Seu primo, William Clareville, é o herdeiro. Ele está em Eton, e acredito que Rochford gosta bastante dele. Agora, se algo acontecer com William, o próximo herdeiro é Franklyn Clareville, e Rochford fará qualquer coisa para mantê-lo fora da sucessão. - Ela sentiu um pequeno arrepio. - Estou ficando com frio. Vamos entrar?

Somente depois do jantar que as meninas estavam sentadas, Minette voltou ao assunto.

- Por que Rochford deseja manter, como é o nome dele? Fora da sucessão?

- Franklyn? Oh, ele o odeia. Em parte porque foi ele quem causou o incêndio.

- O incêndio em que Rochford foi desfigurado?

- Sim. Ele alegou que foi um acidente, é claro, mas o boato é que ele e Rochford brigaram por uma mulher e essa foi sua vingança. O incêndio começou nos estábulos sabe

- Bom Deus! Ele deve ser um monstro.

- Ah não, foi uma mera brincadeira de estudante que deu errado. Ele é muito bonito e charmoso, garanto. Ele ainda é recebido em todos os lugares, embora, se as damas de Almacks conhecessem a pior parte das histórias, não o deixaria contaminar suas sagradas assembleias.

- Qual é a pior parte?

Os olhos de Eugénie brilharam e ela se inclinou para frente ansiosamente.

- Você já ouviu falar do Hellfire Club?

- Claro, mas certamente isso foi há muitos anos.

- Ah, sim, mas um grupo de jovens libertinos retomou o assunto, muito secretamente, e Franklyn era um dos líderes. Bem, cerca de cinco anos atrás, houve uma reunião em uma capela abandonada a alguns quilômetros do castelo. Havia uma garota da aldeia lá, e Deus sabe o que estava acontecendo, orgias, eu acredito, mas o resultado foi que Franklyn estava levando-a de volta para a vila em sua pequena carruagem quando capotaram em uma poça. Quando Franklyn voltou a si, voltou ao castelo, tomou banho, ceou e dormiu.

Na manhã seguinte, ele lembrou que não estava sozinho na carruagem e enviou o cavaleiro para ver se a garota estava ferida.

- E ela estava?

- Ah sim. Na verdade, ela estava morta. Mas o médico tinha a opinião de que ela teria vivido se Franklyn a trouxesse imediatamente. Imagino que o clima ficou muito ruim na aldeia, acredito.

- Nem me fale. Ela foi estuprada?

- Ah não! Quero dizer, ela estava deitada, é claro, mas não havia nenhum indício de que ela foi forçada. Ela já tinha essa reputação. Mas, é claro, o acidente mudou tudo.

- Ele foi um monstro que a deixou morrer.

- Quanto a isso, ele alegou que não tinha lembrança do acidente até horas depois. Sem dúvidas ele estava muito bêbado. Acredito que Rochford teria apoiado uma acusação; mas a mãe de Franklyn estava viva na época, e Rochford gostava dela, então ficou quieto.

- Ele que te contou isso?

- Pelos céus, não! Você não parece entender nada. Meu marido e eu não falamos de nada além dos assuntos mais comuns, triviais. Mesmo antes, antes daquela noite, ele sempre foi bastante distante.

- Então, como você sabe tudo isso?

- Por Arabella, é claro.

- Arabella?

- Ah, eu me esqueci de mencioná-la. Ela é irmã dele.

Minette olhou para Eugénie com total desgosto.

- Existe uma irmã? E você não pensou em me contar antes disso!

- Não se assuste. Ela está na escola em Bath. Você provavelmente nunca a verá. Não é como se fôssemos amigas íntimas, de qualquer forma. Na verdade, acho que ela nem gosta de mim.

- Certamente não. - disse Minette em um tom seco.

- Veja bem, ela é outra pessoa que adora Rochford. Devo dizer que ele é muito indulgente com ela. Para mim, acho que ela melhoraria com algumas semanas com Grandmère. Então eu acho que ela não seria tão atrevida então! - Ela viu que sua irmã estava parecendo perturbada. - O que é isso, querida?

Minette levantou a cabeça e sorriu.

- Eu estava imaginando que outros pequenos detalhes você pode ter se esquecido de mencionar.

Agora não interessava mais o que Eugénie poderia ter esquecido, era tarde demais para Minette. Na manhã seguinte, vestida de veludo cor de vinho, envolta em casaco de peles emprestado e pálida como a morte, ela entrou em uma carruagem e partiu para o castelo Camer, no condado de Kent, sede principal do mais nobre George Carlton Philip Henry Clareville, décimo duque de Rochford, marquês de Welshpool, barão Clareville de Dereham e marido de sua irmã.

Foi uma viagem de cerca de 80 quilômetros; mas os cavalos contratados fizeram pouco trabalho, e eram apenas cinco horas de uma tarde fria e desolada que a equipe saiu da estrada e entrou em uma longa e sinuosa viagem. Já estava escuro há essa hora e a noite estava sem lua. Minette não viu nada do lado de fora da carruagem e só sabia que o movimento de sacudir e balançar da carruagem havia diminuído. Era evidente que o duque cuidava muito bem das estradas em sua propriedade.

A carruagem parou, a porta foi aberta e desceu os degraus. As enormes portas de carvalho estavam abertas e a luz inundou o pátio. O mordomo idoso, que estava segurando um guarda-chuva para proteger sua senhora de alguns flocos de neve à deriva, curvou-se com sua mórbida dignidade.

- Seja bem-vinda, sua graça. Lamentamos saber que estava doente.

- Obrigada - Qual era o nome dele? Burroughs? Não, esse foi o mordomo. Era melhor não adivinhar. - Foi um ataque agudo. Na verdade, ainda não estou totalmente recuperada.

- Sim, é uma estação ruim para a gripe, sua graça. Mas em breve iremos nos adequar novamente.

Ele a conduziu pela grande porta arqueada e entrou em um vasto salão com tapeçaria pendurada. Minette piscava sob a luz de um lustre pesado de cristal, certamente digno de ser pendurado na sala de estar, não em um hall de entrada. Que extravagância! Havia um fogo nobre rugindo na lareira antiga e, de cada lado, foram colocadas poltronas aladas de grande antiguidade e beleza.

- Eu imagino que a senhora deseje ir para o seu aposento descansar antes do jantar, sua Graça. O duque ficará honrado de jantar com a senhora às oito horas.

- O duque? Ele está aqui?

- Ah sim. Ele chegou ontem para garantir que tudo estivesse pronto para a sua chegada. Ele está na biblioteca agora, mas ele disse que não iria incomodá-lo. Sua Graça me pediu para dizer que ele não pedirá que se vista a rigor, pois a senhora deve estar cansada depois de sua jornada. Descanse e se sentirá mais disposta para o jantar.

Para garantir o sossego de Eugénie, o Duque evitou a sua noiva. Quase ela virou as costas e correu da casa, mas o pensamento sobre tudo o que Grandmère diria a tal covardia a petrificou. Ela deveria passar por isso. Então descobriu que não podia se lembrar de onde sua cama estava localizada.

- Estou me sentindo um pouco fraca, - disse ela, e de fato estava muito pálida. - Eu gostaria de ter uma ajuda para chegar ao meu aposento.

- John, - chamou o mordomo a um laçaio que esperava. Dê o braço a sua graça.

- Sim, Sr. Sturridge.

Bem, esse foi um mistério resolvido.

- Obrigado, Sturridge.

Ela pegou o braço de John e ficou muito agradecida pelo apoio, pois descobriu que suas pernas dificilmente a carregariam. Ela esperava ter mais tempo para acostumar com a ideia de ter que encontrar o duque. Isso lhe fora concedido, mas ela poderia ter tido mais que poucas horas, para se preparar para o encontro.

Quando ela cruzou os limites do quarto de Eugénie, parou e respirou fundo. Nunca tinha visto um quarto assim. Eugénie mencionou que seu marido colecionava coisas bonitas, mas Minette prestara pouca atenção até agora, quando viu os frutos de sua obsessão. A sala não era muito cheia, mas tudo era requintado, caro e escolhido para complementar cada objeto.

As paredes eram cobertas com papel de parede chinês rosa pálido com um padrão de flores altamente estilizadas, e a cor refletia-se nas cortinas da cama de brocado verde e rosa e no

tapete de seda oriental. Sobre a colcha de brocado, estava um roupão de cetim verde pálido. Uma pequena mesa dourada estava ao pé da cama, sobre a qual havia sido colocada uma tigela de rosas colhidas da estufa. Sobre a lareira, acima das brasas brilhantes, foram colocados dois vasos chineses antigos e um candelabro. Um gabinete de noqueira, singularmente bonito, e agraciado pela estatueta de uma senhora chinesa de túnicas compridas e cachecol ondulado esculpido em jade branca. Ela usava um coque no cabelo e segurava com a mão delicada uma peônia. Foi a coisa mais linda que Minette já viu.

- Devo enviar Becky a senhora, sua graça? - Perguntou John da porta.

- Sim, obrigada.

Becky ela sabia, era Abigail, mas tão nova para o cargo que Eugénie tinha descartado qualquer perigo que ela poderia representar. Além disso, quem acreditaria nela? Ela raciocinou, sem respostas.

Naquele momento, Becky e ela trocaram apenas algumas palavras antes de Minette se deitar na cama e, ao contrário de sua expectativa, quase imediatamente caiu em um sono pesado.

Ela acordou com uma forte dor de cabeça, ao descobrir que tinha apenas meia hora para se preparar para o jantar.

- Não gostaria de acordá-la, a senhora parecia tão cansada, - explicou o pequeno Abigail. - Sua graça disse para não se vestir para jantar.

- Sim, eu sei, mas preciso me lavar e me arrumar um pouco. - Ocorreu-lhe que ela não tinha ideia de quais roupas estavam à sua disposição. - Basta me trazer algo adequado, por favor?

Eram apenas oito horas quando, elegantemente vestida com um vestido matutino de seda cor de marfim, gola alta com um pouco de babados e mangas compridas bem apertadas do pulso ao cotovelo, ela entrou no salão onde o marido da irmã a esperava.

Três

Seu primeiro pensamento foi que houve algum erro. Este não poderia ser o duque. O cavalheiro que estava com um braço apoiado na lareira, olhando para as profundezas das toras ardentes, era o mais bonito que ela já vira. Seu perfil poderia ter adornado uma moeda romana, com o nariz aquilino em ponte, lábios firmes e mandíbula cinzelada. Seus cabelos, despenteados na moda, caíam sobre a testa, afastados da sobrancelha escura e bem modelada. Então ele se virou para ela, e seu coração torceu dolorosamente dentro de seu peito quando ela viu seu rosto arruinado.

Ela pensara que a pele ficaria firme, enrugada e brilhante, e de fato havia uma grande parte da pele danificada acima da testa e em sua mandíbula, que levemente se arrastava pelo canto da boca. Mas não foi somente o fogo que o desfigurou. Para seu horror, ela viu que havia um entrecruzado de linhas irregulares, brancas contra sua bochecha magra. Era como se uma garra tivesse rasgado seu rosto, primeiro em uma direção, depois na outra. Ele usava um remendo de couro preto sobre a órbita ocular vazia; seu olho restante era de um cinza frio e duro. Como Sturridge havia informado que não seria formal, ele não vestiu traje a rigor, mas estava muito bem vestido para a ocasião em um casaco de cauda longa verde-oliva e calças compridas. Ele não se misturou a nenhuma das excentricidades do cenário elegante, porém, sua modesta gravata estava bem amarrada, seu linho engomado e suas botas altamente polidas. Ele avançou sem pressa e fez uma reverência à duquesa.

- Acredito que você se recuperou da jornada. Sturridge relatou que você estava muito cansada.

A voz dele era suave e agradável, mas seu tom era indiferente.

- Sim, obrigada.

Ela ficou parada junto à porta, a mão na garganta, subitamente sem fôlego. Agora que ela estava aqui, confrontando o homem com o qual sua irmã se casara, ela percebeu como sua semana de instrução havia sido terrivelmente inadequada. Ela, que podia descrever com precisão o layout das hortas, mas não fazia a menor ideia de como sua irmã costumava se dirigir ao duque como marido. Nas conversas com Minette, Eugénie se referia a ele como

Rochford, mas como Minette nunca pensou em perguntar como se dirigir a ele em particular? Ela resolveu usar o tom dele.

- Foi bom de a sua parte descer. Sturridge me disse que desejava garantir que tudo estivesse pronto para me receber.

Os lábios dele se curvaram.

- Sturridge ficou sentimental na velhice. O fato é que eu tinha negócios aqui. Lamento dizer que seu bem-estar não teve nada a ver com a minha chegada.

- Ah, Entendo.

- De fato, em consideração às suas palavras em nossa última reunião, sou obrigado a acreditar que minha presença em Camer irá impedir mais do que acelerar sua recuperação.

Os olhos dela correram para o rosto dele em alarme.

- O que? Como assim?

- Você me informou penas que eu deixei você... er, nervosa, acho que foi a palavra que você usou.

- Ah? Eu esqueci.

Ele deu uma risada curta.

- Que memória conveniente, meu amor. Na verdade, eu já notei isso antes. Agora eu, por outro lado, tenho uma memória muito inconveniente. Na verdade, tenho uma lembrança, que não posso eliminar, da sua posição ao meu lado, prometendo amar, honrar e obedecer meu eu desprezível. E, como você nunca fez a menor tentativa de cumprir nenhuma dessas promessas, só posso acreditar que elas também escaparam da sua memória.

Essas censuras eram muito piores do que qualquer coisa que ela previra que não pudesse responder. Ela apenas baixou os olhos e apertou os dedos com força, furiosa por Génie não a ter preparado. Mas não, claro que Génie não falaria. Nenhuma mulher em sã consciência concordaria com a farsa se soubesse como as coisas realmente estavam entre o duque e sua duquesa.

Seu silêncio pareceu aos poucos desarmar Rochford. Seu rosto perdeu a rigidez e sua voz era mais gentil quando ele disse:

- Vejo que você ainda está muito abatida. Você perdeu peso. Imagino que seu vestido esteja folgado.

Parecia que não podia escapar dos olhos penetrantes do duque.

- Talvez, - ela admitiu. - Eu não conseguia comer muito. Minha velha enfermeira gostava de passar fome.

Pela primeira vez, um leve sorriso iluminou seu rosto.

- Então eu também,

Sentiu um calafrio, e sua expressão mudou para uma consideração amigável.

- Você está com frio. Venha sentar perto da lareira. Ele ofereceu a mão a ela, e ela a pegou, contente com o apoio. Ele a levou até uma cadeira e puxou-a com cortesia. Quando ela estava sentada, ele disse: - 'Eu entendo que você pegou a infecção da sua avó?

Ela balançou a cabeça, sorrindo.

- Não, Grandmère nunca sucumbe a infecções sazonais. Ela considera uma fraqueza estar doente.

Ele pareceu um pouco surpreso.

- Mas, certamente, foi para zelar ao leito de doença dela que você viajou para Sussex.

Ela deu um pequeno suspiro. Ela mal havia entrado na casa e já havia feito um deslize óbvio.

- Ah, sim, mas não foi gripe. Grandmère sofreu uma queda muito ruim. Naturalmente, por causa da idade dela, estávamos todos mais preocupados, mas era muito menos sério do que se pensava.

- Entendo. - Naquele momento, Sturridge entrou para anunciar o jantar, e o duque, pontualmente, ofereceu a Minette o braço dele. - Podemos ir?

Minette não tinha olhos para a beleza da sala de jantar, embora valesse a pena observar. Além das impressões de lambris de carvalho, prata, cristal e uma profusão de flores, ela não notou nada. Seus pensamentos eram caóticos demais para permitir que ela fizesse mais do que escolher os cursos oferecidos a ela e responder às várias observações inesperadas feitas por seu acompanhante.

- Recebi uma carta de Arabella, - comentou, pegando um pêssego e cortando-o cuidadosamente em quatro. - Ela ainda pede para ser tirada da escola e, realmente, acredito que ela está perdendo seu tempo lá. Você deve se opor a que ela viva conosco permanentemente?

- Me opor? Por que eu deveria?

Ele levantou uma sobrancelha e disse:

- Eu não tive a impressão de que você, er... não gostou dela exatamente.

Ela encolheu os ombros, à maneira de Eugénie.

- Eu mal a conheço. Mas, claro, esta é a casa dela. Tenho certeza de que nos tornaremos melhores amigas.

- Estou feliz que você tenha certeza. Confesso que isso tornaria a vida mais fácil. Você pretende permanecer no castelo ou vai voltar comigo para a cidade?

- O que você preferir, é claro.

- De repente você está muito amável. Pensei que você não suportasse a cidade essa época do ano.

- Eu disse isso? Não me lembro exatamente.

- Ah, essa sua memória! Foi no momento do meu último convite para você me acompanhar.

Ela encontrou seu rígido olhar com um sorriso vacilante.

- Tive muitos compromissos - não pude – é isso.

Ele pegou uma noz e a quebrou entre os dedos, sem recorrer aos quebra-nozes prateados.

- Tive a impressão de que a cidade era insuportável apenas enquanto eu estava como devo dizer? Passando por ela.

O que mais Genie escondeu dela? De repente, o quarto estava muito quente e ela levou o copo de vinho aos lábios com uma mão trêmula. Um pouco do líquido derramou em seu colo, deixando uma mancha escura na seda pálida.

- Não sei como de onde você teve essa ideia. Foi apenas isso...

- Eu tirei essa ideia de, quando voltei para a cidade, você de repente saiu para visitar sua avó, que mora, gostaria de ressaltar, na cidade. - Ele pegou a semente de dentro da noz e ofereceu a ela. - Parece claro para mim que minha pessoa não é compatível com você, seja na cidade ou no campo.

- Não, não, você está enganado!

- Eu acho que não. Você tem uma personalidade falante, minha querida. Seus sentimentos por ocasião do nosso único e breve encontro amoroso eram perfeitamente evidentes.

De repente, era tudo demais. Sua voz fria e indiferente, o calor, a mágoa pela maneira como Grandmère e Eugénie a empurraram para essa situação, tudo isso contribuiu para a súbita tontura que a

tomou. Ela se sentiu escorregando da cadeira e não sabia mais nada até se encontrar deitada em um sofá na sala de estar.

- Beba isso, minha querida.

Ouviu a voz de Rochford, agora mais gentil. Ele segurou um copo nos lábios dela e a forçou a engolir um pouco de um velho e fino conhaque. Ela engasgou e tossiu, mas, no momento, conseguiu se sentar atordoada e colocar a mão na testa.

- Ah, peço perdão. Isso foi estúpido – disse ela, tentando se acalmar.

Mas, enquanto ela falava, lágrimas vieram aos seus olhos e escorriam sobre suas bochechas.

- Não é necessário pedir desculpas a mim. Você ainda está doente, e eu deveria ter evitado importuná-lo com queixas do passado. Você que deve me perdoar.

Ela olhou para cima rapidamente. Ele a estava encarando com muita frieza, nem um pouco como se estivesse realmente arrependido por suas palavras.

- Não, não. É apenas a gripe. Sempre tem uma recaída, você sabe. Realmente, se você não se opuser, acho que seria melhor ficar aqui quieta.

- Como quiser. Sem dúvida, haverá arranjos a serem feitos para o Natal. Vou lhe dar uma lista das pessoas que gostaria de convidar e, quando você se sentir mais à vontade, talvez tenha a bondade de enviar os cartões?

- Sim, claro. Eu esqueci. Quantos convidados você espera?

Ele levantou uma sobrancelha, mas se absteve de comentar sobre isso, mais um lapso de memória. Ela mordeu o lábio e refletiu que muito em breve surgiria algo que ela não poderia ter esquecido.

- Não mais que uma dúzia. Apenas a família e alguns velhos amigos.

- Isso será muito agradável, sem dúvida.

- Será muito tedioso. No entanto, devemos cumprir nosso dever, e é apenas uma vez por ano. - Ele ficou olhando-a com ar intrigado.

- Há algo diferente em você esta noite, Eugénie.

Ela levou a mão até a testa e suspirou.

- Eu estou muito apática, eu sei.

- Não, eu estava realmente pensando que você está mais bonita do que de costume.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa, chocada. Ela jamais esperava por isso. Ele interpretou mal a expressão dela.

- Não se assuste. Não tenho intenção de fazer valer meus direitos matrimoniais. Aprecio apenas a imagem artística que você apresenta.

- Você ama a beleza, - ela disse suavemente. - Você se envolve com ela.

- Infelizmente, a beleza não é contagiosa. Como sabemos não se transmite. - O rosto dele se contorceu de modo que, por um momento, até o lado sem cicatrizes pareceu feio. - Não imagine que eu te culpo por sua repulsa. Eu me culpo apenas por ser irrealista o suficiente para ter esperança - ele interrompeu e riu em um tom desagradável.

Ela baixou os olhos e ficou em silêncio, embora desejasse falar. Não havia nada nojento para ela naquelas cicatrizes terríveis. Depois dos primeiros momentos, ela mal os notara. Mas ela não podia dizer isso a ele. Pois Eugénie achava o marido hediondo, e seria crueldade, não bondade, fazê-lo acreditar em qualquer outra coisa.

Talvez a expressão dela falasse por ela, no entanto, ele disse em um tom suave:

- Você era jovem demais. Foi um erro meu, mas não deixarei que isso a incomode. Não tenha medo.

- Sinto muito, estou muito cansada. Acho que vou para os meus aposentos. - ela conseguiu dizer.

- É claro. - Ele levantou a mão dela e fez como se quisesse beijá-la; mas, antes que seus lábios a tocassem, ele mudou de ideia, recuou, curvou-se e a soltou. - Boa noite.

- Boa noite.

Minette ficou acordada boa parte da noite. Por volta da meia-noite, ela ouviu passos firmes e viu uma luz de vela debaixo da porta de seu quarto. Ela prendeu a respiração, instintivamente tensa sob a colcha pesada de brocado. Os passos não pararam diante de sua porta. Mesmo assim, demorou muito para que ela dormisse.

Quatro

Na manhã seguinte, ela acordou com os olhos pesados de uma noite mal dormida. Bebendo com satisfação seu chocolate, ela assistia Becky movimentar-se pela sala, abrindo as cortinas da janela para deixar entrar o sol de inverno e acendendo o fogo, que havia sido aceso horas antes por um ajudante.

- Que horas são? – Perguntou ela.

- São onze horas, Senhora.

- Meu Deus, faz muito tempo que eu não durmo até tão tarde!

- Sinto muito se errei senhora, mas o Sr. Sturridge disse que você nunca toma seu chocolate antes das onze.

Minette mordeu o lábio e silenciosamente se julgando uma idiota. Ela tinha que parar de oferecer informações voluntárias. Claro, isso não importava com Becky, mas o duque não era tolo. Seus erros estavam aumentando.

- Não, não, você não fez nada errado. O tempo que fiquei com minha avó, é claro, eu me levantava mais cedo lá. Foi o que eu quis dizer.

- Espero que a pobre velhinha seja melhor.

- Está sim, obrigada. - Ela esticou os braços acima da cabeça e tirou a bonita touca de renda que cobria seus cachos. - O duque partiu para Londres?

- Ah não, senhora. Ele terminou o café da manhã há duas horas e está trancado com Wilkinson na biblioteca.

Minette desejou perguntar quem era Wilkinson, mas alguns instantes de instabilidade produziram uma vaga lembrança de Eugénie falando dele como o agente do duque. Seu coração se apertou. Quanto tempo os negócios dele levariam? E como ela iria passar o dia inteiro sem se entregar?

Ela permitiu que Becky amarrasse um robe vermelho escuro, favorito de Eugénie, enfeitado no pescoço e pulsos com cisnes. Um belo xale de seda pendia dos cotovelos, e um elegante lenço de veludo, na mesma tonalidade do robe, combinada com o banheiro.

Ela desceu as escadas com certa apreensão, mas não encontrou ninguém. Os criados estavam em seus afazeres, acima ou abaixo das escadas, e pelo que ela viu deles, o castelo poderia estar deserto. Ela vagou muito feliz, familiarizando-se com as salas públicas. Era reconfortante lembrar que a própria Eugénie passara apenas alguns dias no castelo quando se casou. Ela não teve tempo de estabelecer muitos hábitos, embora não se levantasse até as onze, obviamente, conseguiu impressionar os criados.

Depois de abrir várias portas de salas que eram frias e deprimentes, ela se viu em uma sala muito bonita e bem iluminada, onde havia uma boa lareira. Um bastidor de bordar, uma escrivaninha e várias bugigangas femininas a convenceram de que este era o quarto que ela deveria ocupar durante a madrugada e, conseqüentemente, ela se sentou ao lado do fogo se aquecendo. Ela olhou para o bordado na moldura, imaginando se era trabalho de Arabella. Ela tinha certeza de que não podia ser de Eugénie, pois sua irmã raramente pegava uma agulha. Logo, ela notou vários volumes encadernados em couro em uma pequena estante de livros e selecionou *Julie ou La Nouvelle Heloise*, um livro que muitas vezes lhe fora recomendado por sua avó, que aprovava seus sentimentos de espírito e preferia secretamente a chocante *Candide* de Monsieur Voltaire por sua própria satisfação.

Minette estava tão profundamente absorvida na confissão de amor um tanto detalhada de Saint-Preux pela adorável Julie que ela não conseguiu ouvir a porta se abrir. O duque entrou na sala e ficou por um momento na porta com uma expressão bastante confusa.

- Eugénie?

Minette não prestou atenção até que ele levantou a voz e disse novamente:

- Eugénie!

- Você me assustou, eu estava lendo.

- Eu vi - Ele reconheceu. - Você não me disse uma vez que a leitura era a maior dificuldade imaginável?

Minette se encolheu, então, decidindo que a ousadia era o único caminho que a serviria, ela disse:

- Eu não acho que você desejasse uma esposa estudiosa, senhor. Talvez todos nós suprimamos certas características nos

primeiros dias do casamento.

Ele inclinou a cabeça.

- Sem dúvida. Eu me pergunto o que mais você escondeu de mim.

Ela riu, mas balançou a cabeça suavemente.

- Foi muito gentil da sua parte, me fornecer livros em francês também.

- Sinto-me tentado a permitir que você me pense com mais consideração do que eu. Os livros eram da minha mãe. Ela era francesa, você se lembra.

- Ah sim. Admiro tanto esse retrato maravilhoso dela na sala de estar. - Ela estava em terreno seguro com esse assunto, pois, Eugénie havia descrito o retrato minuciosamente com ênfase especial na elegância do banheiro da falecida duquesa. - Ela era muito bonita.

- Ela era.

- E o final da sagrada rainha francesa *dame d'honneur* uma senhora de honra?

- Ela teve esse título antes do casamento certamente. - A boca dele se torceu em um sorriso irônico - Assim, minha preferência por uma esposa de nobre sangue francês.

- Percebi. Você se casou comigo pela minha linhagem. Como uma égua.

- Égua puro-sangue.

- E pensei que fosse me adicionar à sua coleção.

Ele se curvou ironicamente.

- Você é inquestionavelmente uma joia, minha duquesa.

Ela inclinou a cabeça.

- Estou feliz por lhe satisfazer a esse respeito, pelo menos.

- Parei de esperar por qualquer outro tipo de satisfação que venha de você, certamente.

Foi a segunda vez que ele usou a palavra "esperança" em conexão com as relações deles. Estava ficando óbvio para Minette que Rochford não era de modo algum tão indiferente a Eugénie quanto sua gêmea afirmou firmemente. Sua posição seria dez vezes mais perigosa se Rochford estivesse de fato apaixonado por sua

esposa. A restrição certamente estava fadada a dar lugar a sentimentos mais naturais, e então ela estaria realmente perdida.

Ela não respondeu, apenas inclinando a cabeça um pouco para que caísse como uma flor adorável e desbotada em seu caule frágil.

- Você notará que não pergunto por que se casou comigo - continuou aquela voz suave e impessoal. - Na França, as moças da sua classe fazem o que elas precisam para a família quando se trata de matrimônio.

Ela levantou a cabeça e disse ousadamente:

- Se você sabe disso, então fica mal culpar-me por minha obediência. Por acaso, nasci e fui criada na Inglaterra, mas minha família continua decididamente francesa nesse aspecto. Mas você, certamente, não havia necessidade de fazer um casamento de conveniência.

- Eu desisti de pensar em um casamento amoroso há alguns anos. - Ele respondeu com um rápido olhar de soslaio para um espelho pendurado acima da lareira.

Ela reprimiu o impulso de dizer a ele que a ruína de seu rosto não impedia o tipo de amor que ele acreditava ter negado a si mesmo.

- Então nenhum de nós ficará, nem ao menos, desiludido, - observou ela.

Ele encolheu os ombros.

- O que você está lendo?

- Julie ou *La Nouvelle Heloise*.

- Uma obra singularmente tola. O marido é um pateta. Nenhum homem sensato permitiria que o antigo amante de sua esposa ministrasse aula aos seus filhos.

- Ele faz isso? Eu não cheguei a essa parte. Mas se a dama permanecer virtuosa...?

- Descobri que não adianta expor a virtude a muita tentação.

- O amor deles parece ter uma natureza cerebral e de alto nível. Muito elevado, de fato.

- Então, ela também pode ser irmã dele! Não tenho paciência com essa tolice sentimental.

Ela riu.

- Devo dizer que acho que também não faz sentido. Ele escreve uma carta com páginas sobre como a adora, quando certamente tudo o que precisa fazer é pegar a mão dela e falar.

Ele sorriu.

- No entanto, isso não seria um livro muito longo.

Ela fechou o livro.

- Você gostaria de falar comigo sobre algum assunto em particular?

- Apenas para fornecer a lista de convidados para a nossa festa de Natal.

Ela pegou e olhou por cima. Dois nomes se destacaram como se estivessem escritos em fogo, Lord e Lady Ashbury. Então, a amante do duque seria da festa da família. Quão civilizado. Pelo menos a libertou de qualquer medo de ser honrada com as atenções do marido. Não! O marido de Eugénie, não o dela, ela se corrigiu, horrorizada. O que ela estava pensando? Ela olhou para o papel novamente.

- Seu primo Franklyn?

- Sim, por que não?

Ela ficou calada. Eugénie distorceu a situação entre os primos? O medo de errar a mantinha constrangida e silenciosa.

Ele parecia interpretar o silêncio dela de acordo com suas próprias ideias.

- Eu pensei que você ficaria satisfeita. Ele não é um dos seus admiradores mais dedicados?

- Talvez. - Ela colocou a mão na boca e bocejou delicadamente.

- Você não gosta dele? Bom, eu também não. Mas a mãe dele sempre foi muito gentil comigo e, por ela, me esforço para manter a conexão. - Ele se levantou abruptamente. - Eu pretendia voltar à cidade hoje à noite, mas Wilkinson me disse que há questões em que devo investigar em particular, uma disputa que exige meu envolvimento. Eu confio que minha presença não vai te incomodar?

- Esta é a sua casa. Você não precisa da minha permissão para passar um tempo aqui.

As sobranceiras dele se ergueram.

- Que gentileza da sua parte. - Ela não respondeu, e ele disse, com o ar de alguém deixando de lado um assunto desagradável. -

Decidi tirar Arabella da escola, afinal. Se eu me recusar, ela é capaz de fugir e causar um escândalo. Vou mandá-la até você em alguns dias. A companhia dela evitará que você se atrapalhe.

- Pobre criança. Tenho certeza que ela não achará isso muito divertido.

- Se eu conheço Arabella, ela ficará de paquera com um caipira local em poucas horas após sua chegada. Por favor, fique de olho nela. Ela é capaz de passar dos limites sem ninguém a ter influenciado.

- Mas certamente...

- Certamente...?

- Eu entendo que ela te adora. Ela deve querer fazer o que lhe agrada.

- Não sei quem te disse isso. Certamente não fui eu.

- Foi a impressão que tive dela. Ela fala de você com muito carinho.

Ele riu.

- Bem, se for o caso, eu só posso dizer que ela esconde muito bem. Se você me perguntasse, devo dizer que ela me considera um tirano severo e implacável, com um pé na cova. - Ele olhou para o rosto dela, o riso desaparecendo do seu. - Como você, suponho.

Os olhos dela correram como um raio de busca de seu único olho bom. Ela balançou a cabeça.

- De fato, não acredito que nenhum de nós seja tão tolo a ponto de pensar que você tem um pé na cova à meia idade. E, até agora, para mim, pelo menos, você não foi tirânico.

- Não se engane, - ele respondeu deliberadamente. - No que diz respeito ao bom nome da minha casa, posso ser ditatorial o suficiente. Não aceitarei nenhum tipo de escândalo associado a você ou ela. Evito em trazer à tona o assunto de nossa discussão anterior, ou melhor, dizendo, briga sobre sua conduta desde o casamento. Não tenho intenção de enfatizar a questão enquanto você não está bem, mas, acredite, eu quis dizer o que disse. Por mais modesto que eu seja permitir que um galanteador sussurre belos discursos em seu ouvido, não vou tolerar. Estamos entendidos?

Para Minette, achava estranho que sua irmã gêmea, lamentando a morte de seu amante afogado, casada com um homem que ela não podia amar e esperando um filho que não fosse dele, pudesse ter encontrado tempo ou inclinação para se relacionar com outro. Então ela apenas respondeu em um tom calmo e gentil:

- Você não precisa ter medo, senhor. Jamais agirei contrariamente aos seus desejos. Você só precisa me informar quais são.

- É isso só isso, minha querida? Talvez eu deva... um dia.

Cinco

Minette passou a maior parte do dia seguinte sozinha. Rochford saiu com Wilkinson depois de um café da manhã solitário e enviou um aviso, através do mordomo, para não esperar que ele voltasse até que estivesse na hora de se preparar para o jantar. Houve uma desavença entre dois dos agricultores inquilinos do duque e Wilkinson com sua gentileza teve que resolver. Ele havia mencionado a ela durante o jantar que Wilkinson era antiquado em suas ideias, e o inquilino, um jovem com visões científicas sobre agricultura, provavelmente estava certo. Ela logo percebeu que a palavra de Rochford era lei no distrito e considerou que ele possuía uma grande quantidade de poder para o bem ou para o mal sobre muitas pessoas. Ela se perguntou como ele exercia esse poder. Ele parecia manter a casa com respeito e carinho, mas isso não estava de acordo com a impressão que Eugénie se esforçara para dar a ela.

Por volta das três da tarde, o céu escureceu e um vento repentino rajou assobiando através das árvores sem folhas do parque. Com o vento veio uma chuva forte, caindo tão forte que ricocheteava no pátio de paralelepípedos e atingia as janelas com uma força poderosa. Minette, que viveu perto do mar durante a maior parte de sua vida, permaneceu serena, mesmo quando o céu estava cheio de grandes relâmpagos. Mas ela estava um pouco preocupada com Rochford e seu companheiro, esperava que tivessem encontrado abrigo contra a tempestade.

A porta se abriu e Sturridge entrou na sala. Ela havia notado que, desde a sua chegada, esse antigo retentor se curvara um pouco, e a expressão em seu rosto era quase amável quando ele disse:

- Vim informar sua Graça que acendi as lareiras na Long Gallery.

Ela percebeu que deveria ficar satisfeita com esse anúncio, mas estava bastante perdida.

- Obrigado. Mas, por favor, o que é a Long Gallery?

Sturridge se permitiu um pequeno sorriso, indulgente com tal ignorância.

- A Long Gallery, sua Graça, é um cômodo localizado na ala Tudor do castelo. Em dias difíceis como esse, é costume das damas da casa fazerem seus exercícios lá. Ocorreu-me que você não pode dar um passeio nos arbustos devido ao clima ruim.

- Foi muito atencioso da sua parte. Eu gostaria muito. Mas não sei o caminho e preciso pedir que você fosse meu guia.

O velho mordomo foi com toda gentileza.

- Sim, seria ótimo, minha quer... sua Graça.

Minette sorriu para si mesma. Teria o velho criado quase cometido à insensatez de chamar sua senhora de 'minha querida'?

- Siga-me, por favor, sua graça. Devemos passar pela sala de jantar, pela Galeria Italiana até a Biblioteca, pela Câmara de Recepção do Estado e...

- Sim, sim, apenas mostre o caminho, - disse ela, dando-lhe um empurrãozinho. Nunca antes ela apreciara o tamanho do castelo. Apressando-se após Sturridge, que se movia a uma velocidade surpreendente para um homem de sua idade, pareceu levar uma eternidade a percorrer infinitas escadas e galerias, cada uma impressionante a seu modo, até chegarem à Long Gallery. Este cômodo recebeu o nome apropriado. Datou do século XVI e media toda a extensão da mansão. Pareceu a Minette que cada centímetro do espaço da parede estava coberto de telas de grande valor, com molduras douradas. Ela reconheceu um David, um Titian, vários Rembrandts e duas belas paisagens de Watteau, mas essas não lhe interessavam. Rochford era um homem rico; ele poderia comprar uma dúzia de obras dos Velhos Mestres a qualquer momento. Mas os retratos de sua grande dinastia, esses estavam além do preço. Assim, tendo dispensado o mordomo com agradecimento, ela procurou as semelhanças de quatro séculos de Clarevilles, de grupos familiares em retratos de miniaturas, uma enorme tela que cobriu parcialmente a parede final e retratou o sexto duque montado em um belo cavalo de batalha cinza no meio de uma batalha não identificada.

Por fim, encontrou o retrato que procurava. Pendurado acima de uma lareira no centro da longa parede interna havia um retrato do

atual duque. Ele estava vestido para um dia de caça, sem chapéu e encostado distraído em uma árvore. Ele segurava a arma apoiada em um braço. Seu lindo Springer estava os seus pés, com o focinho marrom repousando sobre a bota. Minette analisou o semblante pintado e seus lábios suavizaram em um sorriso. Com facilidade ele poderia ter mostrado seu bom perfil para o artista ou exigido que o Sr. Lawrence encobrisse as cicatrizes. Mas não, como Oliver Cromwell, ele havia sido pintado de 'verrugas e tudo'. Como ele, ela pensou. Claro, ele não esconderia o rosto como se tivesse algo para se envergonhar. E então ela se perguntou se o conhecia tão bem depois de tão pouco tempo na companhia dele.

Ela se moveu um pouco e ficou contemplando um pequeno quadro de uma senhora bonita sentada nesta mesma galeria, com um jovem muito bonito ao lado de sua cadeira. A senhora estava olhando para o rosto sorridente do garoto e, como um golpe repentino, Minette percebeu que aquele era o próprio Rochford antes daquele terrível incêndio. Com mais atenção, ela viu que a dama com ele era a mesma que era retratada, radiante e jovem, no retrato pendurado na sala de estar. A senhora, então, era sua mãe. Mas como ela estava mudada! O artista pegou seu charme, mas também sua tristeza. A vida foi difícil para a nona duquesa?

Ela estava refletindo sobre a pintura quando, de repente, houve um clarão ofuscante de luz, e o silêncio foi quebrado por um forte impacto que parecia ecoar através da longa galeria. Ela correu para a janela e, olhando com dificuldade pela chuva forte, percebeu que uma árvore caía sobre um dos caminhos que levavam ao pátio do estábulo. Dois cavalos aterrorizados galopavam, sem cavaleiros, pelo caminho. Enquanto ela observava, os criados correram até os animais, pegando as rédeas enquanto sacudiam suas crinas.

Ela ouviu gritos e passos apressados e, parando apenas para pegar seu xale, correu para a porta, abriu-a e apressou-se em direção ao som de vozes. Mas ela ficou perplexa com o labirinto de cômodos e escadas, resultando em muitos minutos perdidos antes de chegar à parte da frente da casa. Ela encontrou Sturridge no corredor abalado, mas mantendo sua dignidade. As grandes portas duplas estavam escancaradas e as cortinas batiam violentamente com o vento que rugia através da câmara. Ele estava orientando

dois lacaios a encontrar cobertores e tábuas para serem usadas como maca.

- Sturridge, o que é? Quem está machucado? - Gritou ela sem fôlego.

- O mestre não está ferido, mas, ainda assim, é pior do que parece, sua Graça. O pobre Sr. Wilkinson está embaixo da árvore, e o mestre segurando o peso de um grande galho com as próprias costas.

- Oh, meu Deus! - Ela apertou as palmas das mãos nas bochechas, mostrando pânico, se forçando a pensar. - Precisamos de ferramentas, para tirar o peso de cima do duque. O que podemos usar?

O velho olhou em volta vagamente.

- Sim, era isso que eu estava pensando. Existem troncos na parte de trás das lareiras, mas não acho que seja longo ou forte o suficiente.

- Não, não, isso não daria, - ela gritou impaciente. - Além disso, não há tempo. Veja use um desses. - Ela apontou para duas colunas de mármore com cerca de um metro e meio de altura, uma em cada lado da porta, cada uma com uma urna cheia de flores da estufa.

- O que? Os pilares de mármore do mestre que ele trouxe da Grécia!

- Acho que eles nunca foram usados de maneira mais estranha nos últimos dois mil anos, e com o pior clima também! - Ela pegou a urna da coluna mais próxima e acenou para dois criados que estavam nervosos perto da porta. - Você, John e, e, Robert, não é? Cada um de vocês pode segurar este pilar e correr com ele o mais rápido possível para o duque? - Ela virou-se para Sturridge. - Corda, precisamos de uma corda! Encontre alguma e venha.

Os dois jovens lacaios fizeram o que ela pediu, cambaleando um pouco sob o peso a princípio, mas fazendo um bom trabalho. Minette, enrolada em uma capa com os cabelos escorrendo bagunçados pelo vento e pela chuva, os seguiram.

Felizmente, eles não tinham que ir muito longe, pois o duque e seu agente haviam quase chegado ao abrigo quando o desastre ocorreu. Wilkinson estava inconsciente, deitado de costas, com uma

perna esticada e a outra se torcendo embaixo dele em um ângulo não natural, com ossos irregulares projetando-se através do pano rasgado e ensanguentado de suas calças. Rochford estava agachado no peito do homem, apoiado nos cotovelos e joelhos enquanto, com as costas, ele segurava um galho meio lascado, pesado o suficiente para esmagar as costelas de um homem. Um grupo de homens estava ao seu redor, enquanto ela procurava vê-los, ouviu a voz de Rochford.

- Pelo amor de Deus, tome cuidado! Eu estou me equilibrando embaixo desse galho. Um movimento errado poderia esmagar a nós dois. - Enquanto ele falava, o tronco do carvalho caído rolou um pouco e a maior parte do galho mudou de posição. Um involuntário grito de dor foi arrancado do duque, mas ele se preparou e, com um esforço prodigioso que distendeu os músculos das costas, aliviou o peso do homem ferido mais uma vez. Ele sacudiu o cabelo molhado dos olhos e viu Minette em pé ao lado dele. - O que em nome de Deus você está fazendo aqui? Volte para casa!

Minette não deu a mínima importância a este comando. Em vez disso, ela calmamente instruiu John a inclinar a extremidade frontal do pilar para que ficasse logo abaixo do galho. Era em um ângulo muito baixo para suportar qualquer peso. Então Sturridge veio cambaleando pela tempestade com um rolo de corda.

- Boa. Dê isso para mim.

- Eugenie! Eu proíbo que você...

- Aqui, um de vocês, homens, pegue a...

- Eugenie, você está me ouvindo?

- Não. - Com cuidado, Minette deu um passo para o lado de Rochford e jogou a ponta da corda pela base do galho, onde se juntou ao tronco caído. Então ela se ajoelhou na lama e mexeu cegamente no buraco abaixo até encontrar a ponta da corda. Com o maior cuidado, ela repetiu esse procedimento três vezes e depois deu um nó. - Vamos, eu acho que vai aguentar. - Levantando-se, ela jogou a ponta livre da corda através do tronco para os dois lacaios. - Sturridge, quando os homens puxarem a corda, empurre o pilar na posição vertical enquanto eu o mantenho firme.

- Sim, Vossa Graça, - disse o velho servo, evitando decididamente os olhos fulminantes do duque.

- Agora, vou contar até três, um, dois, três!

A corda se esticou quando os dois jovens puxaram. A árvore rolou, o galho se afastou do duque e Sturridge, erguendo-se violentamente contra a base do pilar, conseguiu prendê-lo com força, de modo que todo o peso da madeira fosse sustentado pela coluna de mármore antiga. Assim que levantaram, Rochford ficou de pé cambaleando e enfiou as mãos sob o sobretudo encharcado de sangue de Wilkinson. Minette e Sturridge correram para ajudá-lo, e juntos puxaram o infeliz agente do perigo.

- Vocês podem soltar a corda agora, - falou Minette sem fôlego, os criados obedeceram a ela. O tronco rolou para frente, mas o suporte sustentou apenas se afundando mais na lama.

Sturridge, demonstrando alguma discrição, recuou, deixando seu mestre e a senhora olhando um para o outro.

- Como ousa me desobedecer? - exigiu Rochford, esfregando as costas da mão na boca. - Você poderia estar morta.

- Se eu não tivesse vindo em seu socorro, acho que você certamente estaria, - rebateu Minette em tom desafiador. - Ou você tinha um plano inteligente que eu não suspeitava?

Sua boca torceu.

- Eu iria pensar em um eventualmente.

Ele estendeu a mão para ela, e ela colocou a sua nela. Quando a sua mão se encontrou a lama fez um som como de um splash. Minette tentou permanecer solene, mas uma bolha de risada histérica a dominou e, após uma breve luta, ela caiu na gargalhada.

Rochford olhou para ela, balançando a cabeça enquanto um sorriso triste curvava sua boca.

- Essa é realmente minha delicada duquesa? Todo ensopada de lama e sangue, com seus cabelos emaranhados e suas saias molhadas e agarradas aos tornozelos?

- Sim, senhor, ou será assim que eu tomar um banho quente e colocar algumas roupas limpas.

Ele se inclinou para beijar a mãozinha suja que segurava.

- Tenho uma dívida com você. Obrigado.

O riso deixou seu rosto e se formou um nó na garganta. Ela modificou seu rosto para a indiferença e disse friamente:

- Você não está em dívida comigo. Eu fiz apenas o que alguém teria feito.

- Não, não diga isso, - ele disse rapidamente. - Tenho um grande prazer em estar em dívida com você.

- Não consigo entender por que você diz dizer isso.

- Não consegue?

- Esta é uma discussão muito tola e sem sentido, - disse ela, com tom de censura, e dando meia-volta, caminhava cansada de volta ao castelo.

Seis

Minette não encontrou o Duke de novo até o jantar, que foi servido mais tarde que o normal. Ela checkou a inclinação da cabeceira do Sr. Wilkinson em um dos muitos aposentos do castelo e logo tomou um banho e vestiu um roupão quente e suave de lã de carneiro marrom, com uma gola alta plissada com babados e mangas compridas e justas.

O Dr. Eastwood, meticulosamente vestido com um casaco cor de rapé e a peruca empoada de sua profissão, olhou por cima dos óculos para ela e disse com o sotaque de quem sempre tinha uma visão sombria da vida:

- É ruim, sua Graça, muito ruim. Um prejuízo grave para um homem da sua idade. O que chamamos de fratura composta do tibial anterior.

Minette não estava com disposição para essa arrogância médica.

- Sim, sim, pude ver por mim mesma que sua perna estava quebrada. A quem devemos notificar? Existe uma senhora Wilkinson?

O médico começou a guardar seus instrumentos, primeiro limpando os que estavam ensanguentados no lenço.

- Não, Wilkinson é viúvo há muitos anos. Acredito que haja uma filha em Londres. É bom que ele permaneça no castelo até que eu possa providenciar uma enfermeira para cuidar dele em sua casa.

Minette desviou o olhar dos instrumentos sangrentos, dizendo com esforço:

- É claro. Vou falar com a governanta Sra. Pritchard. Estou certo de que o duque dirá que deve ficar conosco enquanto for necessário.

O médico apreciou essa generosidade.

- Eu lhe dei um sedativo e, sem dúvida, ele dormirá por várias horas. Vou enviar meu aprendiz com uma receita de analgésico. Ele precisará disso quando acordar. Além disso, ele deve ser mantido

aquecido e consumir apenas água de arroz e um pouco de sopa, pois tenho certeza de que ele terá febre alta antes da manhã.

- Você volta hoje esta noite?

- Oh, eu não acho necessário. Amanhã de manhã, vou opera-lo, e isso o deixará muito mais confortável.

Minette pensou consigo que o pobre cavalheiro já havia perdido sangue suficiente, mas não fez nenhuma observação, simplesmente concedendo a mão e um sorriso ao médico antes de sair do quarto para tomar as providências para o atendimento do agente. Ela esperava que a governanta ficasse muito chateada, mas, enquanto conversava com a Sra. Pritchard, ocorreu-lhe que os modos da dama eram mais calorosos ela concordou, sorrindo, com tudo o que sua jovem senhora dizia e parecia ansiosa em obedecer.

- Agora, não se preocupe com nada, sua Graça. Nós cuidaremos do pobre cavalheiro. Você deve jantar e certifique-se de que o mestre lhe dê uma taça de um bom vinho tinto antes de se sentar. Você está muito pálida e era de se esperar, pelo que você fez. Tão corajosa como você foi!

Minette sorriu vacilante e as lágrimas enchiam em seus olhos. Ela não estava acostumada a receber elogios e ficou surpresa ao descobrir que a família agora a considerava uma heroína que salvara duas vidas, e uma delas de seu adorado mestre. Enquanto caminhava para o pequeno salão que dava para a sala de jantar, ela foi recebida por rostos sorridentes e pequenos murmúrios de apreciação de todos os lados.

Ela encontrou Rochford esperando por ela. Ele também havia se limpado de toda a lama trocou o casaco de equitação manchado e as calças de camurça por um elegante casaco de lã azul escura e calças amarelas justas. Ele se moveu um pouco rígido, como se suas costas doessem, mas não poderia estar pior após sua desventura.

- Eugénie, minha querida, venha sentar perto da lareira. Você está com frio.

- Não, não estou. - Seus dentes bateram, e ela tremeu involuntariamente. - Bem, talvez um pouco.

Ele pegou uma garrafa e derramou uma generosa medida de Borgonha em uma taça de vidro.

- Beba isso. Vai te fazer bem. - Ela sorriu para ele e pegou a taça. Os dedos dele roçaram os dela por apenas um momento, e foi como se ela tocasse uma chama. A mão dela tremia levemente, e ele a olhou com preocupação. - Foi tolice sair nesse clima quando você se recuperou recentemente da gripe. Sem falar da pura loucura de se colocar em perigo como você fez.

Ela tomou um gole de vinho e disse com compostura:

- Você exagera. Nunca corri o menor perigo. - Ela relaxou quando o gole quente do vinho a acalmou e se permitiu afundar nas almofadas da cadeira, agradecida por Grandmère, que nunca permitia que sua coluna tocasse as costas de uma cadeira, não estava lá para repreendê-la por sua postura desleixada. - Como aconteceu para que você ficasse nessa situação terrível? Quero dizer, com a árvore caída sobre você assim?

- Acredite, não foi intencional. Eu não tinha intenção de bancar o herói. O cavalo de Wilkinson empinou e o jogou quando o raio atingiu. Ele estava bem longe da árvore quando fui ajudá-lo, mas o tronco se mexeu e rolou na lama, e aquele maldito galho caiu em cima de nós dois.

- Intencional ou não, o Sr. Wilkinson certamente deve sua vida a você.

- Não seja tão dramática! Eu, diferentemente de você, realmente não estava no menor perigo.

Ela piscou para ele.

- Vamos concordar que nenhum de nós fez nada notável e mudar de assunto?

Ele balançou a cabeça.

- Não concordo com você, mas vamos falar de outra coisa. Por exemplo, por que a garota, que uma vez não suportava olhar para mim, arriscou a própria vida para salvar a minha?

Havia um brilho em seu rosto que ela nunca tinha visto no dele ou de qualquer outro homem. Um brilho de admiração e algo mais quente. O vinho pegou no fundo de sua garganta, e uma lembrança repentina a deixou séria. Este era o marido de Génie, não o dela. E Génie o odiava! Por que ela deveria fazer isso, sua irmã gêmea nunca entenderia; mas, como era assim, era seu claro dever repugná-lo. Não conseguiu transformar esse casamento sem amor

em um romance de conto de fadas por si mesma e, quando chegou a hora de partir, condenou Rochford à desilusão e amargura. Pelo menos ele não se importava mais com Génie do que ela por ele. Ela não deve permitir que seus próprios sentimentos se intrometessem ou influenciassem os dele.

Então ela disse com uma voz rouca:

- Você está sendo absurdo. Eu lhe disse que teria feito o mesmo por alguém em perigo. E você está completamente enganado ao pensar que eu não suportaria olhar para você. A verdade é que não pensei no assunto.

Duas linhas ficaram visíveis acima do nariz em uma rápida carranca, mas ele não parecia estar com raiva. Quando ele respondeu, seu tom era o de um homem tentando resolver um enigma.

- Não, esta não é você. Entendo que você deseja me distanciar por algum motivo, mas não é você.

- Claro, sou eu. Quem mais poderia ser? Eu não entendo você.

- Você está me enganando. Eu quis dizer que você estava desempenhando um papel desde o nosso casamento, mas, por algum motivo, desde que você voltou para mim, não conseguiu continuar.

- Você está enganado!

- Eu estou? Vamos fazer um teste.

Ele se inclinou sobre ela, colocou delicadamente as mãos em seu rosto e pressionou os lábios nos dela por um longo momento. Apesar de toda sua determinação, sua boca tremeu sob a dele e sua mão se levantou para acariciar sua bochecha cicatrizada.

Quando ele a soltou, ele estava tão pálido enquanto ela estava vermelha como fogo.

- Eugénie, minha querida, eu...

Eles foram interrompidos por Sturridge que, olhando-os com aprovação, anunciou:

- O jantar está servido, sua graça.

Não foi por acaso que Minette foi criada pela marquesa de Montauban. Ela sabia que nada era mais vulgar do que demonstrar todas as suas emoções. Ela nunca poderia imitar o charme reluzente de Génie, mas ninguém que a observasse calmamente

consumindo uma refeição leve enquanto mantinha uma conversa sem esforço com Rochford poderia ter imaginado que ela estava sofrendo tumulto interno.

Ela teve a impressão de que Rochford também estava conversando aleatoriamente. Seu olhar raramente deixava o rosto dela, e sua expressão ainda era a de um homem enfrentando um enigma. A certa altura, ele pensou no destino de seu agente e perguntou:

- Wilkinson tem tudo o que precisa?

- A senhora Pritchard se encarregou disso, - respondeu ela. - Ele estava dormindo quando eu o deixei. Não há nada a fazer senão mantê-lo aquecido e alimentar com líquidos quando ele acordar.

- Pobre e velho companheiro. Ele deveria se aposentar, mas não tenho coragem de sugerir isso.

- Por que você diz isso?

Ele olhou para ela interrogativamente.

- Você está realmente interessada?

- Porque não deveria estar?

- Porque na última vez em que você visitou Camer, ficou perfeitamente claro que estava contando os momentos até poder voltar à cidade.

Ela corou e olhou para o prato. Ela estava cometendo erro após erro; Grandmère e Génie deveriam saber como seria. Rochford suspeitava de algo, não havia dúvida, mas ela confiava que a verdade era absurda demais para lhe ocorrer. Ela deu de ombros e disse levemente:

- Mas desde então eu sofro tanto tédio no campo. Sempre as mesmas pessoas, as mesmas festas. Um período na cidade faz um ótimo intervalo.

- Estou muito feliz em ouvir isso.

Ele continuou conversando amigavelmente. Esse belo encontro antes do jantar pode nunca ter ocorrido. Mas, tolamente, ela ainda podia sentir a pressão dos lábios dele sobre os dela, e tinha certeza de que, sob a delicadeza dele, Rochford pensava em um pouco mais.

No entanto, quando ela se levantou para se retirar e deixá-lo, ele a surpreendeu dizendo:

- Darei boa noite e adeus por enquanto. Não tenho dúvida de que você deseja ir a seus aposentos para descansar depois de suas aventuras, e terei ido para Londres quando acordar.

- Você está de saída? Eu não sabia.

Já fiquei mais do que pretendia originalmente. Tenho compromissos na cidade que não devo negligenciar.

Rapidamente, ela se perguntou se um desses compromissos seria com Lady Ashbury e ficou bastante chocada com a pontada de ciúmes que a ideia a perfurava.

Ele se adiantou para abrir as amplas portas duplas para ela, acenando para o laçao. Ele pegou a mão dela e curvou-se sobre ela como se fosse um simples conhecido e apenas roçou os lábios contra a mão dela.

- Espero que você continue achando o campo refrescante. Se, no entanto, você começar a achar isso chato, lembre-se de que enviarei minha irmãzinha para aliviar sua solidão.

Ela sorriu com grande doçura.

- Estou ansiosa para tê-la comigo.

- Sabe, acredito que sim, - respondeu ele. - Você é realmente imprevisível.

Sete

Apenas uma semana depois que a carruagem de viagem, puxada por quatro belos alazões, tombou no pátio e parou próxima a entrada. Houve uma forte nevasca à noite, e o castelo agora parecia à fortaleza de algum feiticeiro, as torres e telhados cheios de neve que brilhava ao sol frio e banhava todo o pátio com luz a refletida. Produziu um efeito levemente sinistro.

No entanto, o mistério foi banido quando uma garota pulou impacientemente nos degraus e correu para dentro da casa, quase colidindo com Minette, que havia descido as escadas também correndo para encontrá-la, encantada por estar aliviada de sua solidão. Ela havia perdido até a duvidosa distração da presença de Wilkinson quando a filha do cavalheiro chegou e levou-o para sua casa em Londres, na bem-carregada carruagem do duque. Os dias que se seguiram foram tristes e inacreditáveis, e apenas a antecipação da chegada da irmãzinha de Rochford permitiu que ela apoiasse seu espírito.

O primeiro pensamento de Minette foi que Arabella não se parecia nem um pouco com seu irmão. Ela era baixa e bastante gorda, com cabelos castanhos brilhantes, olhos castanhos e uma cor rosada nas bochechas. Ela estava inadequadamente vestida com um bolero de tafetá rosa cravo, enfeitada com plumas de avestruz e dragonas. Seu capuz acolchoado combinava com as várias plumas de avestruz que balançavam na cabeça e estava amarrado abaixo das orelhas com um grande laço de cetim. Como ela persuadiu seus protetores para permitir que ela usasse um conjunto mais adequado a um pavão ou que faltasse a escola, Minette não podia imaginar. No entanto, logo foi explicado.

Tendo tirado seu bolero e touca, Arabella permitiu que Minette a conduzisse até a sala matinal, onde uma lareira ardia por horas, tornando a sala aconchegante o suficiente para que Arabella não sentisse frio, mesmo usando um vestido decotado, vestido de musseline transparente, ainda mais inadequado que bolero de tafetá.

- Você gostou do meu vestuário? - Ela exigiu, vendo os olhos impressionados de Minette observando todos os detalhes do vestido. - Como não gostar, né? Velha Priddy, é a nossa diretora, você sabe, teria um ataque, pois ela me mandou para a carruagem com o casaco velho e o gorro fechado. Mas eu tinha combinado com Madame Marlot que reservasse minha roupa em sua loja, e instruí John Coachman para parar e me troquei em dez minutos, tenho certeza. E os outros vestidos que eu havia comprado estavam todos guardados em um baú, e quando estavam todos na carruagem viemos embora. Vou queimar todos os meus vestidos antigos, porque não pretendo usá-los novamente, e estou perfeitamente certa de que minha filha não os quererá, por mais deselegante que sejam!

Minette engoliu em seco.

- Todos os seus vestidos novos são como este?

- Sim, num é lindo?

- Certamente. Mas receio que você se resfrie. Eu poderia lhe emprestar um xale se estiver com frio.

- Ah, uma ova! Qual é o sentido de comprar um vestido e depois escondê-lo sob um xale? - Ela pareceu perceber que essa resposta era um pouco desagradável e acrescentou: - Mas, obrigado, pela oferta.

Minette se viu gostando dessa garota exuberante e alegre. Tinha um entusiasmo que era estimulante muito diferente do refinamento forçado e estudado com o qual Grandmère insistira em inculcar suas netas. Ela sorriu e respondeu:

- Verdade. Mas parece uma pena desperdiçá-lo comigo e com os servos. Pense em como é irritante se derramar algo sobre esse musseline fino.

A essa altura, eles estavam bebendo chá com pequenos bolos doces e, certamente, havia uma imprudência na maneira como Arabella sacudia sua xícara de chá por isso, tornando a ruína de seu vestido uma ameaça muito real.

- Ah, eu vou subir e me trocar daqui a pouco. - Ela colocou um pequeno bolo rosa gelado em sua boca e disse com um tom grosso: - Você está doente? Desculpe, esqueci-me de perguntar como você está se recuperando. Philip disse que foi uma crise muito ruim.

- Philip? - Murmurou Minette, desatenta e preocupada.

Os olhos de Arabella se arregalaram. - Rochford, é claro.

- Ah, claro. Eu não estava prestando atenção. - Ela sorriu. - Minha cabeça ainda está um pouco confusa, eu estou com medo. Mas estou me recuperando. - Por dentro ela estava agradecendo a Deus por não se aventurar em se referir a ele como George. Eugénie nunca pensou em mencionar que na família ele era chamado de Philip.

Ela observou Arabella hesitar com a mão estendida sobre o prato de bolos. Então ela fez sua escolha e atacou o maior pedaço restante como uma raposa pegando um coelho. Grandmère ficaria horrorizada com essa demonstração de ganância e, se uma de suas netas fizesse isso, as consequências teriam sido graves. Minette, fascinada pela maneira como o musseline frágil se esticava sobre os seios fartos sua jovem visitante, resolveu falar a Sra. Pritchard que, a partir de agora, apenas fatias finas de pão com a mais leve manteiga devem ser servidas com chá.

Ela olhou pela janela e viu que o sol havia rompido as nuvens. A neve se transformou em lama, mas os caminhos de cascalho pelos bosques da casa haviam sido limpos e estavam razoavelmente secos.

- Vamos andar um pouco nos jardins? Você deve estar precisando esticar as pernas após a sua jornada.

- Ah não. Pensei em me deitar um pouco e ler. Eu tenho o livro mais emocionante do momento. É chamado de o Monge. Você já leu?

- Não, eu não li! Nem você deveria. É um trabalho muito inadequado para uma jovem solteira.

- Como você sabe se não leu? - Perguntou Arabella, razoavelmente.

Minette ficou bastante confusa com isso.

- Grandmère diz...

- Ouso dizer. Mas você dificilmente pode esperar que eu regulasse minha conduta com as ideias de sua avó sobre o que é adequado. Agora você pode.

- Não, não, acredito que não.

Era uma ideia completamente nova para Minette que os decretos de Grandmère não eram lei fora da família.

- Além disso, Philip sabe que eu estou lendo, e tudo o que ele disse foi que todos os bons personagens eram tão chatos que faziam uma torcida pelos maus.

Minette riu.

- Bem, se ele não se opuser - ela sorriu persuasivamente. - Eu vou andar, pois me sinto muito tola trancada em casa o dia todo. Você não vai me fazer companhia?

- Oh muito bem. No entanto, preciso me trocar primeiro.

- De fato, você deveria. E calce algumas botas confortáveis.

Ambas se retiraram para seus aposentos para trocar suas roupas por roupas mais adequadas para sair e, em seguida, voltaram. Minette, em uma capa de lã azul escura de pele de arminho e Arabella, em um casaco peludo e monótono que a reduziu imediatamente ao status da sala de aula. Minette, sentindo que essa sujeição merecia uma recompensa, insistiu em emprestar seu casaco de pele de zibelina à suposta cunhada, que foi aceito com alegria.

Elas andaram pelo extenso terreno por mais de uma hora e, quando Arabella finalmente voltou ao quarto, foi para tirar uma soneca e não ler um romance obscuro.

Minette, também se deitou, mas estava sem sono, começou a pensar seriamente. A máscara que ela desenvolveu permaneceu bastante imperdoável em sua própria mente, mas ela pensou que poderia reivindicar alguma redução em seus pecados, se quisesse usar Arabella. Por mais que ela amava Eugénie, sabia que sua irmã não faria o menor esforço para influenciar ou cuidar da criança. Mas Minette viu que ela poderia dar a Arabella a orientação de que ela precisava. Ela era uma garota com muito apetite saudável, não acostumada a conter. Depois de passar uma tarde com ela, Minette entendeu por que o duque estava preocupado com flertes inadequados. Ela astutamente julgou que já havia algumas indiscrições. Bem, ela pensou que poderia ver como influenciar a garota. Antecipar o casamento devia ser o objetivo deles. Arabella deve, portanto, estar convencida de que a maneira de conquistar um marido era se comportar e se vestir como uma dama. Após o

casamento, ela poderia dar liberdade às paixões e, presumivelmente, surpreender muito o marido encantado. Discrição seria necessário, é claro. Minette nem podia sugerir que o traje adquirido com expectativas tão encantadoras do modista Bath era vulgar ao extremo. Mas ela pensou que uma proposta para visitar um estabelecimento mais exclusivo em Bond Street não encontraria nenhuma oposição e tinha certeza de podia confiar em qualquer um dos proprietários desses empórios para fornecer um guarda-roupa para uma debutante tão recatado quanto possível. Seria caro. Ela escreveria para o duque com a proposta e - sentou-se de repente quando preocupações entraram em sua cabeça. Sua própria caligrafia elegante não era nada parecida com o rabisco de Eugénie. Como ela evitou colocar a caneta no papel por meses a fio?

Ela afundou nas almofadas. No momento, sua doença poderia ser sua desculpa. Arabella sabia escrever em seu nome, pois ainda não tinha forças para segurar uma caneta. Ela só podia esperar que Arabella não achasse estranho que uma mulher que pudesse caminhar rapidamente por uma hora na tarde de inverno, fosse incapaz de escrever uma nota curta.

Ela não precisava se preocupar. Essa perspicácia estava muito além das capacidades de Arabella. Ela aceitou a ideia com alegria e de bom grado escreveu uma nota para o irmão.

- Por favor, dite para mim. Vou dizer a ele que estou inscrevendo em seu nome.

Ela se sentou no escritório a mesa feita de madeira de nogueira com um pouco de interesse, pegou uma pena, testou a ponta desnecessariamente e disse:

- Estou pronta, Eugénie.

Minette ditou uma nota curta, apática, mas educada. Nela, propôs ao duque levar a cunhada para Town na semana seguinte e passar duas noites na Curzon Street.

- E termine com sua, etc., Minette, se quiser.

Arabella olhou para cima, intrigada.

- Minette?

Minette sentiu suas bochechas queimarem corando.

- Não, não assine Eugénie, é claro.

- Mas por que você disse Minette primeiro?

Sentindo que estava afundando cada vez mais em uma série de decepções e artimanhas, Minette respondeu rapidamente:

- É um nome usado para mim desde a infância por minha família. Esqueci por um momento que seu irmão nunca ouviu. - Ela conseguiu dar uma risada naturalmente. - Imagine seu espanto se uma senhora desconhecida escrevesse se propondo a ficar com ele.

- Minette é muito bonito. Mais bonito que Eugénie, eu acho.

- Eu também acho, - reconheceu Minette. Então, impulsivamente, ela disse: - Por que você não o usa? Seria tão confortável para mim. Quase como estar em casa.

Arabella corou.

- Eu adoraria. Seria como se fôssemos realmente irmãs.

Rochford não estava em casa quando as duas chegaram à Curzon Street em uma carruagem salpicada de lama e que os pegara na área de Dartford. Felizmente, a carruagem do duque era de fabricação tão excelente que elas estavam quentes e secas na parte de dentro, enquanto o pobre cocheiro estava ensopado no banco exterior.

Elas correram para dentro da casa e, apesar de estarem protegidas por um guarda-chuva segurado por um laçao, seus sapatos e anáguas estavam encharcados. Minette, olhando para o companheiro, viu que estava encarando o jovem extremamente bonito com um olhar de interesse.

Minette então encontrou a governanta da casa que se apressou para encontrá-los em um farfalhar do carpete de linho. Arabella, que, quaisquer que fossem seus defeitos, não tinha a menor postura, cumprimentou a senhora idosa com aclamação.

- Querida Sra. Mason, como estou feliz em vê-la.

- E é um prazer vê-la também, senhorita, está tão bonita como uma moeda nova. - Ela se virou para Minette, o sorriso indulgente foi substituído por uma gentileza e ela fez uma leve reverência. - Estou muito satisfeita em vê-la tão bem, sua Graça.

Minette se perguntou brevemente o que sua irmã havia feito para incomodar sua governanta, mas apenas assentiu e disse:

- Obrigada.

Nesse momento, a porta da frente se abriu e Rochford apareceu no hall de entrada. Arabella deu um grito desagradável, correu para

o irmão passando os braços em volta de seu pescoço.

- Philip, ah Philip.

Ele riu e beijou levemente sua bochecha.

- Não seja tão grosseira, Bella. O que eu fiz para merecer essas boas-vindas?

- Como se você não soubesse! Eu teria morrido se tivesse ficado mais uma hora naquela escola horrível. Você foi o anjo que me levou embora. E ainda melhor por ter me deixado ir à cidade com Minette.

Minette, observando Rochford com sua irmã, pensou em como a expressão de seu rosto se tornou mais suave. Então ele ergueu o olhar e a olhou por cima da cabeça encaracolada de Arabella. Sua expressão mudou para uma de acolhimento involuntário, que ele rapidamente disfarçou com indiferença. Ele fez uma reverência à duquesa e ela sorriu educadamente em reconhecimento.

- Minette? – Falou o duque em um tom confuso.

Minette deu de ombros.

- É um nome de estimação meu, usado apenas na família. Pedi a Arabella para usá-lo. Parece estranho e solitário não ouvi-lo mais.

- Minette. - disse ele, pensativo, apreciando o nome. - Combina com você.

Ela sorriu.

Obrigada. Eu devo ir e tirar essas roupas molhadas. Bella, querida eu tenho certeza que seus sapatos estão ensopados.

Lamentavelmente, Arabella ergueu a saia uns quinze centímetros e observou suas sapatilhas de cetim, que na verdade estavam escurecidas pela umidade.

- Você estava certa; Eu deveria ter usado minhas botinhas de criança. Estas sapatilhas estão arruinadas.

Rochford deu um tapinha no braço de sua irmã com desdém e disse:

- Eu pedi que o jantar seja servido às sete. Eu pensei que poderíamos assistir à peça depois. Você gostaria de ir Bella?

- Sim, claro! Pelo menos não é Shakespeare, né? Porque for...

- Não, não, não se preocupe. É a comédia mais recente, e posso garantir que vai ser muito divertido.

O duque virou-se para Minette e disse:

- Você se sente bem o suficiente para nos acompanhar, meu amor?

O carinho ardeu em seus ouvidos. Era uma conversa calorosa, e ela sabia sem sombra de dúvida que ele nunca havia se dirigido a Génie naquele tom. Havia perigo ali e deve ser observado. Ela estava prestes a recusar o convite quando Arabella se intrometeu falando alto.

- Claro, ela vai. Você está bem recuperada, não é querida?

Não havia saída para isso, principalmente porque ela desejava ir acima de tudo.

- Certamente. Eu gostaria de ir à peça.

Ela permitiu que Arabella unisse o braço ao dela e a acompanhasse até o quarto. Elas se separaram na porta dela. Minette deu alguns passos para dentro do quarto antes de notar um roupão de homem arremessado sobre a cama e um suporte de barbear no canto e perceber que, por inocência ou ignorância, Arabella a levara ao quarto de Rochford. Ela girou pálida e sem fôlego com medo da descoberta, mas era tarde demais. A porta se abriu mais uma vez e Rochford parou na entrada.

Mesmo confusa, ela não pôde deixar de notar como a figura alta e elegante que parecia emoldurar a porta. A ruína de seu rosto não era nada quando colocada ao lado do poder que ela tinha em seu olhar e da virilidade que ele sempre parecia controlar, como se não fosse assustar sua jovem noiva. De repente, ela imaginou ter vislumbrado a verdade. E se o duque não tivesse se afastado de Eugénie como sua irmã tola pensara? E se ele estivesse simplesmente lhe dando tempo para conhecê-lo e confiar nele antes... Ah! *Bon Dieu!* O que ela deveria fazer?

- A que devo esta visita totalmente agradável? - Perguntou ele em um tom cordial.

Ela se recompôs.

- Eu queria falar com você em particular.

- Estou encantado. Mas, se você me convocasse, eu ficaria satisfeito em esperar por você em seu próprio aposento. Mas talvez você tenha pensado que seu convite poderia ser mal interpretado. Não tenho certeza se você foi sábia em escolher essa alternativa, no entanto. É ainda mais suscetível de... er... um equívoco.

Ele a observava com um sorriso à espreita, em desacordo com suas palavras formais.

Ela forçou uma risadinha.

- Eu não temo isso, senhor. Não acho que você possa interpretar mal uma situação.

- Sinto-me lisonjeado. - Ele sorriu e saiu da porta, caminhando em direção a ela com a mão estendida. - Estou feliz em vê-la desabrochando, meu amor. Você está totalmente recuperada?

Relutantemente, ela colocou a mão sobre a dele e, levantando-a, ele apenas a roçou com os lábios. O leve toque fez seu coração bater mais rápido, e uma cor rubra pintou suas bochechas. Ela não podia duvidar que ele notasse, mas ele não disse nada, apenas conduzindo-a a uma cadeira perto do fogo e colocando-a ali antes de tomar uma posição ao lado da lareira, descansando os ombros contra a parede de lambris.

- Bem?

Ela pensou em como realmente queria falar com ele sobre sua irmã, essa era uma oportunidade perfeita. Era, no entanto, extremamente difícil começar a falar com ele de pé diante dela com sua expressão cortês.

- Diz respeito à Arabella.

Ele riu.

- Pensei que você não a toleraria por muito tempo. Deseja mandá-la de volta para a escola?

- Não! É claro que não! A indignação lhe deu um tom mais natural e ela continuou com menos constrangimento. - Ela é uma criança querido, e partiria seu coração ser mandada embora novamente. Estou preocupada com ela.

- Eu também estou. - disse ele, cansado. - Você tem alguma sugestão a fazer?

Minette pensou e depois disse cuidadosamente:

- Ela é a mistura mais estranha de precocidade e inocência. Ela parece nunca ter sido ensinada a pensar seriamente, e sua cabeça está cheia de romance e, bem, não ajuda que você permita que ela leia livros como aquele horrível Monk.

Ele pareceu um pouco surpreso com este ataque.

- Nunca censurei a leitura dela. Certamente, ela tem senso suficiente para saber que tudo é um absurdo e não deve ser levado a sério.

- Isso é exatamente o que ela não tem.

Você vai me dizer o que você percebeu?

- Temo que ela possa ser facilmente manipulada e até seduzida por qualquer homem atraente que mostre interesse nela.

Ele assentiu como se ela estivesse apenas confirmando sua própria observação.

- Ela também é uma herdeira considerável, o que a torna um alvo. Essa é uma das razões pelas quais deixei você tanto tempo naquela escola miserável.

- Eu acho que foi um erro. Ela precisa socializar mais e não menos, para poder conhecer o tipo de rapaz que a tornaria como um marido elegível. Então haveria menos perigo de outro tipo se aproximar.

- Você deseja entregá-la? Mas ela ainda não tem dezessete anos.

- Não, não exatamente, mas se houvesse a possibilidade de alguns entretenimentos, me daria à oportunidade de comprar roupas mais adequadas para ela e talvez transmitir alguma medida de pudor. Quero dizer, se ela estiver convencida de que será necessário para o sucesso social.

- Eu não fazia ideia de que você era uma dirigente. Nem que você se preocupasse tanto com minha irmãzinha delinquente. Se você acha que pode fazer tudo isso, tente de todos os modos. Você tem a minha benção.

- Obrigada. - Ela se levantou e disse, sorrindo: - Devo me desculpar por invadir seu santuário masculino.

- Acredite, não há necessidade de pedir desculpas. - O sorriso dele desapareceu e ele acrescentou, em tom baixo: - Eu só queria ser tão bem-vindo no seu aposento quanto você no meu.

Os olhos dela brilharam para o rosto dele, subitamente apreensivos. Ele riu.

- Vou me despedir até o jantar, - ele fez uma pausa e acrescentou baixinho: - Minette.

Oito

Minette, contemplando seu próprio reflexo no espelho enquanto Becky amarrava seu vestido longo de renda azul-meia-noite sobre um forro de cetim azul, não podia deixar de pensar que o traje da jovem e duquesa ousada estava infinitamente se tornando mais para ela do que os simples musseline e vestidos redondos que ela usava em casa. O vestido exibia um decote de que ela não precisava se envergonhar, e se agarrava ao corpo dela da maneira mais atraente. Ela entregou a pequena Abigail um colar de safiras e diamantes da caixa de joias que transbordava em sua penteadeira. A garota apertou-a no pescoço de sua ama, onde se encaixava como uma pulseira. Minette levantou a cabeça, girando para um lado e para o outro à luz das velas, de modo que a tiara cintilava. Decididamente, ela poderia se acostumar a esta vida.

- Obrigada, Becky. Eu devo ir até a Srta. Arabella. Ela olhou a caixa de joias pensativa e estendeu a mão hesitando por um momento antes de puxar um colar de diamantes muito bonito. - Isso serve. - ela murmurou para si mesma.

Ela encontrou Arabella, alegremente fervendo de excitação, pronta para sair de seu quarto. Ela estava usando outro de seus novos vestidos. O amarelo pálido não dava cor a sua pele, nem o tecido transparente, projetado para ser usado por uma criatura delicada e fina, e não por uma colegial bruta. Minette não sonhou em contar isso para ela, mas, em vez disso, disse:

- Que humilhante! Você já está vestida. Queria lhe emprestar esse colar para a noite, mas não combina com o seu vestido. Ela levantou o colar, girando-o contra a luz.

- Oh que lindo! Mas por que não posso usá-lo com este vestido?

- Ah, a cor, o decote, está tudo errado. Deixa pra lá. Outro dia servirá. Tenho alguns colares de âmbar que serão muito bonitas com seu vestido.

Arabella lançou um olhar ansioso para os diamantes.

- Bem, com qual vestido eles combinam?

Minette escondeu um sorriso e, abrindo um grande armário, começou a procurar nos vestidos de Arabella.

- Esse seria perfeito. - disse ela, segurando um pedaço modesto de sarsnet (uma vestimenta da época) azul pálido com renda

branca. O corpete era decotado em forma de coração até a cintura alta e aparado com fitas de veludo azul escuro.

- Esse! Mas esse é um dos meus vestidos antigos.

- Mas veja apenas como os diamantes ficarão em destaque pela cor, e ele ficará tão bonito em volta do seu pescoço, sem nada para distraí-lo.

Claramente não convencida, Arabella se despojou do vestido amarelo e vestiu a desprezada sarsnet. No entanto, quando o colar foi preso em volta do pescoço, ela ficou tão satisfeita com a aparência que começou a sorrir.

- Oh, Minette! Pode me emprestar mesmo? Não tenho nada que seja e tão bonito de usar, embora tenha herdado todas as joias da minha mãe, elas estão trancadas e não posso usá-las até ter idade.

Minette deu um beijo em sua bochecha.

- Ele agora é seu. E amanhã compraremos um vestido para você realmente se destacar.

A garota se virou impulsivamente e a abraçou.

- É tão bom tê-la como minha irmã. Mamãe morreu quando eu nasci você sabe, e nunca tive ninguém com quem conversar sobre roupas, joias e coisas desse tipo.

- Bem, agora você me tem.

Minette deliberadamente afastou o pensamento de Eugénie e o que aconteceria quando ela voltasse. Ela não podia deixar de ser útil para Arabella, assim como não podia respirar. Talvez, no momento em que ela própria voltasse para casa, Arabella tivesse se comprometido e isso não importasse tanto, ou talvez pudesse convencer Eugénie a continuar interessada em sua jovem cunhada.

Ela colocou o braço em volta de Arabella e disse:

- Vamos mostrar a Philip como você está.

Ele estava esperando por elas em um pequeno salão que dava para a sala de jantar. Como todos os cômodos da casa Rochford, era muito bem decorado e cheio de tesouros que o duque trouxera para casa, de suas viagens. Por uma feliz coincidência, foi revestida de azul e branco de porcelana, proporcionando um cenário encantador para as duas jovens. Em um armário com fachada de vidro ao longo de uma parede, foram apresentados os inestimáveis

jarros e pratos de porcelana chinesa que a sala foi projetada para exibir.

- Veja o que Minette me deu! Exclamou Arabella quando ela entrou. Ela correu até o irmão e ficou olhando para ele, com todo o seu rosto brilhando de alegria.

Para tristeza de Minette, seu rosto endureceu quando ele se virou para olhá-la.

- Meu presente de noivado para você...? - Ele encolheu os ombros. - Você prefere as safiras, sem dúvida. É um colar bem chamativo, afinal. Pensei que o fato de pertencer à sua 'santa' rainha poderia ter tornado mais importante para você.

O rosto de Arabella caiu de vergonha.

- Oh, por favor, não fique com raiva de Minette. Foi minha culpa. Ela queria apenas emprestar para mim, mas eu o adorei muito...

- Entendo. - Ele sorriu para a irmã. - Ficou muito bem em você, Bella, mas se você não se opuser, acho que comprarei um colar para você. Até lá, você certamente pode emprestar este.

Arabella ficou satisfeita foi dançando para o outro lado da sala para se arrumar na frente de um espelho pendurado acima da lareira. Rochford olhou para Minette com firmeza, com o cenho franzindo as sobrancelhas negras.

- Você é a criatura mais incalculável. Quando lhe dei esse colar, você era, pela primeira vez, quase carinhosa comigo. Na verdade, você beijou minha bochecha, minha bochecha boa. E agora você entrega para minha devassa irmãzinha como se isso não significasse nada.

Minette percebeu que ela o machucara amargamente, e seu instinto de curar sua dor era mais forte do que sua discrição. Ela cruzou os poucos degraus que os separavam e, colocando uma mão no peito dele, ficou na ponta dos pés para tocar ligeiramente o rosto cheio de cicatrizes com as pontas dos dedos.

- Eu acho que esta é sua bochecha boa. - Disse ela suavemente. - Suas cicatrizes são um registro de honra e coragem, como as de um soldado.

Seu rosto magro ficou pálido e seus lábios se apertaram. - Que jogo você está jogando agora? - Ele exigiu com voz rouca.

Ela se afastou, chocada com a reação dele. - Sem jogos, eu juro.

- No entanto, apenas algumas semanas atrás, apenas a visão do meu rosto a deixou enojada. Não se preocupe em negar. Vi isso bem claro quando você se afastou de mim.

Ela conteve as palavras quentes que subiram aos lábios, horrorizada com a fúria que sentia, não por ele, mas por Eugénie por sua crueldade impensada. Talvez o silêncio dela tenha servido bem, depois de um momento, ele disse com uma voz mais suave.

- Me perdoe. Devo agradecer, suponho, que você tenha aparentemente superado sua repulsa.

Ela olhou para cima então, e um pequeno sorriso tremeu em seus lábios. Ele viu e de repente estendeu a mão para ela.

- Minette?

Mas então Arabella voltou de repente para exigir que Minette amarrasse suas fitas com mais força, o mordomo entrou para anunciar o jantar, e o momento foi perdido.

Minette, que vivera toda a sua vida em uma casa de pedra confinada com os pertences decadentes com os quais sua avó fugira da França, ainda não havia se acostumado à beleza de seu novo ambiente. A sala de jantar em que ela agora se encontrava, estava coberta de um papel de fundo vermelho-vinho. A mesa de jantar de mogno, polida até brilhar como um espelho refletia a prata dos candelabros e as chamas tremeluzentes das velas. A sala estava com um cheiro intenso de lírios rosa, altos e graciosos em vasos de cristal cintilantes. Comeram alimentos requintados e exóticos servidos na porcelana de Meissen, delicadas codornas com molho de açafrão, pequenos peixes prateados marinados em especiarias desconhecidas, um prato diferente feito segundo o duque, de grão de bico moído. Minette começou a ver que Rochford havia adquirido mais em suas viagens do que meros móveis.

Parara de chover quando a carruagem chegou ao teatro Adelphi, em Strand. A noite estava boa, mas fria, e Minette estava contente com a capa de ópera de veludo revestida de arminho que Rochford havia meticulosamente enrolado em sua duquesa. Arabella, que não parecia sentir o frio, insistiu que ficaria muito bem com um belo xale de Norwich, que ela usava com descaso para permitir ao mundo um vislumbre dos diamantes que brilhavam ao redor de seu pescoço.

A peça que Rochford selecionou foi uma alegre ópera cômica, intitulada '*Love and the Chase*', e não impôs grande pressão ao entendimento de Arabella. Minette, que nunca havia ido ao teatro antes, estava francamente encantada, mas astuta o suficiente para falsificar um tédio que estava longe de sentir. Eugénie, ela tinha certeza, condenaria esse entretenimento sem arte como um tédio terrível.

Na conclusão do primeiro ato, Rochford disse com um ar cansado:

- Suponho que agora seremos invadidos pelos galanteios habituais a você, meu amor.

Ela levantou as sobrancelhas interrogativamente. Ela não sabia nada da vida de sua irmã em Londres, exceto que rapidamente atraía a atenção do maior prêmio matrimonial da sociedade. O fato de sua irmã ter tido outros pretendentes não lhe ocorreu, nem que deveria ter encorajado as atenções deles, mesmo depois do casamento. Mas foi assim. Vários cavalheiros desceram para sua galeria, cumprimentando seu reaparecimento com aclamação. Ela era a bela duquesa, *La sans pareille*, a Venus de Rochford. Era tudo muito bobo e inofensivo, mas Rochford parecia considerar a multidão como muitos cães de caça. Na presença dele, os cavalheiros não se atreviam a falar intimamente com a duquesa, e assim ela foi poupada da necessidade de qualquer conversa que não fosse mais comum com seus admiradores. Ela respondeu aos gracejos com um doce que os fascinou, e eles juraram que ela estava mais adorável do que nunca.

No meio do intervalo, quando Minette tomou um gole de champanhe e Arabella, clandestinamente, adquiriu uma taça, que ela engoliu em seco e depois encheu várias vezes, um cavalheiro apareceu na galeria e fez uma reverência. Por um momento, Minette quase acreditou que seus sentidos estavam desordenados. O homem que se curvava diante dela era muito parecido com Rochford; Rochford como devia ter sido antes de sua desfiguração.

- Primo, ouvi dizer que você estava doente, mas vejo que isso era uma mentira. Você está tão radiante como sempre.

- Não sabia que você estava de volta à cidade, Franklyn - observou Rochford friamente, enquanto ele se levantava e estendia

a mão.

Eles apertaram as mãos e Minette teve a oportunidade de vê-los lado a lado. Franklyn Clareville era um pouco mais baixo que o duque, e seu corpo era mais notável pela graça do que pelo poder. Seus olhos eram azuis, não cinza, e seu sorriso era consideravelmente mais atraente. Ela sabia que eles eram mais velhos, mas não havia dúvida de que o duque parecia muito mais velho que o primo.

Houve um grito repentino quando Arabella largou a taça de champanhe e correu ansiosamente para frente da galeria onde os dois homens estavam.

- Frank! Frank! Estou tão feliz em vê-lo novamente.

Ela ficou na frente dele, com o rosto muito vermelho e os olhos grandes estrelados. Ele sorriu para ela. - Essa jovem elegante será minha prima? - Ele pegou a mão dela e se inclinou para beijar uma bochecha quente. - Eu não te conheceria, meu pequeno lírio.

Ela corou ainda mais. - Oh, você lembra! Ninguém mais me chama assim. Eu abandonei a escola agora, e preciso vestir roupas novas e... - Ela parou, ergueu um semblante de adoração a ele e disse: - Espero que nos vejamos em Camer neste Natal?

Minette, observando, pensou por um momento que ela leu o cálculo no rosto dele e isso a gelou. Então ele inclinou a cabeça e disse com sotaques carinhosos:

- Nada poderia me afastar agora.

Nove

Algumas perguntas cuidadosamente casuais feitas a Becky haviam armado Minette com o conhecimento de que sua gêmea da moda frequentava certo fabricante de mantua-marker um vestido muito famoso na época em Bond Street e, na manhã seguinte, as duas jovens foram transportadas para lá na carruagem de Rochford. Arabella, consciente de que entraria em um verdadeiro templo da moda, insistira em vestir-se com peles cor de rosa que adquirira em Bath e o chapéu horrível que a acompanhava.

Elas não foram as primeiras visitantes a perturbar o silêncio quase religioso do elegante estabelecimento naquela manhã. Duas senhoras já estavam lá, a mais nova das quais estava em pé na

frente de um espelho comprido enquanto uma serva de joelhos estava prendendo o babado de um encantador vestido para caminhada. Sua companheira, uma dama de uns quarenta anos que estava em uma parte escura da loja, virou-se e olhou para a porta quando o toque do pequeno sino anunciou as recém-chegadas. Ao ver essa senhora, Bella deu um gritinho agudo e parou de repente.

- Oh! Meu Deus!

- O que foi meu amor?

Perguntou Minette, distraída, enquanto se envolvia na beleza de um vestido de baile arrebatador exibido em um carrinho.

- Não olhe para ela agora, mas Lady Ashbury está aqui.

Apesar da censura de Arabella, Minette não podia deixar de espiar a amante de Rochford. A dama não era, e nunca poderia ter sido, uma beleza, mas seu semblante tinha uma doçura atraente.

Ela era uma mulher alta, esbelta e graciosa. Seu cabelo, que era de um marrom suave sob um chapéu muito estiloso, com leves riscos prata. Ao ver Minette, ela ficou um pouco sem jeito, mas se recuperou rapidamente, curvou-se e deu-lhe um pequeno sorriso forçado. Então ela se virou para a companheira e disse com uma voz melódica: 'Querida devemos ir, devemos continuar. Senhora, você mandará o vestido para casa até o final do dia, não vai?

- Certamente, minha senhora. - Ela chamou uma serva invisível em outro quarto. - O tafetá deve ser enviado hoje

para casa de Lady Ashbury. Certifique-se disso.

Então, ao avistar as recém-chegadas, a altiva proprietária correu para cumprimentar sua mais nova e mais desleixada cliente. Ela visivelmente empalideceu quando viu o estilo de Arabella. No entanto, quando Minette explicou que desejava comprar todo um guarda-roupa de roupas adequadas, com uma ênfase muito pequena na palavra "adequada" para uma jovem prestes a aparecer na sociedade, ela assentiu com total compreensão. Dizia muito por seu tato profissional que ela era capaz de convencer Arabella de que os vestidos recatados e caros que ela recomendava eram mais modernos e arrojados que poderia desejar.

A moça que havia sido vestida com um novo vestido de passeio retirou-se para

voltar a vestir seu traje e agora estava ao lado de Lady Ashbury. Uma suspeita horrível se abateu sobre Minette ao descobrir a identidade da dama alta, e ela examinou a jovem procurando por qualquer semelhança com Rochford. Ela não encontrou nenhuma e ficou com vergonha ao ouvir Lady Ashbury se referir casualmente à jovem como sobrinha quando se despediu da madame.

As quatro senhoras trocaram reverências e Lady Ashbury disse "bom dia", com uma voz embargada, antes de passar por elas com mais pressa do que civilidade. Minette teve um vislumbre de lágrimas nos olhos da mulher mais velha.

- Bem, devo dizer - comentou Bella com uma voz ofendida, - Eu acho muito inadequado. Alguém poderia pensar que

ela era a esposa de Rochford e você a amante dele do jeito que ela se comporta.

- Ela se ressentia do casamento dele, suponho.
- Então ela é uma grande tola. Ela devia saber que ele se casaria eventualmente. Afinal, ele deve ter um herdeiro e, mesmo que ela estivesse livre para se casar com ele, ela é muito velha para isso. Você não acha?
- Talvez - disse Minette, suavemente - Ela não deve achar que eu sou uma boa esposa pra ele.
- O que ela sabe sobre isso?
- Apenas o que Rochford disse a ela, eu imagino.
- Não seja tão ingênua, Minette. Philip nunca falaria de você com ela.

Minette riu.

- Você o conhece melhor que eu. Agora, vamos esquecê-la e escolher alguns vestidos novos para você.

Depois de uma manhã agradável, durante a qual as damas concordaram em comprar vários vestidos matinais de musseline branca, figurada, enfeitada e pura; três vestidos de caminhada de merino verde-oliva, casimira de pêssago macio e veludo azul celeste, respectivamente; um vestido de noite de seda azul-gelo com mangas na altura dos cotovelos, um decote modesto para arrematar o colar de diamantes e um tríplice babado na bainha; um bolero de casimira cinza-chumbo, enfeitada com pele de raposa cinza; e uma capa pesada para ópera de veludo de ouro claro, forrado de seda.

Então foram fazer uma visita à loja de chá Gunter para renovar suas energias logo após as mulheres voltaram à caminhada para visitar uma chapelaria ainda mais caro. A essa altura, até Arabella entendeu que os gorros que ela havia comprado de forma imprudente não serviriam para suas roupas novas, e ela estava perfeitamente disposta a comprar uma série de roupas muito bonitas, ornamentadas apenas com uma grinalda de flores de seda, um nó de fita ou um ramo de cerejas.

Sentindo que, se ela não fez mais nada durante seu mandato como duquesa de Rochford, pelo menos havia feito algo em benefício à irmã do duque, Minette retornou à Curzon Street com um humor melhor do que experimentara desde o início da farsa.

Uma jovem de vinte e um, desfrutando de excelente saúde, não se dá por vencida por um dia de compras. No entanto, a tensão de parecer familiar com pessoas e lugares sobre os quais ela não tinha conhecimento havia esgotado Minette, e ficou agradecida por deitar-se na cama por alguns minutos antes que se tornasse necessário trocar de roupa para o jantar.

Vestira uma túnica frágil, pois a lareira em seu quarto o tornava bastante sufocante e quente, apesar do vento frio uivando do lado de fora, e agora ela se recostava nos travesseiros dobrados, tentando impedir que suas pesadas pálpebras caíssem enquanto examinava os crescentes tédiosos. Julie ou la Nouvelle Heloise. Houve uma batida incisiva na porta e, antes que ela pudesse responder, ela se abriu e Rochford entrou na sala.

- Eu, eu, senti falta de vê-lo no café da manhã - disse ele com um constrangimento bastante diferente do seu jeito frio e habitual. - Espero que você tenha passado uma manhã agradável. Você limpou o banco?

Ela sorriu

- Acho que você ainda tem alguns centavos para pegar. Bem poucos.
- Se você conseguiu que ela descartasse aquele chapéu terrível, ficarei satisfeito.
- Eu fiz, mas apenas ao custo de meia dúzia de outros muito bonitos.
- Bom. - Ele se levantou, aparentemente sem condições de continuar. - Acredito que você comprou alguns para si? Você merece uma recompensa.

Ela riu.

- Já tenho tantos que não sei quando usarei a metade deles. Foi pra isso que você veio me ver? - Ela apontou para uma cadeira que ficava ao lado da cama.
- Você não vai se sentar?

Ele olhou para a cadeira e depois para a cama. Um calafrio a atravessou. Ela estava apreensiva, mas quando ele

escolheu a cadeira, ela ficou um pouco decepcionada.

- Não. Eu estive pensando na lista que eu te dei. Dos nossos convidados para o Natal.

- Sim?

- Você já enviou os convites?

- Não, me desculpe por...

- Não há nada para se desculpar. Eu só quero fazer uma mudança. Você poderia riscar Lord e Lady Ashbury da lista? Eu acredito que eles não estão envolvidos.

Ela voltou a se lembrar do encontro na loja. Suas palavras explicaram as lágrimas de Lady Ashbury. Ele deve ter rompido com ela! Ela se perguntou por que seu coração deveria cantar com essa notícia. Como isso poderia afetá-

la? Quando ergueu olhos para o rosto dele, estavam brilhando.

- Se esse é o seu desejo.

- Sim. - Ele estendeu a mão e ela pensou por um momento que ele pegaria a dela. Mas, em vez disso, ele pegou o livro que ela deixara de lado e folheou as páginas. - Ainda está lendo essa bobagem monótona?

- Pois sé.

- Ontem à noite, você percebeu? Pareceu-lhe que Bella parecia muito interessada...?

- Com seu primo Franklyn? Sim, sim.

- Ela sempre o adorou, desde quando era pequena, mas eu não confio nele.

- Você me disse que ela é uma herdeira. Ele precisa de dinheiro?

- Ele está sempre precisando de dinheiro.
- O suficiente para tentá-lo a se casar com uma adolescente?
- Mais do que o suficiente. Quando Arabella atingir a maioridade, ela terá posse de mais de cem mil libras.
- Deus do céu! Eu não fazia ideia. Não é à toa que você deseja mantê-la segura.
- A salvo de Franklyn, sim, certamente, vou fazer o possível para detê-lo.
- Porque - ela hesitou um pouco e depois disse - por causa do que ele fez com você? Seu rosto?

Ele se virou para ela, uma expressão apreensiva em seu rosto.

- Não. Foi há quase vinte anos quando éramos dois garotos de cabeça quente. Que eu possa perdoar. Mas desde

então, Franklyn provou repetidas vezes que ele é cortado do mesmo tecido que meu falecido e reverenciado pai, e não deixarei que a vida de Bella seja um fardo para ela como a de minha mãe.

- Naquela tarde, quando a árvore foi atingida, passei algum tempo na Long Gallery. Vi um retrato de sua mãe e fiquei imaginando, ela parecia tão triste.

A vida dela era muito ruim?

- Ela se casou com um homem que adorava e descobriu que ela significava menos para ele do que a mulher que engomava seus cadarços. - A voz dele era leve, mas ele não conseguia disfarçar a amargura por baixo. - Ele era um homem que tinha prazer onde e quando imaginava, exibindo suas mulheres na cara dela, trazendo-as para o castelo ou se deitando com as que já estavam lá.

- Pobre senhora. - Ela olhou para ele, e sua voz era muito suave quando disse: - Deve ter sido difícil para você testemunhar a dor dela.

- Jurei que nunca daria a uma mulher motivo para me amaldiçoar como ele. Não sei se consegui, mas pelo menos tentei.

Ela sorriu.

- Muitos cavalheiros nem fazem isso, eu entendo a natureza deles. Mas como podemos impedir seu primo?

- Não faço ideia. Se ela for ao clube, não posso impedi-la de encontrá-lo em todas as festas que ela frequenta. Posso não a deixar entrar lá, também posso muito bem forçá-la aos braços de um pretendente ainda menos elegível. Você acha que devo excluí-lo do Castelo Camer neste Natal?

Ela considerou, franzindo a testa lisa e torcendo um dos cachos escuros ao redor do dedo.

- Não, acho que não. - disse ela eventualmente. - Ela não pode prejudicar você e eu cuidando dela e de uma casa cheia de convidados. Você não deve transformá-lo em fruto proibido, você sabe.

O olhar dele permaneceu no rosto dela e depois se moveu lentamente sobre seu corpo tentadoramente revelado pelo manto transparente.

- Frutas proibidas são os mais doces. - ele concordou com um sorriso irônico.

De repente, ela ficou sem fôlego e, quase sem saber o que disse, falou.

- O bom Deus não proíbe uma esposa para o marido.

Com um olhar confuso e de
desconfiança ele disse:

- Gostaria de saber por que você mudou
tanto.

A lembrança de repente a inundou. Este
era o marido de Eugénie. Ela não podia,
não devia permitir-se sentir, se importar.

A miséria que isso causaria a ela não
era nada, mas para ele a diferença
quando Eugénie retornasse seria muito
cruel.

- Eu não mudei senhor, - disse ela com
cuidado. - Sempre estive preparada para
cumprir meu dever.

- Seu dever! Para o diabo com o dever.

Ele a alcançou, arrastando-a pela cama,
e ela se viu cativa em seus braços
enquanto ele reclamava seus lábios em
um beijo que machucou sua boca macia
e colocou seus sentidos em chamas.

Uma fome dolorosa que a atingiu pela primeira vez em uma vida de inocência.

Suas mãos eram habilidosas e poderosas, acariciando suavemente seus braços nus, a silueta de seus seios sob a renda frágil de sua túnica, a curva graciosa de seu pescoço, fazendo com que cada centímetro de sua carne cantasse radiante para a vida. No entanto, ela estava quieta nos braços dele, apaixonada demais como uma colegial para deixá-lo sentir sua resposta às novas e assustadoras sensações que ele havia despertado nela, até o momento em que ele levantou a boca da dela e pressionou sedutoramente os lábios no oco da base de sua garganta. Quando sentiu o hálito quente em sua pele e o toque de seus lábios em um lugar onde nenhum homem a havia tocado antes, sentiu como se seu coração e seus nervos estivessem

derretendo, uma inundação de desejo a dominou, e ela tremia em seus braços.

Ele entendeu mal aquele arrepio involuntário e a soltou abruptamente. Ele ficou olhando para ela enquanto lutava para controlar sua respiração. A túnica se abriu para revelar seus seios impecáveis, de pontas rosadas e agora delicadamente coradas. Havia marcas em sua carne macia onde seus dedos a agarraram. - Desculpe meu amor. Seus encantos são quase irresistíveis, mas espero encontrar forças para resistir a eles no futuro.

- Mas por quê?

- Porque sua obediência não pode me satisfazer. Digo-lhe claramente que quero mais do que dever de você. Você não tem nada a temer. Não voltarei a procurar até que você me queira.

Ele se inclinou sobre ela e deu um beijo suave no peito cor de marfim que ele havia manchado.

- Me perdoe.

Ela o viu sair do quarto e então aconchegou o roupão ao seu redor como se de repente estivesse com frio. - Mas eu quero você agora - ela sussurrou e começou a chorar.

O pensamento de enfrentar Rochford a mesa de jantar era assustador, quando uma mensagem foi enviada a ela de que o duque iria jantar naquela noite em seu clube, não se pode dizer que a animou. Ao banhar as pálpebras inchadas, ela se repreendeu como uma tola. - Esse homem é o marido da minha irmã. Não posso me permitir pensar nele como meu, nem por um momento, ou ficarei perdida. De fato, não devo pensar nele.

Tendo tomado essa decisão sensata, ela desceu para jantar, onde passou a reviver todos os detalhes daquele abraço arrebatador, na medida em que Bella teve que pedir três vezes para ela passar o sal.

Dez

Minette tomou café da manhã em seu quarto na manhã seguinte, ansiosa para evitar outro encontro com Rochford. Ela mal dormiu, e até Becky, que não é a mulher mais observadora, ficou chocada com sua aparência e começou a perguntar: - O que foi senhora, qual é o problema? Você parece cansada. Você não dormiu bem?

- Não, eu devo ter comido algo que não caiu bem, acredito. - Ela tomou um gole de seu chocolate matinal e disse num tom casual: - O duque tomou café da manhã?

- Ah, sim, senhora, horas atrás. Ah, ele deixou isso para você. - Ela pegou uma caixa de veludo que havia guardado na mesa de cabeceira. Minette pegou, mas, em vez de abri-la, ela girou

pensativamente em suas mãos. Becky a observou, em um êxtase de suspense. - Ah, você não vai abrir, senhora? - Ela deixou escapar.

Minette riu.

- Certamente.

Ela abriu o pequeno fecho de ouro, e cuidadosamente levantou a tampa. Seus olhos se arregalaram e seus lábios formaram um suave "O" de surpresa. Aninhado em uma caminha de cetim, havia um broche projetado para se assemelhar a um buquê de flores rosa claro contra um fundo de folhas de prata. Pequenos cristais formavam gotas de orvalho na folhagem, e as flores eram feitas de diamantes raros e caros, cortados em todas as rosas. A joia inteira não passava do comprimento do dedo mindinho, mas a mão de obra era

tão requintada que ela conseguia ver veias minúsculas nas folhas de prata. Ela levantou a joia e embaixo encontrou um pequeno pedaço de papel dobrado.

Ela a abriu sobre a colcha e ficou sentada olhando por um longo tempo.

Não havia nada sentimental na mensagem; ele apenas rabiscou: “Imploro, não dê esse presente a Bella. Não seria adequado para ela.” Ela deu uma risada trêmula. ‘Ele está errado; serviria muito bem para ela.’

Quando ela finalmente apareceu na sala matinal, vestida para sair de volta a Kent, ela usava o broche na lapela de seu lindo veludo castanho. Como Bella ainda não havia aparecido, ela se sentou para escrever uma nota de agradecimento ao duque. Era uma tarefa inesperadamente difícil, e ela havia desperdiçado um bom quarto de hora

antes de perceber que a nota estava em sua própria e requintada caligrafia e a trairia instantaneamente.

Ela estava apenas rasgando um pedacinho de papel quando o mordomo entrou.

- Sr Franklyn Clareville deseja falar coma senhora, sua graça.

- Mas certamente é o duque que ele deseja ver.

- Não, sua graça; O Sr. Franklyn pediu especificamente por você.

- Muito bem. Por favor, mostre-o ao Salão Azul. Eu vou vê-lo lá.

O mordomo pareceu muito surpreso.

- Há algo errado? - Ela perguntou.

- Não, senhora, é apenas...

- Apenas...?

- Bem, normalmente, você vê o Sr. Franklyn aqui, então...

- Então, aqui estou eu.

Ouviu uma voz leve e Clareville saiu de trás do mordomo corpulento.

O mordomo se curvou e saiu da sala, Clareville caminhou para frente, muito à vontade. Antes que ela soubesse o que ele seria, ele pegou a mão dela e com um breve - Posso? - E beijou sua bochecha.

- Não, você não pode! - Ela se afastou da proximidade dele. - Como você ousa?

Ele olhou para ela, com as sobrancelhas franzidas.

- Como ousa? Mas minha doce Eugénie, o que é isso?

- Você toma essas liberdades, senhor.

- Liberdades que não lhe desagradaram no passado. Agora, o que mudou?

Ele olhou para ela, pensativo, enquanto Minette digería essa informação.

Eugénie permitiu que ele a tratasse com essa galanteria descuidada? O que mais ela tinha permitido?

- O que aconteceu no passado é irrelevante. - ela anunciou sem fôlego. - Rochford tem direito à minha boa fé e lealdade.

Ele riu. - O que fazer com alguns meros beijos de primo. Muito bem, vou me comportar. Ele caminhou até a lareira se jogou graciosamente em uma poltrona alada. - Parabênizo você a cada momento. Trazer Bella para Londres foi muito inteligente. Muito melhor do que uma reunião artificial em Camer. - Ele abriu a mão e examinava as unhas

consideravelmente. - Também achei um ótimo sinal, quase amor de tio e sobrinha e ao mesmo tempo romântica. Você não concorda?

Minette pode ser inocente, mas ela não era boba e tinha poucas ilusões sobre sua irmã gêmea. No entanto, a revelação de que Eugénie estava conspirando com Clareville para conseguir um casamento que o duque certamente deploraria chocou-a. Ela não deu sinal, apenas dizendo em um tom frio:

- Você se lisonjeia Sr. Clareville. Trazer Bella para a cidade não teve nada a ver com você.

- Ah, querida, voltei ao Sr. Clareville, não é? Você deve estar zangada. Ou isso tudo faz parte do papel de esposa obediente que você decidiu

desempenhar. E tenho certeza que você vai jogar de maneira encantadora.

- Isso não é um papel. É apenas o que eu devo ser.

- Claro que você está do meu lado? - ele sugeriu amavelmente.

- Estou do lado do meu dever - ela o corrigiu, franzindo a testa.

Ele fez uma careta.

- Que decepção. Então você não vai me ajudar a capturar o coraçãozinho bobo de Bella? Deixa pra lá; Acredito que posso gerenciar isso sem a sua ajuda.

- Ela é apenas uma criança.

Ele levantou uma sobrancelha.

- Você realmente está bem diferente minha querida. Fedelha era o apelido

mais gentil que você teve para ela anteriormente.

- Estou mais familiarizado com ela agora.

- Parece que sim. Estranho, eu não teria pensado que ela estaria mais inteligente. Muito pelo contrário, de fato.

- Se é assim que você se sente, é melhor desistir desse esquema para iludi-la.

Ele sorriu e balançou a cabeça para ela.

- Pretendo ser um marido charmoso, não se engane. Tão encantador, de fato, que ela não será capaz de me negar, nada.

Nesse momento, a porta se abriu e Bella entrou na sala. Ela estava usando um de seus vestidos novos, uma musselina delicada e enfeitada com fitas de cetim rosa. Ela parecia moderna, bonita e

muito jovem. Um rubor encheu suas bochechas quando ela disse, com uma hesitação atraente, bem diferente da maneira usual: - Oh, primo Franklyn, estou tão feliz que você ligou. Eu queria dizer adeus. - Ela colocou a mão timidamente na dobra do braço dele. - Você cumprirá sua promessa, não é?

- Minha promessa, doce priminha?

- Para passar o Natal em Camer.

- Eu não disse que iria? - Ele pegou a mão dela e a beijou, lançando um olhar risonho para Minette enquanto fazia isso.

- Não consigo pensar em nenhum lugar que eu preferiria estar, e em ninguém com quem eu preferiria passar o Natal.

Ela sorriu. - Você diz tudo o que eu queria ouvir.

Houve um murmúrio de vozes do lado de fora da porta, e os três levantaram a

cabeça, unidos em súbito alarme. A porta se abriu e Rochford entrou na sala.

Ele ficou de pé por um momento, a cabeça um pouco para o lado e depois avançou com a mão estendida.

- Vocês todos parecem muito culpados. -

Observou ele. - Como você está Franklyn?

Na mente de Minette, Clareville parecia diminuir na proximidade de seu primo. Ela reconheceu o instinto que Rochford tinha de simplesmente extinguir o homem mais corrupto. Mas então ela viu que Bella ainda estava olhando para Clareville com os olhos de uma adolescente deslumbrada e riu de si mesma. Ela estava tão enfeitiçada quanto Bella e com tão pouca coisa. O que importava para ela se Rochford estava começando a se apaixonar por sua esposa? Dentro de alguns meses,

ela partiria e Eugénie, não ela, colheria os frutos de sua nova paixão. E então, talvez, Eugénie aprendesse a amar esse homem ferido, amargo, mas apaixonado, enquanto ela se afundava como uma velha empregada e era esquecida.

Rochford virou-se para Minette, olhando para o broche. Ela sorriu para ele e, tocando a joia com um dedo, seus belos lábios formaram um silencioso 'obrigado'. O sorriso dele respondeu o dela em um momento de comunhão silenciosa.

Franklyn, no entanto, tinha notado esse pequeno jogo e uma leve carranca se formou entre as sobrancelhas.

- Esse broche é muito bonito, prima Eugénie. Agora, onde eu já vi isso antes? Ah, sim, Lady Ashbury não tem um igual?

Rochford se virou para ele, sua expressão repentinamente tão sombria que Franklyn deu um passo involuntário para trás.

- Você está enganado. - Ele abaixou a voz, mas Minette ouviu-o dizer: - Não tente seus truques comigo, Franklyn. Você vai sofrer, eu prometo. Você acha que eu não sei o que você é?

- Não sei do que você está falando, primo. Por que Lady Ashbury não deveria ter um broche de diamante? Este dificilmente é único.

- Exatamente.

Bella de repente encontrou sua voz, e ela disse ao irmão com um lábio trêmulo:

- O que é isso? Por que você está com raiva de Frank? - Ela correu para frente e se agarrou ao braço do duque. - Você está me assustando.

Ele olhou para ela e cobriu a mão dela com a dele.

- Estou? Sinto muito, franguinha.
- Você não me chama assim há séculos.
- Não chamei? Que animal velho e duro eu sou!

Ela riu. - Bem, você tem sido ultimamente. Você era muito gentil comigo quando eu era pequena.

Ele ergueu as sobrancelhas. - Você não é tão grande agora.

- Eu não sempre fui grande demais para me carregar no colo? - Ela perguntou, interrogando-o. - Você sempre dizia isso.
- Não me atrevera a carregar uma jovem elegante no colo, - disse ele formalmente. Seu olhar mudou para o rosto de Minette e ele acrescentou com

um leve sorriso: - A menos que seja convidado a fazê-lo.

Ele percebeu que Clareville, que se retirara para a lareira, ainda estava na sala. - Vamos vê-lo em Camer em breve?

Franklyn encolheu os ombros.

- Se eu ainda for bem-vindo?

- Ah, não seja tolo, sujeito. Claro que sim. - Ele estendeu a mão mais uma vez, mas com certa cordialidade. - Não foi a nossa primeira discussão e, suspeito que não será a última. - Ele se virou para Minette. - Vim lhe dizer, meu amor, que a carruagem está na porta. Se você está voltando para Kent hoje, deve sair imediatamente. Não quero que vocês duas ou meus cavalos viajem por essa estrada depois do anoitecer. Não há lua hoje à noite, e o céu está escuro

ameaçando nevar. Eu acho que vai demorar algumas horas ainda, no entanto. Eu solicitei que a senhora Mason colocasse tijolos quentes dentro e uma cesta, e provisões para o caso de vocês serem pegas.

- Seremos pegas? Que emocionante! -
Exclamou Bella.

- Pela neve, não por ladrões de estradas, - ele respondeu em tom abafado. Ele pegou a mão de Minette e levou-a aos lábios. - Gostaria de poder acompanhá-la, mas há negócios que me mantêm na cidade. Chegarei a tempo de ajudar você a receber nossos convidados.

Apesar de tudo, ela apertou de volta os dedos dele.

- Você encontrará tudo pronto quando chegar.

Encontrarei? Isso será muito agradável.

Onze

Minette logo descobriu que, além de cuidar dos convites, ela não tinha nada a ver com os preparativos para o Natal. A senhora Pritchard dirigiu a operação como uma campanha militar, como havia feito por muitos anos, e ficou bem claro para a jovem duquesa que qualquer interferência seria muito ressentida.

Como consequência Minette encontrou tempo para descansar. Ela estava acostumada a acordar a noite e a não dormir antes da meia-noite. Como governanta do estabelecimento de sua avó, ela dirigiu as duas criadas, fez o marketing, lavou a louça e as valiosas rendas chinesas, delicadas demais para serem deixadas para os criados, e preparou os pratos sutis que sua avó gostava. Agora não lhe era permitido arranjar flores em um vaso. Ela foi naturalmente forçada a passar uma parte considerável de seus dias com Arabella e passou grande parte desse tempo discutindo o duque.

- É claro que Rochford é muito mais velho e que ele se parece muito mais com um pai do que como um irmão.

As duas mulheres se deleitavam no calor de um fogo crepitante, enquanto as antigas muralhas do Castelo de Camer eram atingidas por um vendaval do mar. de proporções bíblicas. Arabella foi gentilmente liderada pelo questionamento simpático de Minette ao assunto de seu próprio nascimento.

- Eu era um bebê póstumo sabe; nosso pai morreu vários meses antes de eu nascer.

- Não, eu não sabia disso. Que tristeza. E então sua mãe...?

- Ela morreu de febre alguns dias após o meu nascimento. Mas com Philip e minha querida enfermeira, eu me saí muito bem.

- Existe uma diferença de idade entre você e Philip, parece estranho.

- Ah não. A pobre mamãe sofreu vários natimortos e abortos nos anos seguintes. Ela falou com total despreocupação como se relacionasse a história antiga. - Eles nunca pensaram que eu deveria viver, - ela anunciou com orgulho. - Eu era o bebê mais doente. - Ela aconchegou o xale ao eu redor e ouviu por um

momento o vento uivante. - A senhora Pritchard me disse que, certa noite, a pobre enfermeira estava tão cansada que não acordou quando eu chorei. E o próprio Philip veio ver o que havia de errado e, em vez de perturbar a enfermeira, ele esquentou um pouco de leite e me alimentou. E então ele subiu e desceu comigo em seus braços por horas e horas.

Minette sorriu com a história.

- Onde está sua enfermeira agora? Ela ainda está viva?

Arabella assentiu.

- Ela foi morar com a sobrinha em Tonbridge. Sendo o castelo tão perto do mar, tornou-se um mártir perfeito para o reumatismo. Philip a convenceu a sair por si mesma. Ele lhe dá uma pensão muito generosa, e ela vive bem confortável. Talvez possamos vê-la quando o tempo melhorar. Sei que Philip costuma parar a caminho de Camer. Ela também era enfermeira dele.

- Ele parece uma pessoa admirável -, pensou Minette, esquecendo o público.

- Que coisa estranha a dizer sobre seu próprio marido!

Minette corou.

- Mas não nos conhecíamos muito bem quando nos casamos.

Ainda estou aprendendo sobre ele.

- Você se apaixonou por ele à primeira vista? - Bella suspirou. - É tão romântico. - Ela olhou para Minette por baixo dos cílios. - Foi um pouco assim para mim, embora, é claro, eu conheça Frank desde sempre. Mas eu não o via há anos, e então quando ele veio até nós no teatro e sorriu para mim, então eu sabia que o amava.

- Bella, tenha cuidado! Ele é muito atraente, muito envolvente, mas pense no que você sabe dele. Aquela pobre garota da vila...

Bella encolheu os ombros de maneira mesquinha.

- Ouso dizer que tudo foi muito exagerado e, de qualquer forma isso aconteceu anos atrás, quando ele era bem jovem. Ele era muito louco na época, mas é isso que torna tudo mais romântico que deveria; Minette gostaria de lhe contar um segredo, mas você deve prometer não contar a Philip.

Minette não hesitou. Para manter segura essa garota, ela perjurava até sua alma.

- Eu prometo. Qual é esse segredo?

Bella pescou na rede de seu cabelo e tirou uma folha de papel. Obviamente fora dobrado e redobrado muitas vezes, pois estava quase em pedaços. Minette reconheceu sua aparência, o seu bilhete de Rochford estava praticamente no mesmo estado.

- Veja, é dele.

- Acho que não deveria ler, você sabe. Não foi feito para mim. É uma carta de amor?

- Não, não exatamente, mas é tão gentil, e acho que ele tem medo de dizer qualquer coisa que possa me assustar, ou talvez ele não tenha certeza de si mesmo.

- Sr. Franklyn Clareville, muito esperto - murmurou Minette para si mesma. Então, mais alto: - Talvez eu deva ler então. Eu posso ajudá-la a interpretar as palavras dele.

Bella alisou o bilhete com dedos amorosos e a entregou a Minette. Meu pequeno lírio, – começou - Espero que você perdoe seu primo perverso por lhe escrever dessa maneira escandalosa. Não sei o que causei para fazer com que Philip me desaprovasse, mas ele certamente tomaria medidas para impedir que nos familiarizássemos melhor se ele soubesse disso. Mas você é muito encantadora, priminha, para que eu permita que o preconceito dele impeça nossa amizade. Escreva para mim neste endereço, apenas uma ou duas palavras para me informar que você está bem e pensando, talvez, em mim como eu sou. Seu primo amoroso, Frank.

Minette levantou as sobrancelhas. - Muito bonita, - ela disse com uma voz fria. - Eu acho que você certamente pode considerar essa carta como uma carta de amor. - Ela devolveu a Bella, que a estava olhando com expectativa. - Mas, como ele foi convidado a ficar no castelo, não vejo por que ele acha que Philip o desaprova, ou seu melhor conhecido.

- Você acha que não?

Minette estava determinada a despojar o romance, julgando astutamente que qualquer indício de oposição faria Bella voar nos braços de Franklyn.

- Bem, afinal, não é um partido tão ruim. Philip pode pensar que você é jovem demais, o que, não se zangue meu amor, você é. Mas se Franklyn buscar um namoro honroso e não houver mais cartas

clandestinas, espero que ele dê seu consentimento em um ano ou dois.

O semblante de Bella caiu.

- Dois anos? Que triste!

- Você gostaria de se casar antes de ter aproveitado menos uma temporada, não é? Pense em toda a diversão que você estaria perdendo. Você pode ter um bebê para cuidar quando todas as outras meninas da sua idade tiverem uma dúzia ou mais pretendentes brigando por seus favores.

- Um bebê!

- Bem, meu amor, é o que geralmente acontece.

Bella parecia distintamente pensativa. Graças à interferência cuidadosa e discreta de Minette em sua dieta, Arabella perdeu muito de sua forma de filhotinho, na medida em que alguns de seus novos vestidos precisavam ser trocados.

- Ter filhos engorda. Não é?

- Pode ter esse efeito, acredito. Nem sempre, você sabe, mas às vezes, certamente.

- Acho que você continuará magra de qualquer jeito, mas tenho certeza de que eu sou do tipo que cresce do tamanho de um elefante. Ou eu posso morrer como minha pobre mãesinha.

As chances do primo Franklyn pareciam diminuir a cada minuto. Minette sabiamente não abordou o assunto, mas mudou de assunto.

Depois naquela mesma tarde, ela estava deitada sozinha em seu quarto, esticada na colcha, na tentativa de se recompor antes do jantar. Seus pensamentos se voltaram como costumavam acontecer, para o momento em que ela e Rochford se reuniam. Era tolo e impossível pensar que ela ainda podia sentir o toque dos lábios dele nos dela, ainda ouvir a nota em sua voz quando ele a alertou que reivindicaria mais do que sua obediência. Ela reconheceu para si mesma que desejava lhe dar tudo o que ele exigia e muito mais. O mero pensamento trouxe de volta aquelas sensações que ele despertou nela tão fortemente quanto antes. Ela estava corada, quente e ainda tremendo como se estivesse com febre. Ela queria algo, mas não sabia o quê.

Surpreendentemente, a imoralidade convencional de sua possível união dificilmente invadiu sua consciência. Ela ficou

inculcada com as mais estritas noções de honra; a ideia de deitar-se com um homem que não era seu marido teria sido repugnante para ela apenas algumas semanas atrás. Que o homem fosse o marido de sua irmã teria sido inconcebível. No entanto, agora a única preocupação dela era a dor que ele sofreria quando sua esposa errante voltasse para ele, tão indiferente e pouco disposta como antes. Ela apertou as mãos frias nas bochechas quentes. Se ele a procurasse tanto quanto a estava procurando, ela devia fingir relutância e aceitá-lo com frieza, como Eugénie teria feito relutante e sem generosidade.

Ela ouviu uma carruagem se aproximar da enorme porta da frente. Ela correu levemente até a janela e olhou para o pátio iluminado. A carruagem ducal, puxada por uma equipe de alazões, passando diretamente abaixo da janela enquanto ela observava, o laçao desceu os degraus. Rochford desceu e estendeu a mão para ajudar um segundo passageiro a descer.

Ela era uma senhora muito idosa envolta em peles, seus cabelos brancos tão elaboradamente penteados como se ela estivesse a caminho de um baile. Ela se apoiou pesadamente no braço de Rochford e se permitiu ser conduzida para o abrigo do corredor.

- Grandmère! - Minette sentiu como se seus joelhos tivessem virado água. Ela caiu fracamente sobre o assento acolchoado da janela, sobre o qual estava inclinada. A avó dela, aqui em Camer? Deve ter sido coisa do Rochford. Ele pensou, sem dúvida, em trazer-lhe consolo e apoio durante essa, sua primeira festa em casa; mas, em vez disso, ele lhe trouxe uma grande fria. Como ela suportaria a farsa com o olhar gelado de Grandmère seguindo todos os seus movimentos? Ela desejou com todo o coração esconder-se no quarto e enterrar-se debaixo das cobertas, como costumava quando criança, quando convocada para a presença da avó. Mas o dever e o hábito prevaleceram. Com os dedos trêmulos, ela arrumou os cabelos, alisou o vestido e desceu para cumprimentar a marquesa de Montauban.

Doze

Ela encontrou Rochford e a avó no charmoso salão conhecido pela família como *Ruby Drawing Room*. A câmara era iluminada por um candelabro feito de vidro vermelho da Silésia uma região próxima à Polônia, do qual pendiam gotículas de cristal que refletiam o brilho rosado em mil feixes de luz. Urnas douradas foram colocadas em cada extremidade da casta lareira de mármore, e várias peças de vidro de cor e acabamento requintados foram colocadas ao redor da sala. Peças mais raras e caras adornavam uma mesa italiana, duas estantes de vidro e um magnífico par de suportes de mogno subindo de delicadas pernas de cabriole adornadas com molduras douradas.

Grandmère, com o rosto fino, cabelos nevados e de alta educação, escondida em uma cadeira dourada de encosto alto, nascera para habitar tais aposentos. Ela estava sentada perto do fogo e, embora tivesse quase setenta anos de idade e tivesse acabado de fazer uma jornada cansativa, era notável que suas costas não tocavam o brocado branco e dourado da cadeira, e suas mãos esbeltas e sardentas eram exibidas sobre seu colo com toda a graça habitual. O duque estava parado junto ao fogo, ouvindo com cortesia a voz fina e precisa.

- Grandmère, que surpresa maravilhosa, - Minette conseguiu pronunciar da porta. Ela atravessou a sala, abaixou aos pés da avó e beijou a mão estendida para ela. Ela virou o rosto para Rochford e sorriu. - Que gentileza sua pensar em trazê-la para mim.

Ele se curvou um pouco.

- Não há necessidade de me agradecer. Foi um privilégio meu.

Ele deu um passo à frente e ofereceu-lhe a mão. Ela colocou os dedos na palma da mão dele, e ele a puxou com facilidade. Eles ficaram por um momento, mãos cruzadas, enquanto os olhos afiados da marquesa notavam o rubor delicado nas bochechas da neta e a repentina e opaca escuridão no olho cinza de Rochford. Ela se levantou e disse:

- Conduza-me para o meu aposento, Eugénie. Eu me sinto mais cansada do que imaginava.

Minette instantaneamente se aproximou e ofereceu sua ajuda. Os dedos finos agarraram seu braço com um aperto doloroso como

as garras de um peregrino pousando na luva do falcoeiro. Ela estremeceu e depois olhou rapidamente para Rochford, cujas sobrancelhas se contraíram em uma rápida carranca. Nesse momento, a porta se abriu e Arabella entrou na sala.

- Minette, eles me disseram que sua avó veio para ficar! Eu posso vê-la?

A marquesa respirou fundo, como um apito.

- Minette?

Sua neta sentiu o arrependimento, então, lembrando-se, ela sorriu e disse com facilidade:

- Sim, eu pedi a Bella para me chamar pelo meu antigo apelido. Você se lembra?

- Eu me lembro. - O rosto altivo se suavizou e ela assumiu o ar doce e frágil que, na experiência de Minette a tornava mais perigosa. - E essa é a irmãzinha? Venha aqui, criança, e deixe-me olhar para você.

Nada poderia tornar Arabella graciosa, mas ela estava intimidada o suficiente por essa formidável velha para se lembrar de sua conduta na escola. Ela fez uma reverência e deu alguns passos à frente, de pé com as mãos entrelaçadas, as costas retas, o queixo e as pálpebras abaixadas modestamente.

A marquesa a estudou por um momento e depois deu um tapinha em sua bochecha.

- Criança bonita. - Ela lançou um olhar perspicaz para Rochford.

- Você arranhou um casamento para ela?

Ele riu. - Ainda não, senhora. Ainda é cedo.

- Você está enganado. Não espere muito.

Ele inclinou a cabeça, com um leve sorriso. Minette interpôs-se rapidamente.

- Estou levando minha avó para o aposento dela agora, Bella. Vocês podem se conhecer melhor mais tarde, quando ela estiver descansada.

Arabella, que ficou vermelha, alegremente se afastou para permitir que saíssem da sala. Minette, com a avó apoiada em seu braço, subiu a ampla escadaria central e encontrou a Sra. Pritchard esperando no patamar para mostrar o aposento que havia sido preparado para a madame, se a madame aprovasse. Ele tinha vista

para o jardim de rosas, e de frente para o oeste, protegido da brisa do mar. A marquesa foi gentil e seguiu a governanta até o quarto. Como todos os cômodos do Castelo Camer, ele estava cheio dos bens adquiridos nas viagens do duque, nesse caso, suas turnês pela Itália. Havia uma grande quantidade de mármore, alabastro e vidro veneziano em exibição, e a cama alta decorada com damascos na seda. Já havia fogo reluzente na lareira e um divã diante dela, convidando ao repouso.

A marquesa, desprezando a espreguiçadeira, sentou-se em uma cadeira de pernas douradas e olhou para a neta.

- Eles te chamam de Minette? - Ela exigiu em tom de nojo. -Bah! Seu sentimentalismo vai estragar tudo. - Ela a olhou de cima a baixo e falou de repente: - Ele já te levou para cama?

- O que? Não, não, claro que não.

- Ele vai. Em breve.

Minette foi até a janela e ficou olhando para fora. - Eu acho que não.

- O que você sabe sobre o assunto, criança? Eu vi o jeito que ele olhou para você. Fosse o que fosse que o deteve antes, ele não existe mais.

Minette assentiu. - Foi nojo de Eugénie que "o deteve", como você diz. Mas não tema por mim. Ele me disse que não virá a mim até que eu, eu demonstre que estou disposta.

- Você está tentando me dizer que não? Tola, você está apaixonada por ele.

- Eu estou? Tenho certeza que você está certa, Grandmère. Você sempre está.

A marquesa apertou os lábios. - Diga a ele.

- O quê?

- Diga a ele que você está disposta.

- Mas, mas eu, nós não somos casados.

- Ele não sabe disso. Você não vê como isso será bom para sua irmã? Um homem de sua experiência saberia instantaneamente que ela não é virgem. Especialmente depois que ela tiver um filho. Mas você.

Minette estava olhando para ela com total perturbação. - Você me diz para fazer isso? Para facilitar as coisas para Eugénie?

- Por que não?

- Você nem considera a dor que irei sofrer? Deitar nos braços do homem que amo e depois entregá-lo à minha irmã como se isso não tivesse significado nada? - Ela juntou as mãos em um gesto apaixonado. - Eu digo, eu o amo. Para mim, não seria um dever com Eugénie. Eu... eu o quero!

A marquesa estudou o rosto da neta, e sua boca se torceu em um sorriso de escárnio.

- Então, você finalmente encontrou sua profissão. Eu deveria saber que você nasceu para ser uma meretriz.

- Grandmère! Estou aqui ao seu comando. Sigo suas ordens nisto como em todos os outros sentidos. Por que você me odeia? Por que Eugénie é sempre mais importante? Por que você não se importa comigo?

A marquesa encolheu os ombros magros expressivamente. Eugénie, mais importante? Você está agindo igual a minha irmã. Uma tola fraca, sem orgulho ou discrição.

- Eu não entendo você. Você não tem irmã.

- Ouça criança. Em cada segunda geração de nossa família nascem gêmeas. Eu era gêmea. - Sua mão rugosa agarrou a alça de marfim de sua bengala. - Minha irmã gêmea, Antoinette! Eu a amava mais que a vida. Quando tivemos que deixar a França, implorei que ela viesse comigo, mas ela não quis. O marido, o grande visconde de Montreuil, *Le Défenseur des Canaille*, já estava na prisão de Concierge, e ela de joelhos pedindo a vida dele pelos amigos de outrora, Robespierre, Danton e Marat. - Ela cuspiu os nomes como se eles poluíssem sua boca. - Veja no que deu! Dentro de seis meses, ela estava com ele no Concierge e foi à guilhotina de mãos dadas com ele. Disseram-me que ela parecia uma noiva. - Os velhos olhos estavam brilhantes, mas não com lágrimas. - Meu marido foi massacrado no mesmo dia, mas eu não chorei por ele.

- Mas se eu sou como ela, você não deveria me amar também?

- Você é um lembrete, todos os dias, um lembrete de que ela o amava. Como você, ela encontrou seu coração no que chamou de amor. Não era amor, mas luxúria! Depois de provar isso, nada mais importava para ela.

- Isso significa que ela amava o marido.

- Quero dizer, ela amava a maneira como ele usava seu corpo. Doentio! Pecador! Perverso! Nada mais.

- Ela te contou isso?

- Me contou? Ela não precisava me contar. Os talentos do Visconde eram famosos nos aposentos de Versalhes.

De repente, uma iluminação tomou conta de Minette. - E no seu?

A marquesa riu. Não era um som agradável. - Não é tão tola quanto eu pensava. Sim, eu experimentei seus dons. Mas não pôde me enganar.

- E você me odeia porque lembro que você traiu sua irmã. Essa é a verdade, não é?

- Você é tão tediosa, - expressou a marquesa com sua voz tremula. - Vou dormir agora até o jantar.

Os hábitos de uma vida não podiam ser superados por um instante de repugnância. Minette ajudou a avó a tirar as roupas exteriores, acomodou-a, enrolada em seu roupão, na espreguiçadeira, banhou as têmporas com vinagre e a deixou dormir, tudo sem a recompensa de um sorriso ou uma palavra de agradecimento.

Ela se retirou para seu próprio aposento, seus pensamentos estavam tumultuados. Ela recebeu permissão, de fato ordenada, para alcançar o desejo de seu coração. Ela tinha apenas que dizer a palavra, e talvez hoje à noite ele o fizesse... Ela apertou a mão no coração, que batia forte e rápido, como se fosse a batida insistente de um tambor. Ela não pode! Era perverso até contemplar uma coisa dessas. O que seria dos dois se ela se tornasse amante de Rochford? Ela sabia o que sua avó queria dela. A 'obediência' tão desprezada pelo duque. Sem dúvida, se ela apenas cumprisse seu "dever", ele não detectaria diferença quando Eugénie retornasse a ele. Mas como ela poderia reprimir cada desejo apaixonado quando sua pele tremia sob o toque dele e sua respiração mudou ao seu olhar. Ela daria a ele qualquer coisa, tudo o que ele desejava e, então, que dor sofreria quando se encontrasse mais uma vez com uma esposa que se entregou a ele com relutância e repugnância. Não faria bem a ele!

Treze

Faltavam apenas dois dias para o Natal, e o castelo estava se enchendo. Na manhã seguinte à chegada da avó, Minette cumprimentou a tia do duque, Lady Gatley, uma imponente dama com queixo duplo e óculos modelo pincenê, que estava acompanhada pelo marido, corpulento e esquentado. A disposição mal-humorada de lorde Gatley proporcionou a Minette alguns momentos desconfortáveis no começo, mas ela logo aprendeu a ignorar o mau humor dele, que era habitual, e denotava nada além de uma má digestão defeituosa.

A tarde trouxe mais convidados ao seu gosto. A senhora Forsyth era viúva de um dos amigos de infância de Rochford, um soldado que sucumbiu galantemente

no campo de batalha de Waterloo. Ela era uma moça elegante, com cabelos prematuramente prateados pela dor, mas seu sorriso era doce e seus modos agradáveis. Ela estava acompanhada por seu filho, Edmund, um jovem cavalheiro de Oxford destinado à Igreja.

Rochford havia jurado ao coronel Forsyth, na reunião final, antes de o coronel embarcar para o continente, que ele cuidaria do menino e recentemente cumpriu a promessa, ele era um dos mais ricos que viviam do benefício ordenado pelo duque.

Edmund era um jovem atlético e bem construído, um pouco abaixo da altura média. Seu semblante era extremamente bonito, com uma pele fina e bronzeada, grandes olhos escuros franjados com cílios longos e uma boca mais adequada a um amante do que a

um clérigo. Ele era tímido, mas, quando superou sua primeira reserva, demonstrou um humor seco e muito esperto.

- Gosto muito de seus amigos. -
Confidenciou Minette a Rochford quando se conheceram por um momento no salão antes de irem jantar.

- Você quer dizer os Gatleys é claro, -
ele respondeu gravemente.

Ela foi soltou uma risadinha.

- Claro. Lord Gatley é um complemento para qualquer festa.

- Uma festa fúnebre, talvez. Lamento impor-lhes você, mas, se não os convidasse para Camer, acho que não teriam nenhum Natal. Eles certamente não pagariam por nenhum peru extra para a mesa.

- Eles são pobres assim?

- Não, apenas mesquinhos. Não é de admirar que a digestão do meu tio seja tão ruim, pois acredito que eles vivem apenas de queijo e...

- Beijos? - Ela sugeriu timidamente.

- Eu ia dizer bacon. - Seus lábios se torceram em um sorriso repentino. - Gostaria que você não tivesse colocado essa imagem em minha mente.

Ela riu. - O que eu estava tentando dizer é o quanto eu gostei da Sra. Forsyth e Edmund.

- Estou feliz. Eu gosto muito do garoto. Laura, é claro, está além dos elogios. Nunca a vi igual para devoção, mas ela nunca vangloria de seus sacrifícios.

- Sacrifícios?

- Sim, ela receberia uma grande herança, mas, quando se casou com o pobre Forsyth mesmo com todas as objeções de sua família, ficou bastante excluída. Durante anos, ela seguiu o ritmo e viveram apenas com o salário dele. Você sabe o que isso significa.

Felizmente, pude contribuir para educação de Edmund em nome deles.

- Isso foi gentil.

- Foi o mínimo que eu pude fazer. Forsyth foi o melhor amigo que um homem já teve.

A manhã seguinte, véspera de Natal, trouxe Minette o restante de seus convidados. Franklyn Clareville chegou, dirigindo-se em seu o cabriolé de dois cavalos. Ela achava lamentável que Arabella, que conversava em voz baixa com Edmund, tivesse corrido para a

janela ao som da carruagem e, assim, tivesse uma excelente visão da habilidade de seu primo enquanto ele contornava a curva da entrada para o pátio controlando seus cavalos em uma parada precisa.

- Ah que bom Frank chegou. Olhe lá Minette! Clareville, vestido com o colete listrado de azul e amarelo do Four Horse Club, realmente apresentou uma aparência arrojada o suficiente para virar cabeças femininas mais experientes do que as de Arabella.

Edmund, que se juntara a ela na janela, estava mais interessado nas baías de arreio prateado. - Bom Deus, essas são as baías de Rochford. Seria conveniente o duque separar um espaço dos cavalos de trabalho para Clareville, pois ele manterá os cavalos lá fora nesse clima?

Arabella se contorceu.

- Tenho certeza de que meu primo sabe tanto sobre cavalos quanto você, Edmund.
- Bem, ele pode até saber, mas, contudo, eles vão se resfriar se ele não os secar.

Naquele momento, Rochford contornou a lateral da casa dos estábulos e, caminhando para cumprimentar seu convidado, aparentemente apoiou essa visão. Franklyn jogou as rédeas para o cavaleiro e seguiu o duque para dentro de casa.

Minette saiu imediatamente da sala matinal para receber a nova chegada. Ela estava vestida naquele dia em um vestido simples, verde-folha, redondo, feito de lã de carneiro macia. As mangas compridas estavam presas com fitas de

ceim nos cotovelos e caíam, à moda medieval, sobre os pulsos e as mãos.

- Encantadora, meu amor, você é como se fosse a primeira castelã, - observou Rochford, estendendo a mão para ela.

Ela caminhou para o lado dele, e ele colocou um braço possessivo em volta de sua cintura. – Se tornando totalmente.

Minette supôs, mais tarde, que ela havia dito todas as coisas certas, mas não se lembrou de nenhuma delas. Ela não tinha consciência de nada além do peso do braço de Rochford ao seu redor e de lutar com toda sua força para impedir que sua cabeça encontrasse seu lugar de descanso natural contra o ombro dele. O que provocara essa repentina demonstração de afeto conjugal que ela não conseguia entender; mas ela imaginou que devia haver algo por trás

disso, pois ele a soltou no momento em que Franklyn estava fora de vista. Que ele desconfiava de Franklyn, ela tinha certeza. Ele suspeitava da intimidade que aparentemente existia entre Franklyn e Eugénie? Ela desejou poder questionar Eugénie sobre até que ponto isso havia se estendido. Ela estava disposta a arriscar sua vida por não serem amantes. A morte de D'Evremont foi muito recente para permitir uma intimidade como essa. Mas ela estava começando a perceber que não conhecia a irmã tão bem quanto pensara.

Foi depois do almoço que chegou o último convidado da festa. Consistia em Sir Richard Talgarth, um homem alto e bem-educado, mais ou menos da idade do duque, sua esposa e duas filhas, que ainda estava na escola. William

Clareville, filho de Lady Talgarth de seu primeiro casamento, que era o herdeiro de Rochford, os acompanhou.

William Clareville tinha dezoito anos, mas parecia consideravelmente mais jovem. Ele era um garoto magro, mas bonito, com grandes olhos azuis e cabelos finos e dourados. Suas maneiras eram educadas, mas apático, e sua pele alternava entre um rubor agitado e uma palidez extrema. Minette não estava na companhia dele por mais de alguns minutos antes de perceber que havia algo seriamente errado com o garoto.

- Estou ciente, - disse o duque quando ela mencionou isso a ele. - Tivemos que removê-lo de Eton; as condições eram muito rigorosas. Mas acredito que apenas descansar em um clima quente provavelmente faça algum bem a ele,

porém não será por muito tempo. Ele partirá para Roma assim que o tempo permitir. Espero que ele recupere um pouco de força aqui antes de tentar a jornada.

- Pobre garoto. - O coração compassivo de Minette estava apertado.
- Isso é hereditário. O pai dele morreu da mesma doença.

Ela olhou para uma pergunta e ele disse em voz baixa: - Bebida?

Ela assentiu. - Fico pensando na pobre mãe dele!

- Ela tem suas filhas para consolo. - Ele falou abruptamente. Minette ficou refletindo que havia muitas correntes de emoção que ela não entendia naquela casa infeliz.

O jantar naquela noite foi uma prova para Minette. Era uma festa mal organizada, administrada por uma anfitriã inexperiente. Pareceu-lhe que fios invisíveis ligavam certos convidados a outros, cruzando e cruzando em um padrão de tensão e suspeita.

O fato de haver alguma história não revelada entre Lady Talgarth e Rochford se tornara óbvio. O que era, fosse amor ou ódio, ela não sabia dizer. Mas o olhar de Lady Talgarth foi atraído para Rochford tão palpavelmente quanto o dele foi desviado dela.

Era impossível equilibrar a mesa adequadamente. Ela gentilmente incluiu as duas filhas jovens de Lady Talgarth, Selina e Georgiana, mas havia cavalheiros insuficientes. No entanto, ela se confortou com a reflexão de que era um assunto informal, e no Natal uma

conduta rigorosa poderia ser descartada pela primeira vez. Colocara a avó na mão direita de Rochford e, embora não pudesse ouvir a conversa, viu como ele se inclinava com cortesia e como inconscientemente havia voltado aos maneirismos da antiga corte de Versalhes. Pela primeira vez ela pareceu feliz.

- Minette tinha a companhia de Lorde Gatley, mas, como ele não falou uma palavra, simplesmente colocou cada prato requintado na boca o mais rápido possível, ela conversou com Sir Richard Talgarth, que estava sentado à sua esquerda.
- Tenho que agradecer por incluir minhas filhas, - disse ele, acenando para as duas adolescentes animadas com um sorriso. - Este é um dia de festa. O primeiro jantar com adultos.

Ela sorriu. - Como alguém poderia deixá-las de fora? Ainda mais no Natal! Além disso, elas estão se comportando encantadoramente.

Nesse momento, Georgiana chamou a atenção de Franklyn sobre a mesa e ele piscou para ela. Ela riu e depois ficou vermelha quando viu que sua anfitriã e papai estavam olhando para ela. Sua irmã mais velha, com toda a autoridade de treze anos, deu-lhe uma cotovelada nas costelas e franziu a testa.

As irmãs não eram parecidas. Selina puxou a mãe. Ela era alta para a idade dela, bonita, graciosa e com um rosto magro e sério. Georgiana, por outro lado, era hiperativa com suas sobrancelhas escuras, olhos castanhos cintilantes e cachos negros indisciplinados. Ambas estavam vestidas

de branco com fitas azuis e pequenas luvas de renda.

Arabella, ao lado de Selina, também estava de branco, mas não havia nada de recatado em sua aparência. Ela estava sentada entre Sir Richard e Selina, mas toda sua atenção estava concentrada em Franklyn, colocado do outro lado da mesa. Minette sabia que cuidados haviam tomado com sua aparência naquela noite. Ela havia experimentado e descartado todos os vestidos de seu guarda-roupa antes de retornar à sua primeira escolha, renda branca com detalhes prata. Não mostrava mais do que aparentava o seio rechonchudo de Arabella, mas aquela donzela empreendedora havia diminuído suas saias, de modo a garantir que nada sobre sua figura robusta fosse deixado à imaginação. Minette viu os olhares

suaves e sorrisos tímidos que lançou para Franklyn e, com raiva crescente, notou sua resposta, a maneira como ele chamou sua atenção com um olhar íntimo, o sorriso que apenas curvava seus lábios e franzia os cantos dos olhos. E então, ele se voltava para Lady Talgarth ou Sra. Forsyth e ignorava Arabella por alguns minutos. Minette pensou que era como assistir um homem jogando um anzol para pescar.

Sir Richard seguiu a direção do olhar dela, e sua expressão endureceu. - Não sei por que Rochford tolera esse sujeito.

Ela pareceu assustada e ele disse instantaneamente:

- Peço desculpas, provavelmente não deveria ter dito isso.
- Você pode dizer o que quiser para mim. Não gosto muito do senhor Clareville.

- Sério? Eu achava que vocês eram amigos. Fico feliz que não seja o caso, pois ele é uma criatura insignificante, pronto está dito.

- Eu sempre sinto que não se pode confiar em um homem que é popular com mulheres, mas não com outros senhores. - Ela sorriu: - Mas eu não sou uma grande juíza. Eu tenho visto pouco da sociedade.

Ele pareceu um pouco assustado. - Eu pensei que você viu muita coisa durante sua longa temporada.

- Sim, sim, claro. Mas antes disso, eu morava distante com Grandmère.

- Uma esplêndida senhora, sua avó.

- Sim ela é.

-Ela é sua única parente viva, senhora?
Acho que me lembro de mais alguém

que a senhora que trouxe, não tem mais um membro da família?

- Você está certo. Fui apresentada pela condessa de Beverley, uma velha amiga da escola de minha falecida mãe. Mas Grandmère e eu não estamos sozinhas na Inglaterra. Ela tem dois irmãos idosos que ocasionalmente nos visitam, e eu tenho alguns primos que visitei no norte.

Além disso, uma parte pequena da família sobreviveu ao Terror e permaneceu na França. A família tem uma propriedade perto de Avignon.

- Uma pequena cidade encantadora. Nós a visitamos logo após a abertura do continente para os viajantes, no caminho pela Itália.

- Receio não conhecer tão bem. Conseguimos visitar apenas algumas poucas vezes quando éramos crianças.

Ele levantou uma sobrancelha. - SÉRIO?
Mas isso deve ter acontecido no auge
dos conflitos.

Ela deu de ombros e sorriu. - Essas
coisas podem ser providenciadas. Meu
tio era leal ao imperador. Ele tornou isso
possível.

Houve uma interrupção repentina do
outro lado da mesa. William estava
caído, tossindo impotente, um
guardanapo na boca. A Sra. Forsyth,
que estava sentada à direita, colocou um
braço em volta do corpo magro e punha
a mão na testa, afastando os cachos
úmidos. Rochford e Sir Richard se
levantaram rapidamente de seus
assentos e foram até William. Seu
padrasto, sem perder tempo, levantou-o
da cadeira e, com o duque caminhando
diante dele para abrir a porta,
rapidamente o carregou da sala. Lady

Talgarth silenciosamente pediu licença a Minette e os seguiu. Todo o incidente levou apenas alguns momentos.

Selina e Georgiana, parecendo bem pouco preocupadas, continuaram a comer seu creme Chantilly com prazer.

Era evidente que essa era uma ocorrência comum em suas vidas. O resto dos convidados permaneceu em silêncio. Franklyn Clareville acariciou o queixo, pensativo, olhando para a porta pela qual os cavalheiros haviam desaparecido.

- Bem, - exclamou Bella, que não sofria de inibição, - eu não tinha noção de que o pobre William estava tão mal.

- Espera-se que alguns meses na Itália sejam benéficos, - disse Minette, repressivamente. Ela olhou ao redor da mesa, chamou a atenção das demais

damas e se levantou. - Vamos nos recolher?

Como era de se esperar, Lady Talgarth não apareceu na sala naquela noite. Selina e Georgiana foram enviadas, com relutância, para a cama, para que Minette fosse acompanhada apenas por Arabella e pelas senhoras mais velhas.

Os outros três cavalheiros não se demoraram muito e logo seguiram as damas da mesa em meia hora. Logo após, Rochford apareceu, parecendo sério.

- Mandei chamar o Dr. Eastwood, - disse ele a Minette em um tom tranquilizador.
– Foi um ataque ruim, mas eu já o vi pior. Excitação não é bom para ele.

Lady Gatley, com um turbante formidável, cutucou Minette com seu leque. - É melhor você se apressar e

apresentar Rochford com um filho, jovem. - Ela olhou para Franklyn por cima de seu pincenê. - Ele estava flertando com Arabella é obvio. Se William não sobreviver, bem, eu não suportaria ver esse plebeu no lugar de Rochford.

Rochford ouviu isso e enviou à noiva um olhar repentino e pensativo. Quando ela não respondeu, ele interpôs:

- Minha boa tia, há tempo suficiente para pensar nisso. Não tenho intenção de bater as botas por um bom tempo, garanto.

Ela olhou para sua bochecha cheia de cicatrizes. - Eu imaginei que você, de todas as pessoas, estaria ciente de que a vida é incerta.

- Você está certa. Mas, então, é tão incerto para Franklyn quanto para mim.

Ele pode me preceder como você sabe.

Franklyn olhou para cima e chamou alegremente: - Eu escuto meu nome?

- Nossa tia estava apenas comentando a probabilidade de você entrar no meu lugar. Ela não é a favor. - O duque levantou uma sobrancelha para Lady Gatley, que não se comoveu.

- Franklyn conhece minha opinião sobre ele. Ele não seria bom chefe de família.

Bastante envergonhado por essa franqueza, Franklyn riu.

- Te digo senhora. Tenho ainda menos desejo pela posição do que você tem em me ver nela.

'Pooh!' Exclamou Arabella ruidosamente.

- Não deseja vinte mil por ano?

- Como Arabella expressa de maneira tão expressiva, "Pooh", - observou o

duque.

- Não, não, me dê uma casinha confortável no condado e o suficiente para pagar meu alfaiate e estou contente. - Ele bateu nas costas de Rochford. - É muito trabalho duro administrar suas propriedades. Não me agradaria nada.

Naquele momento, Sir Richard entrou silenciosamente na sala, e o assunto foi deixado de lado. - Como ele está? - De Minette e de Rochford, mais "O que Eastwood diz" foram falados simultaneamente.

A carranca ansiosa de Sir Richard havia diminuído um pouco. - Ele acha que não foi um ataque tão ruim. O garoto recebeu láudano e está dormindo. - Sua boca se curvou em um sorriso pesaroso. - Antes de sair, ele estava tagarelando sobre

uma peça que ele escreveu. Ele quer que a gente faça isso na Twelfth Night.

Ele entregou um rolo de papéis para Minette. - Isso faria o garoto feliz, - ele disse se desculpando. - Não tenho dúvidas de que é uma bobagem muito grande, mas...

- Pelo contrário, meu caro Richard, - interpôs Rochford. - William tem um talento definido. Se ele viver, ele deixará sua marca no mundo.

- Sim, se ele viver.

Minette estava estudando os papéis. - Mas isso é encantador! Escute.

Mariposinha:

Onde pousa o passo gentil da minha amante,

Lá flui um riacho de luar todo composto.

Quando chamam as notas mais doces e
inebriantes,

Um monarca cai de sua soberania foi
deposto.

- Ah, sim. Ele pegou as fadas do Sonho da Noite de Verão e criou uma história em torno delas. Ele imagina que Oberon está apaixonado por Titânia. Oberon era então uma fada masculina? De qualquer forma, ele deve vê-la se apaixonar por um asno, o tempo todo sem perceber que outra está apaixonada por ele.

Rochford atravessou a sala para ficar ao lado de sua cadeira. Ele colocou a mão no ombro dela enquanto lia com ela, esperando que ela virasse a página.

- É certamente muito superior ao lixo que muitos poetas escolares escrevem.

- Vamos fazer o que ele deseja, não vamos, Rochford? Divertirá os jovens se

fantasiar.

- Assim fala a viúva, - murmurou Rochford com um sorriso. - Lembre-me de quantos anos você tem?

Ela riu. - Oh muito bem. Eu também vou gostar.

Rochford virou-se para a irmã. - Bella, se você for ao quarto veneziano, encontrará uma caixa de papel machê muito bonita, na qual há várias máscaras que eu trouxe do carnaval. Você logo verá quais são.

Arabella saiu da sala, seguida de perto por Franklyn, que deveria ajudá-la a carregar as máscaras. Minette pareceu muito tempo antes de eles reaparecerem e, quando o fizeram, Arabella estava corada e seu cabelo estava desarrumado. Ela pensou que Rochford inspecionou sua irmã um pouco

pensativo, mas ele não fez nenhum comentário.

As máscaras eram lindas. Até Lady Gatley se comoveu a experimentar uma meia-máscara dourada em relevo enfeitada com renda dourada e uma auréola de penas de pavão, que escondia bastante seu enorme turbante. Arabella girou ao redor da sala com uma máscara cheia de porcelana marfim, pintada e dourada, com uma cascata de fitas roxas escuras, com fios e enroladas, que caíam sobre seus ombros, enquanto Minette escolheu uma meia máscara de veludo vermelho, aparada em uma lado com penas e flores de seda que roçavam sua bochecha.

- Linda, - murmurou uma voz em seu ouvido, e ela se virou para encontrar o

duque ao seu lado. - Você sempre deve usar esse tom de vermelho.

- Eu uso. Com muita frequência.

Ele levou a mão dela aos lábios e deu um beijo na palma da mão.

- Quando você vai me chamar, minha linda duquesa? Estou ficando impaciente, você sabe.

Apesar de tudo, seus dedos se curvaram para agarrar os dele, e seus olhos, requintadamente emoldurados pelo veludo, ficaram lascivos. Ele prendeu a respiração e, independentemente ela inclinou a cabeça para pressionar um beijo rápido em sua boca. - Esta noite?

Ela abriu os lábios para responder, mas sentiu um frio na espinha, os olhos de aprovação da avó. Era isso que Grandmère queria, mas ela devia estar frustrada. Rochford deveria ser protegido

de si mesmo. Seus próprios desejos não eram nada quando colocados contra a dor dele.

- Não, não, por favor, eu não posso.

Ele largou a mão dela como se o queimasse, e seu rosto endureceu. Muito bem, senhora. Será como você deseja. Você tem minha palavra.

Catorze

Na manhã seguinte, no dia de Natal, todos os convidados, com exceção de William e sua mãe, foram levados à igreja em duas das carruagens fechadas do duque.

A pequena igreja normanda ficava suficientemente longe do castelo para impedir que a casa fosse perturbada pelo som dos sinos. Estava em uma colina e, no verão, a pequena varanda ficava coberta de rosas, e do cemitério vinha um doce cheiro de malva-rosa e gerânios. Agora estava em um tom de cinza absoluto; nada suavizou a silhueta de velhas lápides desmoronando contra o céu também cinzento. No interior da igreja, porém, tudo era calor e alegria. O Dr. Lucas, o confortável reitor, consciente de que um jantar muito bom o esperava no castelo, foi louvável em fazer seu sermão, que era, em essência, uma exortação sincera à congregação para aproveitar ao máximo o dia da festa. Com generosidade considerável em termos de ganso, carne, linguiça e pudim, já haviam sido distribuídos aos moradores e inquilinos do local, parecia provável que eles obedecessem a esse pedido.

A comitiva voltou cheia de virtude, com o Dr. Lucas de carona, para encontrar o grande salão enfeitado com grinaldas de azevinho e ramos de abeto adornados com pinhas douradas. O cheiro de ponche flutuou na direção deles quando eles entraram, e logo eles estavam reunidos ao redor da lareira, onde enormes toras ardiam, bebendo o ponche quente e saboreando biscoitos doces e bolos. Até Selina e Georgiana receberam um gole, um gole muito pequeno, antes ser substituído por uma xícara de chocolate.

A senhora Forsyth, que estava observando a marquesa, tocou suavemente o braço de Minette e disse:

- Acho que sua avó deveria descansar. Ela parece um pouco confusa.

Minette olhou através da sala para onde a velha senhora estava sentada, muito ereta, segurando um copo de vidro intocado na mão. Seu coração ficou apertado. A senhora Forsyth atribuiu caridosamente a expressão no rosto da marquesa ao cansaço.

Minette sabia bem. Foi o temperamento que colocou aquelas duas linhas profundas entre as sobrancelhas e puxou os cantos da boca fina. No entanto, ela se levantou do seu lugar ao lado do fogo e, curvando-se sobre a avó, disse gentilmente:

- Deixe-me ajudá-la até seu quarto, madame. Você deveria descansar antes do jantar. Jantamos hoje cedo, você sabe.

A velha mão enrugada a agarrou, e a velha senhora levantou-se com seu habitual ar real.

- Vou me despedir no momento, - ela se dirigiu aos convidados. - Minha neta insiste que eu deveria me recolher.

Mas não havia descanso para nenhum deles quando finalmente estavam sozinhas no quarto da marquesa. - Que jogo você está jogando, garota? - A voz da velha senhora era aguda e fria como gelo.

- Jogo? Não estou entendendo.

- Você me entendeu muito bem. Eu vi você noite passada com Rochford.

- Acho que você não conseguiu ouvir nossa conversa, no entanto.

- Como se eu precisasse! Você acha que passei minha vida na corte francesa e ainda não consigo ler o rosto de um homem quando ele está querendo fazer amor com a mulher de sua escolha? Ele queria você e você o rejeitou. Você pode negar?

Minette caiu de joelhos diante do fogo e se afastou da avó contemplando suas profundezas. As chamas queimavam, mas não tanto quanto o olhar zangado da avó. Ela levantou as mãos bonitas para proteger o rosto dos dois. - Não, eu não nego. Já falamos disso antes, e minha resposta é a mesma.

- Você é tão burguesa que exige casamento antes de dormir com um homem como este, *un homme vigoureux et viril*? Você pode ter pouca ideia dos prazeres que renuncia.

- Por favor, não as enumere, madame. O prazer não é meu. Se até agora eu me esqueci de mentir com o marido da minha irmã, como você pode imaginar que ele não detectaria instantaneamente uma diferença quando minha irmã voltasse?

- Não vejo dificuldade. Você instruirá Eugénie, é claro, no escuro, todos são iguais.

- Ela o acha repulsivo. Você acha que ele não notará isso?
- Ela deve aprender a superar sua aversão. Uma noite em seus braços deve abranger isso.

Minette olhou para a avó, percebendo pela primeira vez que ela nunca a conhecera.

- Para uma dama de sua linhagem e educação, você pode ser notavelmente vulgar.

A mão da marquesa apertou sua bengala e ela a levantou ameaçadoramente.

- Não se atreva a falar assim comigo.
- Ah, eu ousei muitas coisas agora, graças a você e Eugénie. Já lhe ocorreu que eu poderia gostar de ser duquesa? Que dividir a cama do duque pode ser tão prazeroso que eu não gostaria de desistir. Como você pretende me afastar dessa posição que me forçou se eu me recusasse a sair? Quem acreditaria em você se tentasse?

- Menina insolente! Você não ousaria.
- Ousaria e farei, se você levantar esse assunto novamente. Eu direi a eles que você está louco e já está caducando. Pense nisso, madame.

Sob o seu rouge pesado, as bochechas da velha mulher estavam sem cor.

- Você não faria, - ela sussurrou. - Você não poderia.

Minette ficou cheia de horror com o que acabara de dizer, mas não quis se retratar. Ela disse a si mesma que não devia amolecer. Sua avó usaria o menor sinal de fraqueza contra ela. Então, ela se preparou para responder sem tremor:

- Eu poderia, mas não o farei se você deixar de se intrometer. - Ela observou que as mãos da marquesa estavam tremendo. Ela derramou um pouco de água da jarra de cristal sobre a mesa lateral, procurou o remédio de sua avó e misturou um pouco no copo. - Aqui, madame, beba isso. - Ela segurou o copo na boca da avó e logo a velhinha respirou mais facilmente. Apesar de tudo, seu tom era mais gentil quando disse: - Agora você precisa descansar. Pelo amor de Deus, Grandmère, tente aproveitar o Natal e esqueça esta estúpida festa de máscaras. Pare de tecer suas armadilhas e deixe que venha o que vier.

Ela caminhou até a porta e voltou quando a avó chamou baixinho: - Minette.

- Sim? - Ela ficou surpresa ao ver uma expressão no rosto magro de sua avó que nunca havia encontrado antes. Foi uma aprovação, quase respeitosa.

- Você não é tão medíocre como eu pensava.

Minette sorriu e disse com a voz seca:

- Você quer dizer que eu sou mais como você do que você imaginava?

- Exatamente.

- Sim, isso também foi um choque para mim.

Poucos minutos depois, segura em seu próprio quarto, Minette sucumbiu a uma tempestade de choro. O encontro com a avó havia sido um dos piores minutos de sua vida, e ela mal podia acreditar que havia saído vitoriosa. Ela se sentou na beira de sua cama luxuosa e deixou as lágrimas caírem sem qualquer tentativa de afastá-las. Ela não emitiu nenhum som e, depois de alguns minutos, levantou-se, lavou o rosto e chamou Abigail para ajudá-la a se vestir para o jantar.

Apesar de sua determinação em resistir aos avanços de Rochford, ela não pôde deixar de usar sua cor favorita para a noite. O vestido de cetim tinha a tonalidade exata do vinho que ele gosta e como o vinho em cristal, captava e refletia a luz das velas, brilhando enquanto ela se movia. O corpete foi cortado muito baixo, revelando a fenda profunda entre os seios cor de marfim. Mangas apertadas até o cotovelo terminavam em um babado de renda dourada, e fitas douradas aparavam o babado nos tornozelos.

Satisfeita com o vestido, ela abriu as caixas de joias de veludo, nas quais repousavam os famosos rubis de Rochford. Becky tinha penteado os cabelos em um coque alto, para segurar melhor a tiara pesada. Era composta por três rubis do tamanho de ovos de codorna e, entre cada um, uma pérola cor de creme incrustada em uma concha foliada a ouro, cada um perfeitamente combinado.

Ela colocou o colar combinando em volta da garganta e colocou uma pulseira sobre o braço enluvado. Ela não se satisfazia com esses ornamentos; de fato, ela lançou um olhar melancólico para a caixa que continha seu broche, a única joia que possuía que era

verdadeiramente dela. Não seria adequado para este vestido, no entanto. Ela não resistiu em abrir o estojo, apenas para admirar sua beleza. Mas a caixa estava vazia.

- Becky, o que aconteceu com meu broche? Você sabe?’

- Não sua graça, deveria estar aí.

Minette ficou pensativa, mas não alarmada. Arabella talvez a tenha emprestado e se esqueceu de mencionar para mim.

- Sim, talvez, que garota malcriada, - concordou Abigail. - Ela pede emprestado quase tudo que é seu.

- Ela sabe que eu não me importo. Ela deve ter ido com seu vestido rosa.

Mas quando Minette desceu para aguardar seus convidados no salão onde se reuniram antes do jantar, encontrou Arabella lá sozinha, recatada pela primeira vez em um vestido de organza. Ela não estava usando o broche, nem tinha visto também.

- Como você perdeu? - Ela exigiu em voz alta. - Philip ficará louco.

- Por que eu deveria ficar louco? - O duque entrou no salão a tempo de ouvir isso.

Minette franziu o cenho para Arabella. Simplesmente perdi o broche de flores que você me deu. Sem dúvida, esqueci-me de guardá-lo da última vez que o usei. Ainda está preso ao vestido.

- Sem dúvida. - Seu olhar duro suavizou quando ele pegou a mão dela e a puxou para perto de uma janela cortinada. - Eu estava certo sobre uma coisa. Você fica muito bonita em vermelho.

Ela sorriu para ele. - E você está muito bonito de preto.

Ele se afastou como se ela o tivesse atingido, levando uma mão à sua bochecha cicatrizada. - Bonito? Onde estão seus olhos, minha querida? Ou você está brincando?

- Não, eu não estou brincando, - ela disse calmamente. Ela não pareceu achar necessário dizer mais nada, e atualmente o rosto dele relaxou em um sorriso.

- Perdoe-me, não estou acostumado a elogios.

- Você realmente se acha feio para mim, para Arabella, ou para a Sra. Forsyth, ou mesmo para Lady Talgarth?

- Você pode deixar Lady Talgarth fora da sua lista. Pensei que você soubesse que ela havia achado meu rosto tão impossível de

encarar que interrompeu nosso noivado.

- Sinto muito; Eu não sabia. - Ela pegou a mão dele e a segurou por um momento contra a bochecha. - Tenho certeza de que ela lamenta sua crueldade, principalmente agora, quando você está sendo muito bom com o filho dela.

Ele gentilmente retirou a mão e balançou a cabeça pensativo. - Minha pequena duquesa, tão amorosa, tão doce e tão indisponível. O que devo fazer para ganhar você?

- Você me venceu, - ela sussurrou. - Apenas me dê tempo, por favor.

- Gostaria de saber do que você tem tanto medo. - Ele ficou parado por um momento estudando o semblante em forma de flor dela, e então a puxou gentilmente em seus braços e pressionou seus lábios nos dela. Se seus primeiros beijos a despertaram para uma paixão que ela não acreditava ser capaz, esse beijo, profundo, terno e perspicaz, parecia banhar todo o seu ser no calor do amor dele. Apesar de suas melhores resoluções, seus lábios se moveram ansiosamente sob a pressão da boca dele, e sua forma esbelta dobrou-se diante do ardor dele.

- Você vê, - ele disse em uma voz abalada quando finalmente levantou a cabeça. - Você foi feito para amar.

Ela apertou as palmas das mãos contra as bochechas coradas. - Talvez seja por isso que eu tenho medo.

- Saiam daí, pombinhos, - chamou Arabella. 'Seus convidados estão aqui

Quinze

Aquele jantar de Natal para Minette parecia não mais que um sonho, um concurso colorido que passou diante de seus olhos, mas do qual ela não fazia parte. Seus pensamentos eram caóticos, e suas emoções se alternavam entre uma espécie de admiração e infelicidade. Mesmo quando incentivara seus convidados a provar o peito de ganso, a coxa de veado e a torta de carne moída, ela refletiu dentro de si mesma. Ela sabia que não tinha forças para resistir a outro ataque à sua resolução. Se ele a tocasse novamente, ela derreteria sob as mãos dele e, por mais que tentasse, não conseguia mais se lembrar por que aquilo deveria ser um desastre.

Para esta ocasião especial, a etiqueta foi deixada de lado e os convidados, em vez de se restringirem estritamente aos companheiros de jantar de ambos os lados, se chamavam ao longo da mesa de jantar de mogno de Rochford. Sr Richard chegou ao ponto de remover um enfeite elaborado da mesa para poder conversar melhor com a Sra. Forsyth, com quem estava conduzindo uma animada discussão sobre a propriedade da apresentação exoticamente nomeada por Muhammad Ali de um obelisco egípcio para a Inglaterra. Se a Inglaterra deve, portanto, subscrever o custo de seu transporte para Londres.

Arabella, com muito bom humor, estava flertando ruidosamente com Franklyn, que estava sentado do outro lado da mesa de jantar. Era visível a preocupação de Rochford que sua exuberância passasse dos limites. Coube a Lady Gatley dizer, com humor ponderado:

- Minha querida Arabella, se você pular mais alto do seu assento, você estará pronta para voar.

- Sim ela vai - concordou Franklyn, - como o anjo que ela é.

Isso chamou a atenção de Rochford.

- Qualquer coisa menos angelical que eu ainda tenha que ver.

Ela fez uma careta para ele.

- Você está zangado porque precisa ficar aqui se comportando quando preferia ficar sozinho com a sua querida Minette.

Seu olhar se deteve por um momento em Minette, tomando um gole de vinho de um de seus cálices de cristal irlandeses.

- Tão sutil quanto uma criança, - comentou pensativo. Minette o olhou nos olhos por um momento. Ele ergueu o copo em um brinde silencioso, e sua boca se curvou em um sorriso encantador quando ela retornou a saudação. Franklyn, testemunhando essa troca de olhares, prendeu a respiração e franziu a testa de repente.

Para Minette, a conversa em sua mesa de jantar chegou a ela em breves rajadas de som, aleatórias e sem sentido, enquanto sua mente corria ao redor sem direção.

Eles não podem me fazer desistir dele. Génie não o ama!

- Mas, meu caro senhor, este senhor egípcio não tem absolutamente o direito de doar fragmentos da história de seu país dessa maneira. Como gostaríamos que o regente desse uma parte da torre?

Sou eu quem ele ama. Ele nunca se importou com Génie.

- Quando eu estava na corte de Versalhes, a querida rainha teve a gentileza de me dizer...

Não posso, não posso roubar o marido da minha irmã.

- Franklyn! Você é uma criatura má! Não deve dizer essas coisas para mim. O que meu irmão pensaria?

- Seu irmão não está ouvindo, querida.

Se ele vier a mim, devo cumprir meu dever, mas nada mais. Cumprir meu dever! Ah, meu Deus, me ajude.

- O duque e a duquesa devem representar os papéis de Titânia e Oberon, é claro. Eu os tinha em mente quando escrevi. Bella é muito realista para representar a fada flor-de-ervilha, então ela deve ser a fada Grão-de-mostarda. Eu a fiz uma personagem cômica.

Essa voz ecoava na mente de Minette. William fora levado por Sir Richard para participar do jantar e comer pudim de ameixa flambado. Ele estava envolto em um roupão de linho e o cabelo dele estava escovado e brilhante, com uma gravata bem arrumada em volta do pescoço. Ela sorriu para ele. Eu adoraria estar na sua peça, William. Eu acho isso muito bonito.

- Mascarada, - ele a corrigiu, corando de gratidão, no entanto, com o elogio.

- Mascarada, - ela repetiu obedientemente, mas sua atenção já havia se desviado. Oberon e Titânia? *Se eles soubessem. Eu deveria ser a única a usar a cabeça do asno!*

- Edmund será a traça. Eu pretendia representar sozinho, mas acho que não ficarei muito bem depois de tudo. Você fará Edmund?

- Certamente meu caro amigo, eu farei o possível para não destruir o seu verso.

Pobre garoto, meus problemas não são nada comparado aos dele. Eu não devo ser tão egoísta.

Agora era hora das mulheres se retirarem. Com exceção de William, os cavalheiros se levantaram de seus assentos para cumprimenta-las, enquanto Rochford avançava com sua graça para abrir as portas duplas para elas.

- Não deixe William fazer esforço - sussurrou Lady Talgarth, recuando um pouco quando as damas passaram por Rochford. - É muito ruim para ele.

Ele se curvou. - Você pode seguramente deixá-lo sob meus cuidados. Ninguém tem mais interesse do que eu em sua saúde.

- Ainda tão frio Philip?

- Me perdoe.

- Só se você me perdoar.

- Não se preocupe. Você pode ter certeza de que, quaisquer que sejam meus sentimentos em relação a você, eles não influenciam minha afeição pelo garoto. Tudo o que puder fazer será feito.

- Eu sei.

O Ruby Drawing Room parecia particularmente deslumbrante naquela noite. As urnas altas dos dois lados da lareira estavam enfeitadas com bolas de vidro douradas, que brilhavam a luz das velas. Mais ornamentos pendiam dos lustres e estavam envoltos em guirlandas nas aberturas das janelas. Sobre uma mesa de centro, havia uma pirâmide de pequenas caixas pintadas. Cada caixa era uma obra de arte requintada, mas por dentro havia um presente do duque para cada uma das damas.

- Oh, olhe! - Exclamou a Sra. Forsyth, segurando um leque bonito de seda pintada com paus de marfim esculpidos.

- Que requintado! - Minette respondeu com admiração.

- Rochford sempre tem um ótimo gosto, - declarou Lady Gatley, virando seu presente, uma encantadora caixa de pó de arroz, à luz de velas.

Minette admirava, sorria e louvava, mas, o tempo todo, ela se perguntava por que não havia uma caixa com o nome nela. A avó ficou encantada com o anel, um rubi cercado por brilhantes que outrora adornavam o dedo de La Pompadour. Arabella exclamou sobre seu novo colar de diamantes e disse generosamente a Minette que não precisava mais pedir emprestado o dela, que era bastante inferior. As duas alunas receberam medalhões dourados muito bonitos em forma de coração, o de Selina tinha uma pérola no centro e o de Georgiana uma ametista. Até Lady Talgarth recebeu um presente. Ela corou quando abriu a caixa e trouxe um par de brincos de jade chinês. "Encantador", ela disse em breve, mordendo o lábio. Minette ficou maravilhada com essa reação desagradável ao que certamente era um presente generoso, mas, quando pensou nisso, percebeu o insulto sutil transmitido no presente. Jade por um Jade?

Quando os cavalheiros apareceram, eles também tinham presentes para mostrar. Caixas de rapé, monóculos e para William, um tinteiro de prata e um canivete da oficina de Paul De Lamerie.

Felizes, unidos e um pouco embriagados pelos bons vinhos do duque, os convidados se divertiram. Minette, tendo visto seus convidados serem abastecidos com Milk punch um drinque de conhaque e leite, moveu-se silenciosamente para o canto mais distante da grande sala do fogo que estalava e descansou a cabeça por um momento contra as mãos.

- Você está com dor de cabeça, meu amor? Rochford a viu recuar e a seguiu até o canto escuro. - Este dia foi demais para você.

Se ele soubesse o dia em que ela havia passado, ele poderia pensar que era demais para qualquer um, refletiu. - Possivelmente. Estou um pouco cansada, devo confessar.

Eles foram interrompidos, Arabella correu para o irmão gritando:

- O que você deu a Minette pelo presente de Natal dela, Philip? Ainda não vimos.

Ele sorriu para Minette.

- Percebo que você não perguntou onde pode estar seu presente. Você achou que eu tinha esquecido você?

- Não, achei que você fosse me entregar em particular, - reconheceu ela.

- De modo nenhum. Não é esse tipo de presente. - Ele levantou a voz para que seus convidados pudessem ouvir. - Senhoras e senhores, posso convidá-los para o pátio? Eu tenho algo para mostrar.

Sem demora, os convidados o seguiram pela escadaria larga e pelo grande corredor. A antiga porta de carvalho foi aberta e, à luz das tochas, eles puderam ver seu presente de Natal para sua duquesa.

Era um trenó, todo dourado de pinho polido, almofadado em veludo escarlate. Atrelada ao trenó havia uma égua delicada e cinzenta, lindamente produzida, com bochechas arredondadas, nariz liso como cetim e tranquilos olhos castanhos. Seu arreio era prateado e escarlate, todo pendurado com sinos. Havia fitas vermelhas amarradas em sua crina e cauda e, diante dela estava o condutor. Ele usava um chapéu redondo de pele, um sobretudo escarlate e longas botas de couro.

- Este é Yuri, meu amor. Ele não fala inglês, mas ele é, tenho certeza, o melhor condutor de toda Moscou. Se você se dirigir a ele em francês, ele entenderá você. Ele saiu para a neve e tirou uma capa de zibelina do assento do trenó. - Venha, meu amor, coloque isso em torno de você, e nós vamos dar uma volta.

- Oh, ela é tão bonita! Ela precisa apenas de um chifre na testa para ser a imagem perfeita de um unicórnio. Qual é o nome dela?

- Nada melhor que Désirée. - Ele a levantou no trenó e subiu atrás dela. O criado colocou tapetes sobre os joelhos e os ombros. A uma palavra do duque, ele entregou-lhe as rédeas com óbvia relutância. 'Ele desconfia de mim, mas espero que as lições que recebi me ajudem bastante. Não vou derrubar você, te dou minha palavra.

Partiram ao som de sinos e gritos de admiração de seus convidados. Os jardineiros do duque haviam conscientemente tirado a neve da entrada do castelo; mas o restante do grande parque estava denso de neve, e o trenó logo correu para longe da casa

para além da floresta. Um caminho sinuoso conduzia através das árvores e saía novamente para uma grande extensão de terra. Não havia som, exceto os sinos dos arreios; eles pareciam estar sozinhos no mundo.

- Você está aquecida o suficiente? - ele perguntou, olhando para ela.

- Maravilhosamente quente.

O trenó passou sobre uma pedra escondida, balançou para o lado e o pé de Rochford, escorregando, pisou pesadamente sobre o dela. - Eu imploro seu perdão.

- Por quê?

- Pisei em você.

- Eu não senti nada

Ele parou o trenó. - Deixe-me ver seus pés, - ele ordenou decididamente. Com um sorriso, ela se virou e levantou os pés para descansar em seu joelho. Ele pegou os chinelos de cetim nas mãos e exclamou: - Meu Deus, eles estão congelados! Eu sou um tolo. Eu deveria ter um tijolo quente para os seus pés. - Ele começou a esfrega-los rapidamente, e ela soltou um pequeno grito.

- Isso não vai adiantar, - disse ele, franzindo a testa. Um brilho surgiu em seus olhos e ele sorriu. - Você sabe o que eles fazem contra o congelamento na Rússia?

Ela balançou a cabeça. - Como saberia?

- Vou lhe mostrar. Ele tirou os sapatos, desabotoou rapidamente o casaco e o colete e depois tirou a camisa de dentro das calças justas de veludo preto. Ele ergueu os pezinhos dela nas mãos e pressionou as solas na pele nua de seu abdômen musculoso, puxando o tapete de pele sobre os dois para impedir que o calor escapasse. - Assim está melhor?

Ela estava muito abalada para responder. A intimidade do gesto era algo que ela nunca havia conhecido. Sempre formal e cerimonial, não houve toque na casa da marquesa, além de um selinho na bochecha ou na mão.

- Minette? Eu te deixo nervosa de alguma maneira? A voz dele era baixa e muito gentil. Sua preocupação a abalou ainda mais.

Não, não, eu, eu não sei por que estou sendo tão tola. - Ela enxugou uma lágrima pelo canto do olho. Você é muito gentil e...

- E? - Ele perguntou.

- E eu não estou acostumado a bondades.

Houve um silêncio por um momento, o espaço entre eles era tão denso que desejos não ditos pareciam quase brilhar no ar frio. Então Désirée relinchou. Minette, com todo o seu ser vivo com emoções mal compreendidas, mal notou. Mas Rochford era um cavaleiro bom demais para esquecer o que era devido à égua. - Não posso mais mantê-la correndo. Temos que voltar.

- Sim. - Ela sorriu para ele. - Obrigada por me aquecer.

Ele pegou os pés dela e para sua total surpresa, inclinou-se e levou primeiro um depois o outro, até os lábios e beijou lentamente cada belo pé por vez. - Gostaria de aquecê-lo de uma forma melhor do que essa, meu pequeno amor. Mas não esta noite. Você está cansada, exausto. - Ele cobriu os dois mais uma vez com os tapetes, e eles voltaram para o castelo, ela reclinada no assento com a cabeça contra um travesseiro de pêlos macios.

Dezesseis

Minette dormiu pouco naquela noite. Embora ele tivesse dito "não hoje à noite", ela ficou acordada esperando por ele, em uma guerra de esperança e medo dentro de seu peito. Ele não veio, mas, depois de se revirar muitas vezes em sua cama, chegou a uma conclusão desesperada. Ela o levaria para sua cama. Ela faria amor com ele com toda a paixão que Eugénie lhe negara e, quando tudo terminasse e sua irmã gêmea voltasse, contaria a verdade e se ofereceria como amante dele. Elas inventariam alguma história; ele não precisa saber nada sobre o bebê. Era um esquema absurdo, mas, nas vigias escuras da noite, parecia-lhe fazer algum sentido e, com sua decisão tomada, conseguiu adormecer.

O Boxing Day no Castelo de Camer era tradicionalmente um dia de festa para os empregados e os moradores da propriedade. Trabalhadores extras foram trazidos de Tunbridge para proporcionar aos domésticos um dia de tranquilidade. Deveria haver um jantar preparado para eles no grande salão e, após o jantar haveria dança.

O único dever de Becky naquele dia era trazer para sua ama o chocolate da manhã, e ela quase derramou com entusiasmo.

- Ah, desculpe, senhora!

- Não tem problema. Você vai ao baile hoje à noite?

- Ah sim. Eu fui no ano passado também. Foi maravilhoso de se ver!

Minette sorriu. - E há alguém com quem você particularmente espera dançar?

Becky corou. - Bem, sim, existe. Tom Oake, o filho do condutor que voltou de Londres e...

- E você deve ficar muito bonita. Acho que você deve ter um vestido bonito para vestir, mas, se quiser, escolha um dos meus como presente de Natal.

A garota cobriu a boca aberta com as mãos em êxtase.

- Você está falando sério, senhora?

- Claro; você conhece meu guarda-roupa tão bem quanto eu. Qual deles você gosta?

A garota respondeu sem hesitar.

- Oh, o sarsenet branco com as lantejoulas douradas, por favor, sua graça.

- Esse me parece perfeito. Pegue, é seu. - Ela tomou um gole de chocolate, observando Becky segurar o vestido contra ela e se admirar no espelho. Oake é seu namorado, Becky?

- Ainda não, - riu a garota, esquecendo sua posição em sua excitação e prazer. - Mas depois de hoje à noite, espero que seja.

- Eu também espero.

- E se ele se oferecer para se casar comigo, o duque disse que vai pagar o meu dote para o bonitão.

- Serio?

- É justo que ele deva, já que o velho duque colocou engravidou a minha pobre mãe. - Ela viu o rosto chocado de Minette refletido no espelho. - Oh, desculpe, senhora. Pensei que você soubesse.

- Não, eu não fazia ideia. Mas isso significa que você é a meia-irmã do duque. Por que você deveria ser a criada?

Becky riu. - Benza ó Deus, o duque não pode sustentar todos os seus meio-irmãos e irmãs, e muito menos mantê-los na família! Bem, é sabido que o velho duque não conseguiu tirar as mãos de uma moça bonita. Dizem que, quando ele estava no leito de morte, ele estava com as mãos no cinto da enfermeira. Não sei, quanto do sangue do duque tem espalhado por aí. O filho mais velho está perto dos cinquenta, e eu sou a última. Sua graça, o duque cuida de nós. Ele é um homem bom, não é como o pai.

- Sim, eu sei. - Ela largou as cobertas. - Apenas me ajude com esse vestido, e você estará livre o resto do dia.

Ela desceu as escadas para tomar o café da manhã e encontrou a Sra. Forsyth e lady Gatley no pequeno salão que usavam no café da manhã em família. Foi um dos poucos quartos que não recebeu adornos pelos despojos das viagens de Rochford. Nada além de uma porcelana muito bonita, não havia nenhuma tentativa de dar à sala outra aparência senão a de uma casa de campo confortável e acolhedora. As cortinas eram de chita florida e havia alguns retratos de família nas paredes.

- Estamos nos servindo hoje de manhã, - observou Forsyth. - Posso servir um café para você?

- Obrigada. - Minette se serviu de um pouco de presunto fatiado, pão e manteiga. - Os cavalheiros já tomaram café da manhã?

- Saíram para caçar de manhã, - interpôs Lady Gatley. - Carregando suas próprias armas também. Em minha opinião Rochford vai longe demais com este feriado para os criados. Ele está apenas os mimando.

Minette se conteve. Ela descobriu que se ressentia das críticas ao suposto marido. - Pelo que entendi muitos deles são mais parentes que empregados.

Para sua surpresa, Lady Gatley riu. - É verdade. E o mais triste é que, dentre todos eles, os únicos dois herdeiros legítimos são um garoto doente e um patife pervertido.

- William não ficaria doente se pudesse evitar, - disse Forsyth em suave reprovação.

- Sim, pobre garoto. Mas Franklyn é meu irmão e digo mais uma vez, não confie nele, Eugénie.

- Agradeço seu aviso, senhora, mas é desnecessário. Não estou em perigo do senhor Clareville. Eu gostaria de poder dizer o mesmo por Arabella. Ela parece gostar muito dele. - Ela fez uma pausa e disse: - Não tenho certeza se entendi bem a relação dele com a família. Ele é mais velho que William; por que então ele não é o herdeiro?

- Ah, Franklyn é neto do irmão mais novo do meu avô.

Minette ficou sentada por um momento pensando nisso. - Entendo. E William é...?

- O único filho do meu primo, Henry Clareville.

- Lady Talgarth era muito mais jovem que seu primeiro marido, - observou Forsyth. - Mas eu me lembro dele. Ele era uma criatura tão bonita. Charmoso também.

Lady Gatley assentiu com a cabeça em aprovação.

- Ele era mesmo. Havia vinte anos entre eles, mas foi um casamento amoroso, sem dúvida sobre isso.

Como a conversa partiu dela sem nenhum esforço, sobre o ponto em que ela mais desejava informações, Minette perguntou com uma voz estudiosa e direta: - Lady Talgarth não estava comprometida com, com meu marido antes?

A mulher mais velha bufou com tanta força que sua boina escorregou para frente.

- Quem tem enchido sua cabeça com essa tolice? Havia um tipo de reação entre eles quando eram crianças. Eles juraram se casar quando crescessem e cortaram os dedos um do outro para misturar o sangue. Jogos infantis bobos. Mas quando Caroline Faversham conheceu meu primo, tudo acabou.

- Então não foi por causa do acidente. Quero dizer no rosto dele.

- Eu sei muito bem o que você quer dizer. Claro, foi o que foi dito na época e, sem dúvida, é nisso que Rochford acredita. Mas meu primo me confidenciou que Caroline já havia aceitado sua proposta quando ocorreu o incêndio. O momento foi lamentável, para dizer o mínimo. - Ela suspirou raivosamente. - Mas, pobre menina, ela teve pouco tempo com ele. William tinha apenas um ano quando Henry morreu.

As duas senhoras mais velhas balançaram a cabeça e suspiraram em uníssono. Nesse momento, veio o som de vozes agitadas. Os cães latiram, mas, apesar de tudo, Minette conseguiu discernir a voz calma de Rochford:

- Não há necessidade de toda essa exaltação. Estou perfeitamente bem, não é nada.

Ela voou para a porta e a abriu para ver Rochford, um curativo improvisado em volta da cabeça e sangue seco na testa e na bochecha, pacientemente aceitando as atenções de uma multidão de cavalheiros e criados. Quando Sir Richard propôs enviar o médico, no entanto, ele disse com exasperação:

- Meu Deus, homem, isso não passa de um arranhão. - Ele olhou para cima e viu Minette, emoldurada na porta, com a mão no peito. - Peço desculpas por essa volta desagradável, minha querida.

Ela avançou e os cavalheiros se afastaram para permitir que ela chegasse perto de Rochford. Ela levantou a mão na testa dele e disse com uma voz baixa e nivelada que disfarçou imperfeitamente sua angústia:

- Você está machucado. Como isso aconteceu?

- Ah, apenas uma bala perdida. Acontece. - Ele se inclinou para acariciar um de seus cachorros spaniel, que se contorcia sob a mão

em um êxtase de adoração. - E graças a Beauty aqui que eu não fui morto

Ela engoliu em seco e disse, ainda com a voz calma, uma calma que não parecia ser sua:

- Como foi isso?

Ele riu. - Só que ela, por ser fêmea, exigiu um pouco da minha atenção, e eu me inclinei para acariciá-la assim que o tiro assobiou sobre minha cabeça. Alguns fragmentos me pegaram. Mas, para ela, acho que deveria ter recebido tudo.

- Que sorte. - Ela sorriu para os outros companheiros de caçada. - O almoço será servido na sala de jantar ao meio-dia, mas pedirei a Sturridge que forneça um pouco de cerveja e sanduíches para que se refresquem o sustento até então. Mas agora, se você nos der licença, devo cuidar das feridas do meu marido.

Rochford riu. - Dificilmente devo chamá-las de feridas. Mas longe de mim me opor se você deseja bancar anjo ministrador, meu amor. Na verdade, eu vou gostar!

Ela liderou o caminho até a grande escada e entrou em seu quarto. Ele olhou em volta apreciativamente. - Eu tinha esquecido. - Ele foi até a cômoda e pegou um jade. - Esta é uma peça excelente. - Ele olhou através da sala para onde Minette estava perto do lavatório, derramando água da jarra na tigela. - Você está seriamente se propondo a cuidar desses poucos arranhões miseráveis? - Ele viu o rosto dela tremer e o riso desapareceu do rosto dele. - Meu doce, ora, não se aflija; não é nada. Eu mal sinto isso.

- Você poderia ter morrido, - disse ela com nó na garganta.

- Todos nós podemos ser mortos todos os dias de nossas vidas. - Ele pegou a mão dela e a beijou. - Porém, não imagino que desaprovo essa preocupação de esposa. Isso aquece meu coração. Ele enfiou a mão no bolso. A propósito, você informou que seu broche havia sumido. Fiz algumas perguntas e agora posso devolvê-lo a você.

Ela pegou e olhou para ele intrigada com o tom que ele usou. - Obrigada. Onde foi encontrado?

- No quarto do meu primo Franklyn.

- Meu Deus, como é que ele chegou lá?

- A dedução é que você deixou cair lá.

- Mas isso é impossível. Eu nunca coloquei os pés no quarto dele. Eu nem sei onde é.

Ele a observou por um momento. - Ou você está dizendo a verdade ou é uma atriz maior que Sarah Siddons. Você realmente não sabe como chegou lá, sabe?

- Certamente você não pensou...? Não, isso é tão comum!

Ele apertou a mão dela. - Nem por um momento. Bem, talvez um momento muito curto. - Ele não estava olhando para ela quando disse: - Acredito que alguém gostaria muito de criar uma intriga entre nós. Ele deveria saber que não seria como com Otelo e Iago.

- Eu não entendo você.

- Foi um criado de Franklyn que trouxe o broche para mim. Ele alegou ter encontrado entre as colchas. Como eu mantive meus dedos na garganta dele, nunca vou saber.

- Criado de Franklyn? Mas por quê?

- A última coisa que meu querido primo Franklyn quer é outra vida entre ele e o título.

- Mas você o ouviu. Ele não deseja ficar no seu lugar

- Minha pequena inocente! Você acredita em tudo que um homem lhe diz? Acredite, Franklyn deseja herdar meu título. O ódio dele por mim é uma obsessão ao longo da vida. - Ele levou a mão à bochecha com cicatrizes. - Isso representa sua primeira tentativa contra minha vida. - Ele arrancou o curativo da testa. - E acredito que este seja o segundo.

Ela apertou a manga dele com um gesto convulsivo. - Tenha cuidado, por favor, seja cuidadoso.

Ele cobriu a mão dela com a dele. - Eu sempre sou. Felizmente, ele é um assassino muito desajeitado.

- Por que você o tolera? Por que convidá-lo para sua casa?

Ele sorriu. - Você já ouviu a frase, manter seus amigos próximos e seus inimigos mais próximos? Eu o tolero porque evitá-lo criaria exatamente o tipo de escândalo que desejo evitar. Ele fale de seus erros a todos os tolos crédulos da cidade, e muitos acreditariam nele. Ele é um "bom companheiro frustrado", enquanto eu sou sinistro ao extremo.

- Mas ele tentou te matar!

- Não tenho prova disso. Mesmo que eu tivesse, como eu poderia arrastar nosso nome pelos tribunais e fazer com que um de meu próprio sangue acabasse com sua vida na forca?

Ela afundou no lado da cama. Mas William é o herdeiro. Matar você não faria de Franklyn o duque de Rochford.

O rosto dele endureceu. - Não, mas William provavelmente não viverá para gerar um herdeiro. Se eu estivesse fora do caminho, Franklyn poderia se dar ao luxo de esperar uma questão de um ano ou dois e, quando o menino morrer, ele entra em seu lugar sem um pinga de suspeita. Acredito que o colapso de William no jantar na outra noite pegou Franklyn de surpresa. Ele achou que tinha tempo suficiente para se desfazer de mim e depois... - Ele caminhou até a janela, olhando através do terreno coberto de neve para onde o mar batia nas areias cor de estanho. - Nosso casamento também tem coisas complicadas. A princípio, suspeitei que a intenção dele era seduzi-la abrindo caminho para o divórcio. Ao mesmo tempo, eu temia que ele tivesse sucesso, mas, desde a sua doença, você o afastou. Isso, sem dúvida, - ele apontou para o broche na palma da mão, - foi para me convencer de que você e ele são amantes.

Ela riu. - Ele deveria ter usado um lenço

Ele olhou intrigado, e então sua boca se torceu em um sorriso.

- Como eu disse, não sou Otelo. - Ele atravessou a sala e sentou-se ao lado dela, possuindo as duas mãos. - Não acho que você esteja em perigo de mais do que as tentativas dele para difamar você. Vamos deixá-lo pensar que conseguiu. Em público, minha querida, devemos ser tão frios um com o outro quanto éramos antes de sua doença. Eu acho que isso garantirá sua segurança. Mas não estou me arriscando. Yuri não está aqui apenas para dirigir seu trenó. Ele irá protegê-la quando eu não puder.

- Como posso ser uma ameaça para ele?

- Você pode estar carregando meu filho.

- Mas isso é impossível.

- Ele não sabe disso.

Um grande desejo tomou conta dela, e ela ergueu os olhos com um convite inconfundível. - Eu gostaria que fosse verdade, - ela disse suavemente.

- Minette? - Então os braços dele estavam ao redor dela, e sua boca desceu sobre a dela rápida e feroz, como o falcão que se curvando para pegar a presa. Ela se agitou por um momento em seus braços, e ele a soltou instantaneamente. Mas ela apenas enrolou um braço em volta do pescoço dele e, passando os dedos pelos cabelos emaranhados de sangue, ela puxou a cabeça dele mais uma vez para os seus lábios.

Minette não poderia dizer quanto tempo ficou nos braços dele, com os lábios abertos, e sua boca invadida pela dele, despertada para uma alegria que ela nunca poderia ter sonhado, todo o seu ser trazido à vida pelos beijos dele. Timidamente, a princípio, e depois mais ousada, ela explorou o rosto dele com mãos carinhosas, traçando a linha de sua mandíbula, as maçãs do rosto altas e a testa larga.

Quando ele finalmente levantou a cabeça e olhou em seus olhos, ela estava delicadamente corada, seus grandes olhos escuros de desejo, suas mãos pequenas e brancas alcançando-o. Ele colocou as mãos nos ombros dela e a empurrou gentilmente contra os travesseiros. Ele ficou parado por um momento, se deliciando com sua beleza, depois suas mãos deslizaram pelos braços dela, e a leve musseline de seu vestido caiu ao redor de sua cintura, deixando seus seios descobertos. Ele balançou a cabeça, pensativo, e estendeu a mão para acariciar o requintado bico de seu seio. Ela estremeceu com o toque dele e cobriu a mão dele com a sua.

- É isso que você deseja minha linda duquesa? - ele provocou, deixando-a distraída com o pequeno movimento do dedo dele contra o mamilo. - Todos os seus medos desapareceram?

Ela tinha medos dos quais ele não tinha ideia, mas eram menos do que nada quando confrontados com o desejo que crescia dentro dela. Ela encontrou seu olhar interrogativo e, sorrindo, pegou o rosto dele entre as duas mãos e guiou a cabeça dele contra o peito. - Ah, meu amor, - ela suspirou quando ele cobriu o mamilo sensível com a boca. - Estou sonhando?

- Se você é um sonho, é um sonho que compartilhei muitas noites, - ele murmurou com uma risada em sua voz. Ele segurou seus seios, provando cada um dos mamilos, banhando-os com a

língua, beliscando-os gentilmente primeiro e depois, enquanto ela gemia e jogava a cabeça sobre o travesseiro coberto de cetim, com mais força. Os quadris dela começaram a se mover inconscientemente, para frente e para trás, enquanto ele chupava os picos rosados e com os dedos o tempo todo alisava, acariciava cada seio. Quando os quadris dela empurravam mais alto, em obediência aos seus desejos, as mãos dele se espalharam pelas coxas dela e a boca seguiu para onde as mãos o levaram. Ele beijou a pele fina e sensível de suas coxas lisas, sua barriga aveludada, beijando e descendo cada vez mais.

- Eu quero você - ela sussurrou, pegando a mão dele e pressionando-a em sua carne. - Eu te quero há tanto tempo.

Ele gemeu, mas conseguiu pronunciar levemente, mesmo quando seus dedos mostravam sua necessidade implícita.

- Minha querida, se você tivesse dito isso antes, poderíamos ter poupado muita dor. Mas não importa você já disse isso agora.

Ele a levou a tal ponto que ela só podia assistir em um tipo de transe, enquanto ele retirava do casaco e puxava a camisa das calças. Mas então, enquanto ele lutava com os botões das calças e seus dedos desajeitados, ela se recuperou e se inclinou para frente para ajudá-lo. Na sua inocência, ela não entendeu por que essa proximidade provocou gemidos baixos e uma urgência renovada de seu amante.

Então, finalmente, ele estava deitado nu ao lado dela. Ele a abraçou, e ela conheceu pela primeira vez a sensação primitiva do calor de um homem irradiando contra seu corpo. Sua boca ficou subitamente seca, sua respiração acelerou e, quando ele se lançou em seu calor úmido, ela poderia ter desmaiado se os lábios dele não tivessem se fixado nos dela, bebendo sua doçura. Ciente da inexperiência dela, ele era gentil, beijando, acariciando, murmurando palavras de amor. Mas logo ficou claro para os dois que, por mais virginal que ela fosse, sua verdadeira natureza era tão apaixonada, sensual e tão exigente quanto à dele. Enquanto esse homem amado, o marido de sua irmã, se movia dentro dela, seus pensamentos irrestritos repetiam com desdém, repetidamente, a tempo de seus impulsos – obediência, obediência, obediência, obediência, obediência-ah-ah-ah-aaah!

Quando chegou a seu clímax, foi tão arrasador que ela mordeu com força o ombro dele para conter um grito que certamente ecoaria por toda a casa. Então, mesmo quando onda após onda de sensação assolou seu corpo mole, ela sentiu Rochford pulsar fortemente dentro dela, e ele gritou o nome dela quando caiu sobre seu corpo leve, estremecendo.

Dezessete

Demorou muito para que eles falassem. Minette estava contente em deitar em seus braços, a cabeça apoiada no peito dele enquanto ele acariciava seus cabelos repetidamente. Mas no final, inevitavelmente, foi ela quem quebrou o silêncio.

- Você me ama?'

- Quando eu recuperar minhas forças um pouco, terei o maior prazer em demonstrar novamente, - respondeu ele, fazendo cócegas preguiçosas no peito com um dedo.

Ela se levantou sobre um cotovelo, olhando-o seriamente.

- Não estou brincando. Conte-me.

Ele estendeu a mão para segurar sua bochecha e a puxou para baixo até que seus lábios se encontrassem suavemente.

- Eu vou te amar até o dia em que morrer e além.

- Quando você começou a me amar? Você me amou quando se casou comigo?

- Minha querida, o que isso importa? O agora é tudo o que importa.

- Então você não amava?

Ele suspirou.

- Eu pensei que você era a criatura mais bonita que eu já havia visto. Eu te desejei e acreditei que sua criação fez de você uma excelente escolha. Mas se você deve saber a verdade, eu não estava apaixonado por você. - Ele examinou o rosto dela, uma leve expressão confusa entre as sobrancelhas. - Você parece um pouco satisfeita. Agora por que isso?

Ela sorriu com um sorrisinho enigmático e traçou pequenos círculos com o dedo no abdômen dele, ainda brilhando com o suor do ardor do amor deles.

- Quando você começou a me amar então?

- Que pergunta estranha. Eu poderia facilmente sujeitá-la ao mesmo catecismo. Você esqueceu como rejeitou meus avanços quando nos casamos? Você nem tentou disfarçar seu nojo.

- Nojo! Não, você nunca me deu nojo! - Ela beijou sua bochecha com cicatrizes e, gentilmente afastando o tapa-olho que ele usava, apertou os lábios na tampa que cobria o encaixe vazio. - Foi... - Ela parou de repente, mordendo o lábio. Ela estava prestes a dizer que era Eugénie que tinha nojo. - Só que eu estava com medo.

Os braços dele a apertaram. - Eu não queria te assustar. Minha doce querida. Não pense que eu não entendo. Eu conheci sua avó. Acho que você teve pouca escolha quando me aceitou. Ele ergueu o queixo, forçando-a a olhá-lo. - Não foi isso?

Ela não mentiu para ele mais do que poderia, e então respondeu com cuidado: - Foi Grandmère quem exigiu nossa união eu posso não negar.

- Eu imaginei. Ela te treinou tanto que você parecia ser nada mais do que uma beleza superficial da sociedade, de cabeça vazia, quando o tempo todo, minha querida Minette, havia um tesouro de bondade, doçura e um coração amoroso embaixo daquela concha externa. - Ele a beijou e a colocou mais perto em seus braços. - Eu notei isso depois da sua doença. Você parecia quase uma pessoa diferente. Eu atribuí isso ao cansaço, mas agora me pergunto se algo aconteceu durante aquela semana em que você esteve fora.

- Eu não sei. Não preciso de explicação. Só agradeço a Deus por isso.

Ela agarrou seus ombros, movida por uma súbita urgência.

- Quero que você faça amor comigo de novo.

- Acredito que estou suficientemente recuperado, - ele respondeu levemente. - Vamos tentar? - Mas, apesar de sua falta de vontade, sua voz não demonstrar firmeza, sua respiração acelerou. Ela enrolou os dedos nos cabelos dele e puxou a cabeça dele até seus mamilos latejantes.

A mão dele se moveu para baixo para encontrar o calor pulsante entre as pernas dela. Ela estava úmida e pronta mais uma vez quando os dedos dele encontraram a carne quente dentro dela. Seus quadris começaram a se mover contra a mão dele, e ela gritou, jogando a cabeça de um lado para o outro. Ele olhou para ela, pensativo. - Não tenhamos tanta pressa, meu amor. - Ele se mexeu, posicionando-se na beira da cama e depois a puxou para o colo dele, de modo que eles estavam lado a lado, as pernas dela

envolvendo a cintura e a boca dele trancada na dela. Ele havia penetrado tão profundamente dentro dela, a conexão deles tão intensa que o lento movimento de seus quadris a levou quase ao frenesi. Então, quando ela avançou em direção à satisfação, ele caiu sobre a cama, segurando os quadris acima dele e seus impulsos cresceram com força e rapidez. A segunda vez que ele a levou ao cume da sensação foi mais perfeita que a primeira. Agora ela sabia o que esperar e era capaz de saborear cada onda de prazer, cada palpitação de prazer.

Eles estavam entrelaçados, seus corpos encharcados de suor ainda como um. A coxa dela cobriu a dele e os braços o envolveram possessivamente. Rochford acariciou seus cabelos e deu beijos nas pálpebras fechadas e nos cantos da boca. - Agora você acredita? - Ele exigiu, provocando.

- E você? - Ela respondeu, virando a bochecha para pressionar um beijo na cavidade do ombro dele.

Minette era inocente demais para perceber que havia começado a participar do jogo do amor com um mestre da arte. No entanto, ela estava vagamente consciente, por sussurros ouvidos, de que muitas, talvez a maioria, mulheres não experimentavam êxtase como esse quando estavam deitadas com seus maridos. De repente, ela se perguntou se Charles havia trazido Eugénie para esse campo de prazer ou o terrível pensamento, Rochford e Lady Ashbury...? E Lady Ashbury poderia agradá-lo mais do que ela? Ela não pôde perguntar abertamente, mas disse hesitante:

- Espero que você não tenha ficado desapontado. Foi a primeira vez para mim e...

- Desapontado, - ele ecoou com uma risada trêmula. - Minha doce, doce Minette, como você pôde pensar isso? - Ele pegou o queixo dela e aproximou seu rosto. - Além disso, essa também foi uma experiência nova para mim.

Ela empurrou a mão dele. - Você certamente não espera que eu acredite que esta é a primeira vez que você foi para a cama com uma mulher?

O sorriso dele ficou maior.

- Não, é a primeira vez que eu estou na cama, ou em qualquer outro lugar, com uma mulher que eu amo.

Ela derreteu em seus braços. - Oh Philip! De verdade?'

Ele a beijou. - Dou a minha palavra, minha pequena incrédula!

- Então está tudo perfeito. - Ela esticou os braços delicados acima da cabeça e suspirou. - Grandmère me disse que o amor físico seria minha profissão. Ela parecia pensar que era uma coisa ruim.

Ele riu. - Ela é uma senhora de grande percepção. É sem dúvida a sua profissão. Se você ainda não fosse minha esposa, que amante você seria.

Ela beliscou o pescoço dele e depois beijou o lugar, caso tivesse machucado.

- Eu serei sua amante. Contanto que você me queira.

- Você quer ser minha amante? - Ele olhou para o relógio na cômoda e, com um gemido, saiu de cima dela. - Eu tinha esquecido a hora. Devemos nos vestir para este jantar, querida. Haverá discursos e brindes. Não podemos nos atrasar.

Ele ficou ao lado da cama, despreocupado com sua nudez. Na maioria das vezes, quando ele a iniciou nos mistérios de seu próprio corpo, seus olhos estavam fechados, para melhor saborear todas as novas sensações que lhe ocorreram. Agora ela viu, pela primeira vez, o corpo musculoso e poderoso, a proporção perfeita entre os ombros a cintura e os quadris estreitos, as coxas fortes e as panturrilhas graciosas. - Mais cinco minutos? - ela murmurou provocativamente e teve a satisfação de ver com que rapidez sua masculinidade respondeu ao convite. Ela riu encantada quando ele a atacou, arrastando-a para a beira da cama e abrindo as suas pernas sem a menor cortesia ou delicadeza.

Ele olhou para ela por um momento, segurando suas coxas. Então ele deu de ombros e disse: - Bem, você é uma francesa, afinal. - Ele se ajoelhou, e sua boca e língua a tomaram de uma maneira que rapidamente transformou sua risada em gemidos ofegantes.

No final, pouco menos de cinco minutos depois ela gritou o nome dele, arqueou as costas e tremeu por um momento sem fim contra a boca dele, os dedos entrelaçados nos cabelos dele. Ele mal permitiu que ela apreciasse a sensação antes de jogá-la de joelhos e penetrá-la por trás, tendo sua satisfação rapidamente e com um

olho no relógio. Então ele segurou os seios dela nas palmas das mãos, mordeu a curva requintada onde o pescoço e o ombro dela se unem e disse:

- É assim que as amantes são tratadas, minha querida.

- Amantes afortunadas. - ela respondeu.

Uma hora depois, ela e Rochford estavam sentados à mesa no grande salão, luxuosamente vestidos e tratando um ao outro educadamente. - O que devo vestir para o jantar? - Ela perguntou, e ele respondeu: - Vista-se como se fosse jantar com o regente. Qualquer coisa menos seria um insulto. - E, ali, ela estava sentada à mão esquerda de Rochford, toda vestida com brocado de ouro e esmeraldas, enquanto ele usava casaco e caças pretas e meias de seda branca que representavam o traje da Corte.

Sr. Burroughs, o mordomo, estava sentado à sua esquerda. Enquanto falavam da dificuldade de manter os servos da cidade no país e ele lhe prometia uma experiente costureira, uma senhora francesa de quem ouvira falar, seus pensamentos vagavam: *Que atores nós humanos somos! Minha vida inteira está transformada desde que acordei esta manhã. Eu me entreguei a um homem que não é meu marido; Conheci o êxtase, menti em atos, se não em palavras, e ainda assim aqui estou jantando e falando sobre problemas domésticos, como se nada tivesse acontecido. Foi tudo um sonho?*

Então, debaixo da mesa, Rochford pegou a mão dela. Ele não olhou para ela nem deixou de dar sua atenção cortês às fofocas confortáveis da Sra. Pritchard, mas a pressão de sua mão ofereceu a ela uma garantia muito necessária e uma promessa. Quando ele acariciou sua palma com um dedo, um rubor subiu em suas bochechas, seus olhos ficaram brilhantes e ela encantou o Sr. Burroughs rindo alegremente de todos os seus gracejos.

O jantar foi uma repetição da refeição que seus convidados haviam desfrutado no dia anterior, mas serviram para muito mais convidados. Ela contou mais de cem foliões antes de desistir. Todos os empregados da casa estavam presentes, e o castelo não sofreu escassez de serventes. Havia camponeses, inquilinos e suas famílias, os comerciantes da vila e até mesmo, o Sr. Burroughs sussurrou em desaprovação, dois caçadores ilegais pelos quais o

duque tinha um apreço. Para alimentar essa multidão, havia dezenas de gansos assados com castanhas, de carne de veado, uma enorme torta de porco, um presunto gigantesco, uma peça de queijo Cheddar e o maior pudim de ameixa que ela já vira. Pirâmides de pêssegos, nectarinas e ameixas da estufa foram colocadas em intervalos ao longo de toda a mesa e, como luxo, um grande abacaxi. Ela pensou que ficaria nervosa demais para comer, mas ficou surpresa que estava com fome e atacou o jantar com gosto. Rochford, olhando para o prato que estava diminuindo rapidamente, sorriu levemente, e ela se perguntou o que o divertia.

Os convidados sentaram-se à ordem da Sra. Pritchard em estrita ordem de classificação. Os vários funcionários superiores, mordomo, governanta, mordomo e chefe estavam sentados à mesa superior com o duque e a duquesa. Três longas mesas foram colocadas em cada extremidade e oposta para formar um retângulo. Tendo jantado e recuperado a compostura, Minette se esforçou para procurar Becky e ver o quão bem ela estava no vestido de lantejoulas.

Ela a viu, sentada do outro lado da mesa conversando animadamente com o belo homem ao seu lado. Estranho, ela nunca tinha notado antes o quanto Becky e Bella eram parecidas. Claro, o velho duque era o pai das duas, mas ela podia jurar que Bella era mais gorda que a Abigail, e seus cachos eram castanhos não pretos. De repente, ela exclamou:

- É Bella!

Rochford virou a cabeça.

- Você falou comigo, meu amor?

Ela dirigiu o olhar para a mesa onde a irmã estava rindo e batendo de brincadeira no companheiro.

- Arabella se juntou à festa. É muito travesso da parte dela, eu acho. Veja, lá está ela, com seu primo.

Ela havia esquecido por um momento a nuvem que pairava sobre eles. Parecia impossível que o homem bonito e sorridente que se protegia das risadas brincalhonas de Bella pudesse ser um assassino.

Rochford franziu a testa. Ele parecia furioso.

- Que tolo! Ele acha que os moradores esqueceram Rachael? - Ele olhou para o rosto ansioso dela. - Você já ouviu a história?

- Rachael foi a garota da vila que morreu?

- A garota que ele deixou para morrer. Olhe para eles. Eles o rasgariam em pedaços se não estivessem no castelo. Depois de mais algumas garrafas, eles ainda podem fazê-lo.

Era verdade, agora que ele mostrou para ela. Ela podia ver os olhares negros e de soslaio de homens amargos. Sob o barulho de folia e risada, outro murmúrio começou a aparecer. De repente, ela lembrou as histórias de Grandmère sobre o terror. Só assim, ela podia imaginar que o canalha teria planejado antes de atacar.

- Fique aqui - disse Rochford abruptamente. - Eu devo pôr um fim nisso.

Ela estendeu a mão e colocou uma mão ansiosa no braço dele.

- Não se preocupe. Ninguém vai me prejudicar, ou mesmo tentar.

- Mas Arabella é outra questão. Eles não a conhecem como me conhecem. Se eles atacarem Franklyn, ela pode se machucar.

A sala ficou subitamente quieta quando Rochford caminhou sem pressa pelas mesas, parando enquanto passava para pressionar um ombro aqui, fazer uma piada ali. Franklyn observou-o gozar, e Minette de repente se perguntou como ela poderia o achar bonito. Ele parecia assustador e desafiador.

Mas quando Rochford chegou perto de sua cadeira, foi a sua irmã que ele se dirigiu.

- Minha querida, isso é contra toda tradição, você sabe. Não é nossa festa e você não foi convidada.

Bella fez beicinho. - Isso é bobagem. Por que não devo jantar onde quiser em minha própria casa?

- Porque, neste dia do ano, não somos os mestres aqui. - Ele passou a mão pelo corredor, ainda sorrindo. - Eles são.

Arabella fez uma careta, mas ela se levantou da cadeira. - Ah, muito bem. - Ela fez uma zombaria de reverência para a multidão. - Venha, Franklyn, sabemos quando não somos bem vindos.

- Maldito seja! - Ele se esparramou na cadeira. - Esta é uma festa muito boa, e pretendo ficar e dançar com todas as moças mais bonitas.

Os murmúrios perigosos aumentaram mais uma vez, mais altos e mais ameaçadores. - Não seja mais tolo do que de costume primo. Se você insistir em ficar, estará se arriscando. Não levantarei um dedo para protegê-lo.

- Me proteger? Me proteger do que?

Rochford se curvou e sussurrou no ouvido de seu primo. O homem pareceu encolher, e então ele deu de ombros e levantou cambaleando.

- Levem o Sr. Clareville aos seus aposentos, por favor - disse Rochford a dois dos garçons contratados que estavam em pé na porta. Com rostos impassíveis, cada um pegou um braço e ajudou Franklyn, não muito gentilmente, a sair da sala.

Rochford se dirigiu aos convidados, sorrindo: - Não deixem isso estragar sua noite, meus amigos. Ainda há muito vinho a ser bebido e danças a serem dançadas. - Ele acenou para os violinistas que haviam interrompido sua música para assistir ao drama se desenrolar, e eles começaram uma música animada. A tensão diminuiu e as conversas aumentaram novamente. Os olhares de aprovação seguiram Rochford enquanto ele voltava para o topo da mesa.

- O que você disse a ele? - Sussurrou Minette, incapaz de conter sua curiosidade.

Ele deu uma risada curta. - Eu disse a ele o que o pai e os irmãos de Rachael ameaçaram fazer com ele o mesmo que aconteceu com ela se eles tivessem a chance. - Ele acenou com a cabeça para o final da mesa à sua direita. - Ali estão eles.

Os quatro homens que ele indicou eram de aparência respeitável, mas muito grandes e, ainda assim, pareciam muito zangados. Um mais novo que os outros estava sendo mantido em sua cadeira apenas pela pressão das mãos de seus irmãos nos ombros.

- O que eles fariam com ele?

- Algo que tornaria impossível para ele usar outra garota como ele fez com a pobre e boba Rachael.

- Ah? Bom!

- Você é muito vingativa, meu amor.

- Ele tentou te matar.

- Mas ele não teve sucesso, e ele não terá, eu prometo. - Ele olhou para o rosto dela, subitamente sério. - Agora você entende por que ele nunca poderá herdar o título. Dê-me um filho, minha linda duquesa, ou até dois.

Ela ficou em silêncio pela súbita percepção de que, embora pudesse dar-lhe filhos, nunca poderia dar-lhe um herdeiro.

- O que foi? O que eu disse para incomodá-la?

- Nada, nada!

- Há algo. Você duvida de mim? Você realmente acha que tudo que eu quero de você é sua linhagem? Que meu amor por você é falso? Dou-lhe minha palavra de que você ficará convencida depois desta noite.

- Esta noite?

- Você achou que eu pretendia deixá-la dormir sozinha?

- Não achei que você quisesse que eu dormisse - disse ela baixinho, com um olhar tímido no rosto dele por baixo dos cílios dela.

Ele colocou a mão sobre a dela debaixo da toalha da mesa e a agarrou com força. - Você dormirá nos meus braços e acordará neles também. - Ele se inclinou para sussurrar no ouvido dela: - Mas isso não é tudo. - Ele baixou ainda mais a voz enquanto lhe dizia o que estava por vir quando estivessem sozinhos no quarto dela. Ela sentiu um súbito lampejo de calor como se ele a tivesse acariciado. Ele estava assistindo e, quando a viu corar, riu e pegou o leque dela, agitando-o rapidamente. - Perdoe-me, não vou mais te provocar.

Ela conseguiu um doce sorriso social para o benefício dos convidados, mas sua respiração era rápida e superficial. - Devemos ficar mais tempo?

- Devemos liderar a primeira dança. Então estaremos livres.

Para Minette pareceu demorar muito para o jantar finalmente terminar. Houve brindes intermináveis e um voto de agradecimento. Depois, três aplausos pelo duque, outros três pela duquesa, a sugestão de que o castelo logo soaria com os gritos recém-nascidos de um filho e herdeiro. Finalmente, as tábuas foram limpas e a dança pôde começar.

Ela ocupou seu lugar em frente a Rochford, no topo do primeiro set. Olhando para as fileiras de dançarinas, ela viu Becky, muito bonita de branco e dourado, seus cachos um pouco desgrehados. Ela estava cor de rosa com calor e emoção. O jovem à sua frente estava olhando para ela de uma maneira que Minette se perguntou se haveria alguma preocupação para sua pequena menina naquela noite. Ela encolheu os ombros; parecia que ninguém se importaria se outro bastardo de Clareville se juntasse à família. Eles eram positivamente medievais ainda nesta parte do mundo. De repente, ela se perguntou se Rochford teria gerado algum dele. Ele tinha trinta e oito. Ora, ele poderia ter criado filhos e filhas nesta mesma sala. O pensamento a gelou. Ela poderia ousar perguntar a ele?

Mais tarde, porém, quando ele a abraçou, ela não pensou em seus hipotéticos filhos. Durante toda a noite seguiu aonde ele a levou, libertada por suas mãos, boca e corpo das correntes que sua avó a cercara desde o nascimento. Ela não tinha vergonha, modéstia, medo; apenas uma grande alegria e gratidão por sua liberdade.

Dezoito

Ela acordou como ele havia prometido, em seus braços. Uma leve luz no céu mostrava que era madrugada. Houve um silêncio tão profundo que ela imaginou que nevara novamente durante a noite. Ela esticou seu comprimento contra ele e deu um suspiro de puro contentamento.

- Finalmente acordada? Sua voz era gostosa e levemente divertida. - Você sempre dorme como um morto?

- Eu não sei. Você tentou me acordar?

- Eu tentei, mas você se enrolou como uma bolinha, e eu não tive coragem de tentar novamente.

Ela se virou dentro do abrigo do abraço dele e sorriu. - Estou acordada agora.

- Sim você está.

- Os funcionários logo acordarão. Eles podem nos descobrir e falar. Você sabe que Franklyn não deve suspeitar de nós.

- Maldito Franklyn, - ele disse com uma careta. - Um homem deve ter permissão para compartilhar a cama de sua própria esposa.

- Mas eu não... - Ela parou, horrorizada com o que ela estava prestes a dizer. Eu não sou sua esposa, meu amor, embora eu daria minha alma para ser assim.

- Não...?

- Não me sinto totalmente feliz com toda a família sabendo de nossa relação. Mesmo que seu primo vil não estivesse no meio.

Ele riu. - Devo fechar as cortinas da cama para preservar sua modéstia?

- Que modéstia? Não tenho mais nada depois da noite em que passamos. - Ela fez uma pausa: - Mas você pode trancar a porta.

Quando ele voltou para ela e a abraçou, ela se afastou um pouco e levantou a mão, traçando as cicatrizes com os dedos.

- O que aconteceu? Franklyn realmente tentou te matar?

Ele virou a cabeça para dar um beijo na palma da mão. - Eu sei que é difícil de acreditar. Satisfeito Franklyn tem apenas que sorrir,

pois sua verdade é inquestionável.

- Eu não acreditaria nele se ele dissesse que o sol nasceu no oeste.

Ele riu e a beijou. - Minha pequena bobinha, ele nasce no leste. No entanto, eu aprecio o sentimento.

- Ah, isso não importa! Mas, por favor, gostaria de saber a verdade.

Rochford recostou-se nos travesseiros. - Foi há vinte anos. Eu tinha dezoito anos; Franklyn devia ter uns quinze anos. Ele ainda estava em Eton, me lembro. Bem, uma manhã, eu estava passando pelo quarto dele quando ouvi a voz de uma mulher. Ela parecia angustiada, e eu entrei para encontrar Franklyn tentando... é... se impor a uma das criadas. Eu o arrastei para fora e dei-lhe um bom chute para ensiná-lo melhores maneiras.

- Acredito que ela ficou grata.

Ele sorriu. - Extremamente. Cerca de uma semana depois, voltei tarde, vendo uma criada da vila.

- Criada? Você? Que sórdido!

- Eu tinha apenas dezoito anos, meu amor. Eu superei a maioria dos meus vícios. O que é mais do que pode ser dito para o primo Franklyn. Eu estava deixando a égua no estábulo quando ele saiu das sombras atrás de mim com uma faca na mão.

- Ele tentou esfaqueá-lo pelas costas!

- Sem dúvida. No entanto, vi a sombra no movimento à luz da lâmpada e me virei a tempo de me defender. Houve uma briga curta e suja, com a qual não vou te cansar, e o derrubei. Foi então que ele pegou um ancinho da palha e veio até mim. Ele causou muitos danos antes de eu arrancá-lo dele. Então, ele chutou a lanterna.

- Deliberadamente? Em um estábulo?

Seu rosto torceu com aversão. - Uma jogada muito inteligente. Enquanto eu tentava conduzir uma dúzia ou mais de cavalos aterrorizados pelas chamas, ele conseguiu escapar. Então o fogo se espalhou pelas cozinhas, e foi o caos tirar os criados.

- E seu olho?

- Sobre isso não posso culpa-lo, exceto indiretamente. Fui chutado no rosto por um dos cavalos que estava fora de si apavorado.

Ela fez um pequeno som amoroso e levantou o rosto para pressionar os lábios contra a bochecha dele. - Como você sofreu. Mas ele deveria ter sido enforcado! Foi tentativa de assassinato.

Ele a puxou para mais perto, enterrando a boca nos cabelos dela. Fiquei gravemente ferido, fui contar minha história imediatamente para meu pai, Franklyn já estava lá antes de mim. Ele facilmente convenceria meu pai de que o incêndio havia começado por acidente e a briga não passara de dois meninos envolvidos em uma rixa. Meu reverenciado pai me informou que não iria arrastar o nome de sua família pela lama por causa de uma disputa entre dois meninos covardes sobre uma rapariga. Ele deixou bem claro, e decidiu que ela não valia a pena o problema que causara. Ele a mandou embora. Então, toda a minha interferência foi fazer a pobre criatura perder seu trabalho.

- Espero que você tenha tomado conta dela.

- Nós cuidamos um do outro.

- Eu não sei qual é o monstro maior, Franklyn ou seu pai.

- Franklyn teria sido um filho segundo seu próprio coração. Ele nunca gostou de mim. "Muito moral", ele me disse. Deveria ter sido um pastor.

- Ela deu uma risada. - Flertar e "cuidar" de criadas não me parecem muito moral.

- Meu pai tinha altos padrões, ou talvez deva dizer baixos, de deboche.

- E depois, a história com, Rachael? Ele realmente a deixou morrer?

Ninguém, exceto Franklyn, sabe a verdade. Só sabemos que ela saiu com ele naquela noite e acabou morta. Ele bateu a cabeça quando sua carruagem foi derrubada. Pode ser verdade que ele não se lembrou dela até de manhã

- Como ela era?

- Uma beleza como a sua, com uma pele como pétalas de rosa. Mas, para ser justo com meu primo, ele não seduziu uma inocente. Rachael teria achado uma boa brincadeira ficar nua em seu altar, enquanto todos os ricos mais loucos de Londres lambiam o vinho da barriga dela e agradeciam aos deuses antigos.

- Você a conhecia bem?

- Não me censure dessa forma. Não é bem assim. Ele suspirou. Ned, seu pai e eu passeamos juntos pela floresta quando éramos meninos e pescávamos nas costas do riacho. Eu era padrinho do filho primogênito e a conhecia desde um bebê. Não podia deixar de gostar dela. Ela era selvagem e ingovernável, mas não merecia o que aconteceu com ela. Ninguém merecia. - Ele disse depois de alguns instantes: - Chegamos agora ao fim de suas perguntas? Não, acho que há mais alguma que você gostaria de fazer não é?

Ela não fingiu entendê-lo. - Conte-me sobre Lady Ashbury.

- Lady Ashbury é uma senhora muito boa que foi gentil quando eu mais precisava de bondade. Eu acho que é tudo que você precisa saber meu amor.

Ele viu que ela estava mortificada e acrescentou gentilmente: - Eu também não discuto você com ela.

- Não quero discuti-la, - respondeu Minette, um pouco mesquinha. - Tudo o que eu gostaria de saber é que vocês tinham e não tem mais.

- Ela e eu nos separamos.

- Eu sabia disso! Ela ficou muito chateada?

- Minette, eu disse tudo o que tinha para dizer. - Ele pareceu subitamente severo, e ela não se atreveu a discutir o assunto. Mas havia um frio inegável entre eles, apesar de seu braço em volta dela. Ela suprimiu um pequeno soluço.

Ele a juntou mais perto. - Chorando, meu amor? Eu não pretendia ser bruto, na verdade não fui. Se você se colocasse no lugar dela por um momento. Você imagina que ela iria querer o nome dela nos seus lábios enquanto eu te abraço assim e beijo sua doce boca? Vamos discutir minha antiga amante enquanto eu te tocar aqui e aqui? - Ele viu uma lágrima escorrer por seu rosto e beijou o local. - Da minha parte, já falei o suficiente sobre o passado.

Ela fungou. - Tudo bem.

- Vamos mudar de assunto. Livros por exemplo. Não discutimos livros há muito tempo. Já lhe disse que peguei um volume muito interessante enquanto viajava pela Índia?

Ela não estava realmente com disposição para discutir livros, mas isso a impressionou.

- Eu não sabia que você fala híndi.

Ele sorriu. - Nem eu, meu amor. No entanto, as ilustrações eram tudo o que eu precisava. Eles são muito educacionais. - Ele a abraçou. - Permita-me demonstrar.

Quando Becky chegou com o chocolate da manhã, Rochford já havia saído da cama e dormira algumas horas doces e sem sonhos.

- Bom dia, sua Graça. - Ela viu a garota lançar um rápido olhar para o travesseiro vazio ao lado de Minette e notar o amassado mostrando outra cabeça. - Espero que sua Graça tenha dormido bem.

Minette, observando seu ar de excitação contida, respondeu:

- Assim como você, eu espero. Devo lhe felicitar?

- Sim, senhora. Vamos nos casar o mais rápido possível. - Ela de repente se curvou e beijou a mão de Minette. - Foi o vestido que fez isso! Ele disse que eu parecia uma duquesa.

- Você fez isso. - Ela largou a colcha antes de se lembrar de que não estava de camisola. Becky riu e entregou a ela o roupão de cetim que havia passado despercebido no chão durante a noite. Minette colocou os braços na roupa maltratada e amarrou a faixa em volta da cintura fina. - Arabella já acordou?

- Sim. Ela ainda está deitada, mas já tomou chocolate com pão doce que ela gosta.

Mesmo durante a longa e quente noite que ela acabara de passar, o pensamento de Bella pairava no fundo de sua mente como um espírito sem corpo. Ela estava se aproximando demais de Franklyn e, sabendo o que agora sabia sobre ele, Minette estava mais determinada do que nunca a falar. Ele não poderia prejudicar Bella se ela pudesse evitar.

Os relógios marcavam meio-dia quando ela deixou o quarto e bateu suavemente na porta de Arabella e a abriu. - Bom dia meu amor.

Arabella estava sentada contra os travesseiros dobrados, um pouco pálida e segurando uma flanela úmida na testa.

- Ah, é você. O que você quer? Estou com dor de cabeça e desejo ficar em paz.

- Você está com dor de cabeça porque bebeu muito vinho, - respondeu Minette friamente. - Como você pode ter sido tão tola a

ponto de levar seu primo para o jantar ontem à noite? Você mesmo me contou a história. Você deve saber que os moradores o odeiam.

Bella deu de ombros e fez uma careta. - Por que devemos nos importar com o que eles pensam? Franklyn me contou a verdade. Ele era totalmente inocente, e ela era uma garota má, de qualquer maneira.

- Ela não merecia morrer. - Ela sentou-se ao lado da menina mais nova e pegou sua mão. - Você não vê como ele está tentando prendê-la e colocá-la contra todos nós?

Bella se afastou e, ao fazê-lo, sua camisola escorregou exibindo os hematomas inconfundíveis deixados pelo aperto de um homem em seus braços e seios roliços. Ela rapidamente os cobriu e olhou para Minette em tom desafiador. - Bem, o que você tem a dizer agora?

Minette, consciente de que sua pele clara era igualmente manchada, não conseguiu repreender. - Só imploro que reflita. Um homem honrado não a seduziria enquanto ele é um convidado sob o teto de seu irmão.

- Ele não fez, nós não fizemos, foram apenas beijos
- Beijos como esses podem arruinar você.
- Ah, por favor! Naturalmente, sei quais são os limites.
- Você sabe? E quais são?

Bella corou. - Você sabe muito bem. Eu nunca permitiria nada que me tornasse inviável.

- Se você deseja obter uma reputação de beijos fáceis, não será.
- Que coisa horrível de se dizer!

Minette refletiu que era bom que Bella não soubesse a verdade. Ser repreendida sobre alguns beijos por uma mulher tão comprometida quanto ela teria sido a ruim o suficiente, mesmo para Bella.

Dezenove

Encontrar Rochford com indiferença sobre a mesa do café foi uma das coisas mais difíceis que Minette já teve que fazer. Antes de deixá-la no amanhecer relâmpago, ele a lembrou que, para sua própria segurança, Franklyn devia acreditar que estavam afastados. Então, enquanto ela queria correr em seus braços, ela apenas acenou uma saudação fria ao duque e pronunciou: - Bom dia, - com uma voz fria. Sua atenção foi imediatamente reclamada por William, que parecia um pouco fraco ainda, mas se recuperou o suficiente para sair de sua cama e descer as escadas sem ajuda.

- Prima, não deveríamos começar os ensaios esta manhã?

- Ensaios?

- Para minha mascarada. - Ele parecia magoado por ela ter esquecido. Ela se apressou em tranquilizá-lo.

- Certamente. Mas você deve nos dizer como começar. Eu nunca atuei antes, não sei nada.

Ele olhou para ela. - Mas claro que você sabe. Por que foram os teatros particulares de Lady Fortescue que me inspiraram a escrever A tragédia da fada

Ela colocou as mãos na boca, abalada pelas palavras dele. Tão acostumada a ela ao seu papel que quase esquecera que era uma impostora. Ela havia colocado tudo em uma armadilha. - Oh aquilo. Não considero uma atuação comparada à sua peça, meu querido William.

Ele corou de prazer, e ela respirou mais facilmente. - Como devemos começar?

- Com uma leitura da peça inteira nesta manhã, e após o almoço, trabalharei com os atores da cena um.

Talvez não fosse assim que a maioria dos convidados escolheria passar a manhã; mas William era o favorito geral, e eles obedeceram com bom humor para lhe dar prazer. Eles, portanto, sentaram-se em círculo ao redor da sala e ficaram sentados por um tempo, conversando, alisando seus manuscritos e olhando para seus papéis até William chamá-los para ordenar e a leitura começar.

Minette achou que a peça era muito superior a algo que se poderia esperar que fosse escrito por um autor tão jovem. Não só a poesia era mais bela, as emoções expressas nela eram de maturidade e profundidade bastante surpreendentes em alguém tão inexperiente. Ela só podia supor que o sofrimento fomentara seu talento e o sentisse pena dele.

Ele parecia, no entanto, feliz e animado o suficiente. Ele elogiou aqueles que podiam atuar e zombou do desespero daqueles que confundiam suas palavras. Seus olhares e sorrisos mais brilhantes foram para Minette. - Perfeito! Como se você pudesse me decepcionar.

Ela sorriu. - Sou grata por não ter perdido o meu talento.

- Devo dizer que você está melhorando, - disse Rochford. - Se você se cansar de ser minha duquesa, ousa jurar que a receberiam em Covent Garden.

Ela corou, mas, lembrando, franziu a testa e lançou-lhe um olhar sombrio. - Como você achou que eu deveria me cansar da minha posição? Ser duquesa de Rochford é certamente alcançar as alturas da felicidade feminina. - Seu tom era fortemente irônico, apenas o duque sabia que ela falava a verdade simples. Ele ergueu as sobrancelhas, interrogando-a, e ela o encarou seriamente.

Os convidados foram liberados para o almoço e, como apenas os quatro jovens Edmund, Bella, Georgiana e Selina eram necessários para o ensaio da tarde, o resto da festa se retirou para seus aposentos, sala de bilhar ou estábulos, segundo a sua vontade. Minette foi interrompida pela voz de Rochford no momento em que ela saía da sala. - Você está um pouco pálida, meu amor. Eu sugiro que você de um passeio de trenó. Vai te fazer bem.

- Estou perfeitamente bem, obrigada, - respondeu ela repressivamente, ciente de que Franklyn os ouvia e os observava. - Prefiro descansar no meu quarto.

- E prefiro que minha esposa dê atenção nos meus desejos.

- Deus do céu! Devo estar sob seu controle a cada momento do dia? Eu sou sua esposa, não sua escrava!

- Eu gosto de saber onde você está certamente. Se você acha isso irracional, deve se culpar. Você e seus pertences têm um jeito de se tornarem perdidos.

Minette abaixou a voz, mas suas palavras ainda eram perfeitamente audíveis para Franklyn quando ela disse: - Eu já lhe disse várias vezes que não tenho ideia de como meu broche veio para a sala.

Pelo canto do olho, ela vislumbrou um sorriso satisfeito no rosto de Franklyn, e seus lindos dedos se curvaram em garras enquanto imaginava apagar o sorriso daquele semblante complacente.

- Se você diz meu amor, é claro que acredito em você, - respondeu Rochford com um encolher de ombros. - Mas isso não altera o problema. Passei um tempo considerável, esforço e, posso dizer dinheiro em seu presente de Natal, e isso me agradaria se você o usasse.

- Oh muito bem; desde que você faça isso.

- Bem, vou dar a ordem nos estábulos. Seu trenó estará na porta em meia hora.

Não foi surpresa para Minette descobrir, quando ela entrou no trenó, que era Rochford, não Yuri, quem segurava as rédeas nas mãos enluvadas. Ela não disse nada, apenas se apoiou contra quando o braço dele envolveu-a e o belo animal no arnês se afastou, sacudindo a cabeça e erguendo os cascos com uma delicada precisão. Então ela murmurou: - Você não precisava ser tão horrível comigo.

- A tentação de beijá-la foi tão forte que apenas as medidas mais rigorosas serviram para neutralizar essa vontade. Você pode entender minha querida, que quanto mais intenso meu comportamento, mais desejo fazer amor com você. - Ele olhou para o rosto sereno dela. - Você é uma atriz notável. Até pensei em ter te irritado por um momento.

Ela levou a mão à bochecha dele e acariciou-a. - Nunca meu amor. Para onde você está me levando?

- Essa é a minha surpresa. Desde que meu querido primo Franklyn transformou seu dormitório em um paraíso proibido, preparei um lugar alternativo para nós.

Ele virou a cabeça do cavalo mudando de direção para um caminho que conduzia através de um pequeno bosque de pinheiros, todos com os galhos pesados de neve. Em alguns instantes, eles estavam escondidos da vista, do castelo ou da estrada. No fundo da

floresta, o trenó atravessava uma pequena ponte de pedra que passava por cima de um riacho, agora congelado. Alguns metros adiante havia uma charmosa cabana de pedra, sua chaminé alta enviando fumaça de madeira com cheiro doce ao ar frio. Rochford parou o cavalo diante do pequeno caminho de cascalho que levava à porta.

- Entre, meu amor. Eu devo guardar a égua. Estarei com você em instantes. - Ele a ajudou a descer do trenó e destrancou a porta da cabana, que era muito mais robusta e moderna que o resto do prédio. Havia uma marquise ao lado da cabana e, tendo desatrelado Désirée e coberto-a com um tapete grosso, ele a levou para o galpão.

- Ela ficará bem por uma ou duas horas, - comentou. - Por que você não entrou?

- Eu estava esperando por você.

- Você pode pegar um resfriado.

- Eu dependo de você para me aquecer.

- Isso eu posso te assegurar. - Ele a jogou em seus braços e a carregou para dentro da cabana que ele havia preparado para ela. - E então você gostou?

Ela não tinha notado nada do ambiente ao redor, ocupada com os botões do colete, mas com as palavras dele, ela olhou em volta e deu uma exclamação de prazer. O que parecia, de fora, ser um chalé modesto e rústico, era mobiliado por dentro com tesouros tão requintados que parecia uma joia brilhante. Rochford pegou as riquezas de seu castelo e esbanjou sua beleza em uma sala gloriosa. Havia tapeçarias e tapetes de seda da China, armários da Pérsia, ícones da Rússia e divãs cobertos de almofadas de seda, com borlas e brilhantes de joias em vermelho rubi, azul safira e verde esmeralda profundo. Ao lado do fogo, havia uma chaleira da qual saía o mais delicioso perfume de vinho com especiarias. - Eu trouxe essa receita na Alemanha. Beba minha querida.

Ela fez o que lhe foi pedido, engasgando um pouco quando a bebida quente e temperada tocou o fundo de sua garganta. - Eu acho meu senhor Duke, - ela disse um pouco instável, - que você está tentando me seduzir.

- Estou feliz que você tenha notado isso. Estou conseguindo?

Como resposta, ela tirou a capa forrada de pele que a envolvia e a deixou cair no chão. Sua forma nua, brilhando a luz do fogo, poderia ter sido a de Vênus surgindo da espuma, ou Eva, não mais inocente, no Éden. - Sim.

Por um longo momento, ele não se mexeu nem falou, mas ela sentiu como se fosse acariciada e envolvida no próprio calor de seu olhar. Então, em um passo rápido, ele a agarrou, sua boca desceu sobre a dela, e ela se esticou contra seu peito, indiferente ao fato de que a carreira de botões de pérola no casaco dele beliscou a pele delicada de seus seios e a lã áspera arranhava suas coxas enquanto ela torcia as pernas, como um gato, em volta da cintura dele. Ela recuou em um arco gracioso, como ele a ensinara, até que seus cabelos desgrenhados quase tocaram o chão atrás dela, enquanto ele se inclinava para pressionar seus beijos em sua barriga.

No momento seguinte, ele a virou nos braços e ela caiu para frente, sobre o braço de um sofá baixo. As mãos dele seguraram os seios dela, a boca dele foi pressionada contra a nuca dela, e então ele a penetrou, trazendo-a a realização rapidamente com movimentos rápidos e fortes que poderiam tê-la magoado, mas não porque ela estava tão impaciente quanto ele de fato, teria desprezado sua gentileza. Haveria tempo suficiente para isso mais tarde.

Ela gritou o nome dele enquanto afundava o rosto nas almofadas, mordendo a seda carmesim enquanto todo o seu corpo parecia dilacerado por uma explosão de luz e calor além de qualquer coisa que ela havia conseguido antes. Rochford deu um último impulso que lhe pareceu alcançar o centro de seu ser; então ele caiu contra ela com um grito triunfante e ficou imóvel. Eles permaneceram unidos por um longo momento, ele a cobriu com seu corpo e sua bochecha pressionou contra o cabelo dela.

Quando ele deslizou do corpo dela, ele a virou gentilmente para encará-lo. - Me perdoe.

- Por quê?

- Fiquei um pouco empolgado. Eu não quis colocar tanta força.

Ela sorriu e pressionou os lábios contra a palma da mão dele. - Não importa, porque eu também queria isso. Mas - ela passou a

mão pela frente da camisa dele e a puxou: - Você não acha que seria bom se você pelo menos tirasse as botas?

Dentro de poucos instantes, sua camisa, calças e botas foram todas descartadas e eles se deitaram nos braços um do outro, e seus lábios e línguas se uniram em beijos profundos e sensuais.

Ele levou o copo de vinho aos lábios inchados, beijando as gotas que caíam sobre seu peito. Ele trouxe doces para ela, cheios de amêndoas, mel e canela, dando pequenas e deliciosas mordidas. Então ele fez amor com ela novamente, esforçando-se infinitamente para agradá-la, cada respiração uma carícia, cada suspiro uma bênção. Somente quando finalmente seus gemidos suaves cessaram e ela ficou quieta sob o peso dele, ele a aproximou e se permitiu ter sua própria satisfação. Então ele puxou um lençol de seda sobre os dois e curvou seu corpo ao redor do dela com seu hálito quente agitando os cachos na nuca dela.

Foi então que ela virou a cabeça e encontrou a janela. Embora fosse crepúsculo e a neve caísse espessa sobre os cabelos e ombros dele, ela não teve dificuldade em reconhecer aquele rosto pálido e devastado. Era o rosto do Chevalier D'Evremont, amante de Eugénie e pai de seu bebê, que se afogou no mar três meses antes.

Vinte

Quando ela finalmente parou de gritar, Rochford levou o frasco aos lábios e derramou um pouco de conhaque na garganta. Ela tossiu e engasgou; mas um pouco de cor voltou às suas bochechas e o estremecimento violento cessou. Ele a segurou nos braços, balançando e acariciando-a.

- Minha querida, minha querida, o que eu fiz para te assustar tanto?

Ela tremeu apesar da força protegida de seus braços. - Não, não, não era você! Eu vi, eu vi.

- O que? O que você viu?

- Um rosto na janela!

- O diabo! Por que você não me contou isso antes? - Ele a deitou cuidadosamente sobre as almofadas e se levantou. - Era Franklyn?

- Ele estava na porta, mas a neve caiu tão rápido que ele não podia ver mais do que alguns metros. - Condenação! E os passos dele já estarão cobertos agora.

- Não deixaria pegadas - sussurrou Minette, puxando a capa sobre a nudez.

Ele olhou para ela, com uma expressão reprimida. - Quê? Pensei que você tivesse dito que viu um homem?

Ela murmurou algo que ele não entendeu, e ele caiu de joelhos ao lado dela, levando-a de volta para seus braços. - O que você disse meu amor?

Ela engoliu em seco e passou os braços em volta do pescoço dele. - Eu disse que era um homem morto.

Para sua indignação, ele riu. - Não temos fantasmas no castelo, prometo. Provavelmente era o velho Ted Beddoes. Ele é simples, mas não significa mal algum. Vamos fechar as cortinas da próxima vez.

Ela sentou-se e disse, irritada: - Não era o velho Ted! Eu o reconheci. Era Charles D'Evremont!

- E quem é Charles D'Evremont, minha preciosa?

- Ele era amigo da família, capitão de mar e estava apaixonado por minha irmã. O navio dele afundou pouco antes de você e eu e nós estávamos casados.

- Serio? Bem, se aceitarmos que essa visão era realmente fantasmagórica, isso levanta duas questões muito interessantes.

Ela olhou para ele duvidosamente. - Sim?

- De fato. Primeiro, por que nunca recebi a menor sugestão da existência dessa irmã; e, em segundo lugar, por que essa aparição deveria aparecer para você e não para ela?

- Como posso saber o que se passa na mente de um espectro? - Ela exigiu razoavelmente. - Mas posso lhe dizer por que você nunca ouviu falar da minha irmã em uma palavra: Grandmère!

- Ah, sempre voltamos a Grandmère.

- Veja, a família tinha dinheiro suficiente para dar uma temporada a nós e um dote respeitável. Grandmère, porém, era orgulhosa demais para deixar claro que a família não podia se dar ao luxo de dotar uma segunda filha da mesma forma. Então, eu... fui proibida mencionar sua existência, e ela foi informada de que não viria a Londres.

Entendo. Mas agora o gato está, por assim dizer, fora da bolsa, não há razão para que ela não possa se juntar a nós aqui. Estou mais do que pronto para dar uma bela bronca em qualquer uma de suas irmãs e, se ela for tão bonita quanto você, deve fazer uma partida muito elegível.

Minette olhou para ele, horrorizada. As complicações que deveriam surgir se ele insistisse em levá-la para o castelo eram mais do que ela podia contemplar. Por que Génie teria que fingir ser ela! - Não, não, ela não pode vir a Camer. Ela está na França, com a família em Avignon. Para se recuperar da tragédia da morte de D'Evremont, você sabe.

- Parece que temos um espectro muito confuso em nossas mãos. Talvez possamos direcioná-lo para Provence, onde sem dúvida eles estão mais acostumados a esse tipo de coisa.

- Você não acredita que eu tenha visto Charles. Não é? - Disse ela o censurando.

- Acredito que você viu alguma coisa, mas, minha querida, você estava quase dormindo e bebeu vinho forte. Não é possível que

você estivesse meio sonhando? Você não pode realmente acreditar que os mortos voltam para nos assombrar? - Ele sorriu um pouco sombrio. - E, se eles assombrassem, o único espírito que provavelmente andaria por esses bosques é o da pobre e tola Rachael, pois a carruagem de Franklyn virou na pequena ponte de pedra que cruzamos e seu corpo foi encontrado embaixo.

Minette estremeceu e passou os braços em volta do pescoço dele como uma criança assustada. - Você acha que ela faz? Quero dizer, assombra?

O braço dele a apertou. - Não, eu não acho. Acredite, se alguma vez houvesse a menor sugestão de algo assim, os aldeões evitariam essa região como a praga. Mas, em vez disso, tenho maiores problemas para mantê-los fora. Com as empregadas que ficam na primavera e os rapazes caçam no outono, o lugar é escasso e sempre vazio. Agora, não pense mais nisso. Foi um pesadelo, e nada mais.

Ela se permitiu ser acalmada e acariciada de volta à compostura; mas o romance da tarde havia passado e, de qualquer forma, eles deveriam voltar a tempo de se vestir para o jantar.

Rochford a envolveu em suas peles vestiu o casaco e as calças e, sentindo que qualquer outra demonstração de ardor seria rejeitada, levou-a ao trenó com uma agilidade louvável.

Quando Minette chegou ao seu quarto, tirou as peles, vestiu o roupão e deitou-se na colcha. Quando Becky chegou para ajudá-la a se vestir, ela apresentou toda a aparência de uma senhora que havia passado uma tarde extraordinária descansando em sua própria cama. O espectro desapareceu e, em vez disso, lembrou-se da hora mágica que passara com Rochford no refúgio encantado que ele criara para ela.

Ela estava sentada em frente ao fogo, enquanto sua criada preparava o banho. Com o passar dos dias, ela estava mais determinada a nunca deixar o duque. Ela queria permanecer, não como sua esposa, mas como sua amante. É claro que ele ficaria muito zangado quando soubesse a verdade, mas ele a perdoaria. Certamente, ele não podia mais dar as costas à paixão que eles compartilhavam. Nesse momento, Becky derramou uma jarra de água quente sobre a cabeça e ela se inclinou para trás suspirando

quando a memória física de seu toque a inundou com o calor da água contra seus seios nus.

- Você está bem, senhora? - Veio a voz preocupada da Abigail.

- Perfeitamente, obrigada.

- O que você vai vestir hoje à noite?

- Ah tanto faz. Você escolhe alguma coisa. Algo que eu nunca usei antes.

Becky abriu a porta do grande guarda-roupa e mergulhou em suas profundezas escuras. - Tem esse aqui senhora. Você mandou para casa logo antes de ficar doente. É lindo e nunca foi usado.

Ela pegou um vestido para noite de veludo âmbar. O corpete decotado era decorado com miçangas de âmbar e lantejoulas douradas, e as meias mangas eram acabadas no cotovelo com uma queda de rede dourada. Minette sorriu. - Sim, isso vai servir.

Ela não perdeu o brilho repentino nos olhos de Rochford quando apareceu na sala de estar vestida lindamente. Mas, como Franklyn estava presente, ela não ficou surpresa ao ouvi-lo dizer com uma voz seca:

- Encantadora, minha querida. Não me diga que considera algo tão inconsequente como despesa, não é? Acho que a propriedade aguenta a compra de mais uma dúzia de vestidos antes de ficarmos arruinados.

Franklyn riu e, pegando a mão de Minette, conduziu-a a um assento perto do fogo.

- Que mesquinho você é Duke. Sua duquesa deve se vestir para refletir todo esse esplendor, afinal. - Ele apontou para os muitos artefatos bonitos que enfeitavam a sala.

- Não me lembro de pedir sua opinião, Clareville, - respondeu Rochford acidamente.

- O vestido foi comprado meses atrás, - comentou Minette, abrindo o leque e segurando-o para proteger as bochechas do calor do fogo. - Mas posso devolvê-lo, se desejar. - Ela ergueu o leque para a outra bochecha e, por trás de sua proteção frágil, franziu os lábios e mandou um beijo para o duque.

Ele não respondeu, mas ela o conhecia agora e captou o amolecimento microscópico da boca dura e o sorriso espreitando em seu olho cinza.

- Por mais que eu possa depreciar sua extravagância, não avançarei a ponto de insistir na devolução de suas compras existentes. No entanto, no futuro, você me obrigará restringindo seus gastos aos limites que eu impus ao fazer um subsídio que você considera insignificante e a maioria consideraria luxuoso.

Minette encolheu um ombro impaciente e virou o pescoço encantador em um gesto ao mesmo tempo gracioso e desdenhoso. Franklyn se inclinou sobre ela com o pretexto de ajustar uma cortina de incêndio para ela e disse com uma risada em sua voz: - Meu pobre doce. Você pensou que tinha domado a Besta, não foi? Agora, eu me pergunto o que pode ter acontecido para colocar vocês dois pombinhos um contra o outro.

- Eu acho que você sabe muito bem, - ela lançou-lhe um olhar cintilante sob os cílios. - Você realmente achou que eu não deveria adivinhar que foi você quem roubou meu broche? Você pagará por isso, Franklyn, eu prometo!

Ele riu e levantou as mãos. - Ah não! Que pena terrível você exigirá?

- Você pode dizer adeus a qualquer esperança de ganhar Bella

- Oh não, minha querida Eugénie, você está completamente enganada. Sobre Bella, estou feliz em dizer, adora o chão em que piso. Em breve ela cederá aos meus desejos de amante, da maneira mais gratificante possível. E então, é claro, Philip será obrigado a permitir o casamento. Tão angustiante se Bella for adicionada à contagem dos bastardos de Rochford.

- Esse é o seu plano? Que angustiante tão previsível! Todo caçador de fortunas da história tentou criar um filho com uma herdeira. Eu pensei que você era um homem de ideias maiores.

Ele levantou a mão dela e a beijou. - E você está certa. Eu não te contei tudo. Meu pai me avisou para nunca confiar um segredo a uma mulher. Foi o único conselho que ele me deu e eu achei isso bom.

Nesse momento, a porta da sala se abriu e vários outros convidados entraram na sala. A conversa tornou-se geral e o jantar foi anunciado alguns minutos depois.

Minette estava flutuando nos últimos dias em uma nuvem de romance e gratificação sensual. Ela havia negligenciado Bella,

achando-a segura entre os outros jovens. Mas agora ela viu que a criança estava pálida e que, enquanto ria e conversava tão animadamente, de repente se retirava para si mesma como se uma lembrança desagradável a tivesse perturbado. Minette resolveu reconquistar a confiança que havia perdido. Quaisquer que sejam os acertos e os erros de seu baile de máscaras, isso pode resultar em algo bom, Bella pode ser salva. Além disso, quando os olhos de Bella estavam voltados para Franklyn, Minette não conseguia detectar o desejo de que ele se gabava. Para ela, a expressão da garota era apreensiva, até com medo.

Depois do jantar, enquanto os senhores discutiam sobre o porto, ela teve chance. Depois de colocar as três senhoras mais velhas no baralho e acomodar sua avó em uma cadeira perto da lareira, onde cochilava confortavelmente, convidou Arabella a ir ao seu quarto para inspecionar alguns objetos de decoração que ela tinha em mente.

A reação apática de Arabella ao presente prometido a assustou, e assim que ela fechou a porta atrás de si, agarrou as mãos da jovem em um fecho quente e disse: - Minha doce amada, conte-me tudo.

- A boca de Bella caiu aberta em surpresa. - O que? O que você quer dizer?

- Ah, não se engane! Somos apenas duas mulheres e, lembre-se, estou do seu lado. Seja o que for eu vou ajudá-la.

Com um soluço trêmulo, Bella se acalmou contra o ombro de Minette e chorou profundamente.

Minette acariciou os cachos caídos e sussurrou suavemente. – Tudo bem, pode chorar.

Por fim, ela se recuperou o suficiente para sentar-se com Minette em frente ao fogo, e contar sua história. - Todas as noites desde a sua chegada, Franklyn me pressionava para permitir que ele viesse ao meu quarto. Eu sabia que estava errado, mas, quando ele me beijou e, e tocou eu quase não consegui repulsa-lo. Então, ontem à noite, eu concordei e ele veio.

- Então você se rendeu a ele? - A voz de Minette foi cuidadosamente desprovida de julgamento. Quem de fato ela deveria julgar?

- Não! Não! Eu teria, mas ele estava bêbado e insuportável. Eu disse a ele que, se ele não fosse embora, eu chamaria minha criada e diria que ele entrou.

- Bom para você!

- Sim, mas ele disse algo que me assustou muito. Ele disse que em breve ele seria o mestre em Camer e eu ficaria feliz em ir para a cama dele e fazer sua vontade. - Ela olhou para Minette com horror no rosto. - O que ele quis dizer com isso?

Minette percebeu que havia chegado a hora de colocar suas cartas na mesa. Arabella deve ser avisada. - Ele quis dizer que sempre planejou matar Philip e, pelo que sabemos, apressou o fim do pobre William.

- Você sabia disso?

- Nós descobrimos. Quando Philip foi baleado no dia da caçada, não foi um acidente.

- Oh! E eu deixei ele me beijar!

- Esquece. Beijos não deixam manchas. Contanto que você ainda seja virgem, não há danos.

- Minette!

- Bem, meu amor, fala-se de muita loucura sobre mulheres jovens. Nós não somos nem anjos nem santas. É preciso admitir que fazer amor é muito agradável, ou como a raça humana continuaria? Mas deve ser o homem certo, e esse homem deve ser seu marido.

- Quando você contará ao Philip? Ele precisa saber sobre eu deixar Frank vir para o meu quarto?

- Claro que não! Você realmente acha que eu trairia você? Devo simplesmente dizer que ele estava bêbado e você rejeitou seus avanços. Tudo bem. - Ela levantou a mão da garota e deu um tapinha nela. - Mas uma coisa devo lhe pedir: Franklyn não pode saber que você me contou tudo. De fato, pode ser que, se ele estivesse bêbado, ele não se lembraria do que deixou escapar. Por algo que ele me disse, acredito que ele acha que você ainda está apaixonada por ele. Cuidado para não ficar sozinha com ele, mas, se estiver, não mostre sua repulsa. Ele é um homem perigoso. Não devemos deixá-lo desesperado.

Vinte e um

Ela não podia ter certeza de que Philip acreditaria nessa versão enfeitada dos eventos, mas ele ficou muito aliviado com o afrouxamento do domínio de Franklyn sobre Arabella para investigar muito de perto as circunstâncias. Ele tomou Minette em seus braços e encostou a bochecha no cabelo dela, dizendo: - Tenho que agradecer por isso.

- Não a mim, mas ao o bom coração e o bom senso de Bella. Ela já havia se decepcionado com ele antes de eu interferir.

Ele encolheu os ombros. - Se você diz. Não posso dizer que já havia notado essas qualidades nela. - Ele puxou a capa sobre o pescoço. - Está com frio?

Ela riu. - Não em seus braços.

Eles haviam chamado seus convidados para subir a escada em caracol que levava ao telhado de uma das quatro torres que marcavam cada canto do edifício principal. A noite estava clara e o luar refletia na neve, tornando-a brilhante como o dia.

- Minha querida. Quando os negócios com Franklyn terminarem, podemos parar de nos esconder e viver discretamente e abrir uma vida de casados como minha estimada tia e seu marido. Até hoje.

- Acredito que você goste de tudo isso. - Disse ela em tom de repreensão.

- Adiciona certa aventura. Não concordamos que o fruto proibido é o mais doce?

- Nem me fale como isso é escandaloso: o que você está fazendo?'

- Eu achei que fosse óbvio.

- Não. Está frio e tarde, pare com isso!

- Como quiser.

- Bem, é que suas mãos estão frias.

- As suas também meu amorzinho, mas você me ouve reclamar?

- Você é bem atrevido, - ela murmurou enquanto se deitava com ele nos ladrilhos gelados e o puxou para sentir seu calor. A neve caiu despercebida sobre eles quando Philip a cobriu com seu corpo

e sua capa, procurando com um pouco de ansiedade erguer sua saia e acariciar, com os dedos não mais gelados, a carne quente e acolhedora entre suas coxas. A união deles foi rápida, primitiva e totalmente satisfatória para ambos. O constrangimento imposto a eles pelas circunstâncias resultou em uma excitação maior que exigia apenas disposição para liberá-la. Ternura e romance teriam seu lugar no futuro; mas agora, seus quadris mergulhando sob os dele, abandonados em um mundo congelado fora do tempo e do espaço, ela não sentia falta deles. No entanto, ela não achou bom para Philip saber o quão completamente ele a enfeitiçara, e então ela disse um pouco petulantemente quando acabou: - Você nem me beijou.

Ele sorriu para o rosto corado dela. - Se você quer beijos... - Ele capturou seus lábios e a beijou tão profundamente que uma coisa rapidamente levou a outra.

- Minhas costas estão dormentes de frio - ela reclamou quando ele se preparou para agradá-la mais uma vez.

- Desse jeito então. - Ele se virou de costas e a puxou por cima para montá-lo. - Assim é melhor?

- Muito melhor. - Ela se contorceu um pouco, deliciando-se com os gemidos e juramentos murmurados que seus movimentos provocaram. - Quanto eu aprendi nos últimos dias - ela murmurou, os lábios contra a orelha dele.

- Não fique muito orgulhosa. Eu ainda tenho muito a lhe ensinar.

Ela jogou a cabeça para trás e exclamou exultante: - Não consigo imaginar nada melhor do que isso!

Ele beliscou o pescoço dela com carinho e disse, rindo: - Nós apenas começamos. Mas começamos bem.

Estava frio demais para o amor. Minette foi gentilmente colocada em pé e Rochford tirou a neve das costas de uma maneira impessoal, recusando-se a se distrair com os braços agarrados ao pescoço dele. Ela estava rindo e brincando, recusando-se a admitir que sua hora amorosa chegara ao fim quando, de repente, ela ficou rígida nos braços dele, olhando da torre para o terraço abaixo.

- *Ah, Bon Dieu!* - Ela choramingou, apontando com um dedo trêmulo. - É Charles! - Enquanto ela falava, a figura imóvel se

derreteu na sombra da grande cerca de teixo que delimitava o terraço e desapareceu.

- Meu amor, não há ninguém lá. - Sua voz era suave, como um homem que tranquiliza uma criança assustada.

- Eu o vi! Eu o vi claramente! Oh, Philip, o que isso significa?

Ele a aproximou. - Nada. Seus nervos estão sobrecarregados e não é de admirar! Meu doce amor, quando isso acabar, levarei você a algum lugar quente e brilhante. Você esquecerá esses pesadelos.

Ela pegou as mãos dele. - É um aviso! Você está em perigo!

- Bem, se esse é o objetivo do fantasma, ele está atrás de justiça, pois já sabíamos disso.

- Você está falando sério? Por que devemos esperar que Franklyn faça uma tentativa contra você? Você não tem o testemunho de Bella agora?

Ele balançou sua cabeça. - Divagações bêbadas não são evidências. - Ele pegou o rosto dela entre as mãos e a beijou. - Não tema por mim. Estou avisado e juro que ele não vai me surpreender de novo.

- Se algo acontecer com você, eu morrerei!

Ele acariciou sua bochecha, com um sorriso de admiração. - Ouvir essas palavras dos seus lábios vale qualquer perigo. Nunca achei possível que você pudesse amar esse meu rosto repelente.

- Repelente? Ah, meu querida, quando olho para você, não vejo suas cicatrizes. Vejo força, coragem, bondade e...

- E...

Ela ficou vermelha. - Acredito que você sabe.

Ele a abraçou e, quando a beijou, ela esqueceu o espectro do pobre e afogado D'Evremont, pairando no terraço abaixo, esperando.

Era difícil disfarçar na manhã seguinte quando ela encontrou Rochford na sala de café da manhã e recebeu apenas um 'bom dia' gelado do homem que fez amor com ela tão ardentemente na noite anterior. Felizmente, William estava presente e imediatamente a envolveu em uma conversa sobre o ensaio daquela manhã. Ela garantiu a ele que estava ansiosa por isso e teve todas as suas falas decoradas.

- Agora você me fez sentir culpado. - Observou Edmund, que representaria a cena com ela. - Não consigo guardar na minha cabeça. Desculpe velho amigo, não tenho jeito com a poesia, o que não é muito bom.

- Você achará mais fácil lembrar quando ensaiarmos e poderá colocar uma ação às palavras. - Respondeu William ansiosamente. - Conversei com atores profissionais que têm a mesma dificuldade, mas um pouco de técnica lhe dá uma pista para a próxima linha.

- É uma pena que você deva se contentar conosco amadores. - Ponderou Minette. - Tenho certeza de que sua mascarada é digna de ser realizada profissionalmente.

- Tenho esperança nisso, - confidenciou William. - Quando estiver com uma saúde melhor.

Ela sorriu para ele. - Eu também espero.

No entanto, era difícil ver, quando ela e Edmund percorreram a cena com William, como mesmo uma atriz profissional poderia ter feito uma Titânia mais encantadora. Na cena, ela estava explicando a Mariposinha, representado por Edmund, como ela passara a amar um Asno: *‘Meu amor use as orelhas de seu asno com graça. O aspecto dele rouba meu coração; nenhuma outra face, Adonis nem Narciso, tem seu (pausa) NARIZ.*

Uma onda de risos irrompeu de vários convidados que compareceram para assistir à apresentação.

- Bravo! - Exclamou lorde Gatley, cuja digestão foi muito melhorada pela permanência de uma semana em seus aposentos e foi severamente controlado por sua formidável esposa.

A cena seguinte trouxe as três jovens. Bella, como Grão-de-mostarda. Selina como Flor-de-ervilha e Georgiana como Teia-de-aranha. Embora Flor-de-ervilha estivesse apaixonada por Mariposinha no roteiro de William, Minette não pôde deixar de notar certo brilho na expressão de Grão-de-mostarda, enquanto seu olhar descansava no jovem e belo Mariposinha. Edmund, por acaso olhando na direção dela, captou aquele feixe suave e seu sorriso tímido apareceu. Bem, bem, será que é uma boa combinação? Arabella se encaixa como a esposa de um clérigo! Eu me pergunto como Philip vai reagir. Ela poderia conseguir um marido muito mais a sua altura, é claro, mas se ele quiser que ela seja feliz...

Agora faltavam apenas uma semana para a vigésima noite, e os ensaios se intensificaram, apesar do trabalho, os atores ficaram mais entusiasmados com o desempenho. Para Minette, os dias passaram como um sonho. Ela existia apenas naqueles momentos em que Rochford a arrancava da multidão e a carregava para algum lugar secreto de encontros. Na maioria das vezes, ele a levava para a cabana, onde estava envolvida em todo luxo, quente, acariciada, cercada de elegância; mas, às vezes, ela se vê lançada com pouca cortesia sobre a palha em um celeiro em ruínas, ou deitada em uma cama empoeirada em um quarto úmido na ala não utilizada do castelo. Isso não fez diferença para ela. No momento em que ele a tocou, ela era dele como ele queria. Pois o desejo deles era igual. E, apesar de seu poder sobre ela, eles estavam em sintonia e as respostas dela eram tão delicadas que nenhum ato dele jamais a afligiou ou a magoou, ou a levou mais longe do que ela estava preparada para seguir.

Apesar de seu encantamento, no entanto, ela não negligenciou Arabella. Soube que com ela Franklyn estava se comportando com cautela, depois de voltar a interpretar o provocador e indulgente primo mais velho que a atraía pela primeira vez.

- Mas não quero ser enganada novamente. Ele sabe que foi longe demais, e agora acha que tem apenas que sorrir e ser encantador para me reconquistar. Bem, ele não vai. Mas deixei que ele pensasse, pois lembro o que você disse sobre não deixá-lo desesperado. - Ela corou um pouco e disse timidamente: - Fui levada a ver que alguém mais próximo da minha idade combina muito mais comigo. Você não acha?

- Eu acho. E se você quer dizer Edmund, como eu penso, não ficaria mais satisfeita.

- Ele é bonito não acha?

- Muito bonito.

- E mesmo que ele deva ser um clérigo, ele não é nem um pouco mal visto você sabe. Ou motivo de piada.

- Claro que não.

- Eu acho que ele gosta de mim também.

- Como não gostaria?

Bella ficou muito pensativa por um momento e depois disse: - Você acha que eu preciso contar a ele. Quero dizer, sobre Frank?

Minette sorriu. - Não, eu não acho. O que importam alguns beijos?

- Não foram apenas beijos, você sabe.

Minette pegou o rosto perturbado de Arabella entre as palmas das mãos e gentilmente forçou a menina mais nova a olhá-la. - Me escute. Seu primo Franklyn é quase vinte anos mais velho que você e um sedutor de mulheres. Teria sido notável se ele não tivesse conseguido convencê-la a ir além do que uma dama deveria. A maravilha é que você resistiu a ele. Edmund veria isso tão claramente quanto eu ou como Rochford.

- Ele veria?

- Claro que sim. - Ela levantou um dedo para acariciar a bochecha quente de Bella. - Mas por que afligir Edmund dizendo a ele? Que finalidade seria atendida?

- Nenhuma, eu acho.

Então vamos esperar e ver. Se for necessário que ele saiba, estou convencido de que você pode confiar nele para entender. Mas não imagino que isso será necessário.

Para sua surpresa, Bella pegou a mão dela e a beijou. - Querida Minette! Fiquei muito mais feliz desde que você veio ao castelo. Não sei como viveria sem você agora.

O coração de Minette ficou apertado. Ela estava determinada a continuar sendo a amante de Rochford, mas, algum dia, em breve, teria que deixar o castelo para sua irmã, cujo domínio era esse. Ela alguma vez teria permissão para ver Bella novamente?

Vinte e dois

Minette estava sentada na sala, desfrutando de uma hora tranquila após o café da manhã. Ela estava sozinha pela primeira vez. As senhoras mais velhas haviam saído de carro para visitar a catedral de Canterbury, cujas maravilhas lhes haviam sido descritas pela Sra. Forsythe, uma historiadora amadora. A marquesa estava confinada ao seu quarto com enxaqueca, e os jovens estavam trabalhando duro para ensaiar. Onde os cavalheiros poderiam estar ela não fazia ideia. Provavelmente, em algum lugar da propriedade em busca de algum animal pequeno. Minette esperava muito que todos os seus tiros fossem errados.

Ela estava confortavelmente acomodada em uma poltrona perto da lareira, vestida com um vestido de gola alta de crepe verde-bronze, com um belo xale de seda norueguesa enrolada em seu corpo contra o frio. Seus cachos escuros, soltos, foram autorizados a cair naturalmente até a cintura e, pela primeira vez, ela não usava joias. Seus pés repousavam sobre um banquinho coberto de tapeçaria e, apoiado nos joelhos, havia um livro aberto, que ela examinou com muita atenção. A porta se abriu e Rochford estava no limiar, sorrindo para a bela imagem que ela apresentava.

- Olha Você aqui!

Ela devolveu o sorriso e estendeu a mão acolhedora. Ele pegou e se inclinou para beijar seus dedos.

- Ainda está lutando com esse livro muito chato?

Uma risadinha travessa e lhe respondeu:

- Não, roubei este da sua irmã.

Ele olhou para o livro e uma risada curta escapou dele. - O monge?

- Eu queria ver o motivo de todo esse alvoroço.

- É o que achou?

- É muito excitante, eu não tinha noção.

- Bem, me dê um pouco de seu tempo, e então eu vou permitir que você volte a ele.

Ela balançou a cabeça para ele e fechou o livro. - Eu posso lhe dar mais que um pouco do meu tempo, meu querido amor. - Sua boca se levantou, convidando um beijo. Ele se inclinou sobre ela, uma mão no encosto da cadeira e a outra segurando sua bochecha. Seus lábios encontraram os dela em um beijo longo e envolvente. Quando ele levantou a cabeça, ela suspirou e disse: - Sobre o que você queria me falar?

- Isso não importa. Eu esqueci. - Ele a beijou novamente, mais profundamente, ajoelhando-se para tomá-la em seus braços. Ela se aninhou muito satisfeita.

Após um período de silêncio agradável, Rochford a soltou e sentou-se na cadeira em frente à dela.

- Tive uma conversa muito interessante com o jovem Edmund esta manhã. Você consegue adivinhar o que ele queria falar comigo?

Ela parecia um pouco consciente e mordeu o lábio. - Talvez eu possa, - ela reconheceu. - Foi sobre Bella?

- Ah ha! Conspiração e conluio em minha própria casa. Eu poderia ter adivinhado. Por que você não me contou?

- Não era meu segredo. Você se importa muito?

- Me importar? Tive dificuldade em não agarrar em seu pescoço.

- Ele riu da expressão atônita dela. - Meu amor, eu estava ansioso por pelo menos mais quatro anos guardando minha irmã fosse requisitada por oficiais e caçadores de fortunas da cidade. Em vez disso, pedem-lhe que lhe conceda um jovem altamente respeitável. Além disso, é filho do meu amigo mais antigo. Eu não poderia estar mais feliz.

- Então você lhes deu sua bênção? Estou tão feliz.

- Não exatamente. Eles são muito jovens ainda. Eu disse a ele que, se eles tivessem a mesma mente, quando ele terminar na Universidade e for formado, eu consentiria no casamento deles.

- Enquanto isso?

Enquanto isso permitirei encontro entre eles e nas reuniões de acompanhantes aqui ou na cidade. Eu não acho que eles devem ter tanta liberdade. Só espero que seja o suficiente para manter Bella entretida.

- Você a julga mal, Philip. Eu acredito que ela é realmente apegada a Edmund.

- Acredito na sua palavra, meu amor, mas devo lembrá-la que, há duas semanas, ela parecia realmente apegada ao meu primo Franklyn.

- Acredite em mim, isso acabou de verdade. Ela está com muito medo dele, de fato.

- Com medo? - Ele parou de relaxar e sentou-se na cadeira, subitamente atento. - Por que com medo?

Minette escolheu suas palavras com cuidado. - Ele fez certas ameaças. Contra você. - Ela viu os lábios dele apertarem e acrescentou: - Não é nada que ainda não sabemos. Só que ele seria mestre aqui em breve, ela ficaria feliz se ele fosse embora. Ele estava bêbado, além de atirado, e isso também a chocou, eu acho.

Ele deu uma risada curta. - Não é à toa que ela se virou para Edmund! Duvido que a paixão dele tenha se estendido além de um beijo casto e um aperto de mão respeitoso.

- Você deveria estar feliz com isso. - Ela parecia um pouco modesta e acrescentou: - Além do mais, acho que você também julga mal o pobre Edmund. Ele é tão bom quanto pode ser, mas ainda é um homem, afinal.

- E o que você sabe dos homens, minha linda duquesa?

- Somente o que você me ensinou.

- Oh senhor! Eu tenho muito a responder

- Você certamente me mima como nenhum outro homem faria. -

Ela estendeu a mão para ele e ele a pegou com um forte aperto. - Se algo acontecer com você, conosco, nunca haverá mais ninguém.

- Que pensamentos mórbidos, meu amor. Nada vai acontecer comigo ou com você. Eu prevejo que, daqui a quarenta anos, estaremos sentados aqui juntos nesta mesma lareira. Eu, sem dúvida, um velho reumático muito chato. Você, tão serena e bonita como você é neste momento.

- Não! Não tente o destino! Bate na madeira!

Ele riu, mas obrigadamente bateu no braço da cadeira. - Que criatura supersticiosa você é! Isso faz parte das suas propensões psíquicas.

- Pisiqui o quê?

- Seu fantasma, meu amor.

Ela ficou indignada. - Eu sei que você não acredita que eu vi, mas eu vi! Duas vezes!

- Então, acho que em breve você o verá novamente. Afinal, essas coisas acontecem em três.

Ela estremeceu. - Você acha mesmo?

Ele levou a mão dela aos lábios. - Não, claro que não. Tire seu fantasma da sua mente. Foi apenas a consequência de nervos abalados, muito vinho apimentado e, muito provavelmente, indigestão.

Ela estava prestes a responder-lhe em defesa de seu fantasma; mas, naquele momento, a porta se abriu e Arabella entrou na sala. Ela correu para Rochford, abraçou-o pelo pescoço, estrangulando-o e beijou-lhe o rosto com entusiasmo.

- Philip Querido, querido Philip! Obrigada!

Ele respondeu aos abraços dela como um homem recebendo os avanços de um filhote de cachorro muito afetuoso. - Sim, sim, desejo a vocês dois muitas felicidades. - Ele deu um tapinha no ombro dela e gentilmente soltou os braços do pescoço dele. - Agora, Bella, me deixe ir. Não consigo respirar.

Ela o soltou, apenas para se jogar na frente de Minette em um êxtase de gratidão. - Minette, Minette, isso é trabalho seu, eu sei.

- De modo nenhum. Eu juro a você que não disse nada. Não é Philip?

- Você era tão clara, meu amor, quanto à ostra. Bella, você não tem ninguém para agradecer, a não ser o próprio Edmund; ele me apresentou o caso admiravelmente. Minha preciosa criança, você realmente achou que eu seria o guardião severo com você? Tudo que eu sempre quis é a sua felicidade. Eu acho que você tem uma chance muito boa de satisfação duradoura com ele. - Ele parecia um pouco sério. - Você entende que deve esperar até que ele seja formado?

- Ah, sim, mas pretendo empregar meu tempo aprendendo a ser a esposa de um bom clérigo. Vou estudar tudo sobre como manter a casa e preparar mussels e cuidar de bebês e, e tudo!

Rochford caiu na gargalhada, mas Minette franziu o cenho para ele e disse:

- Claro que sim. E eu vou te ajudar. Embora, com certeza, eu não saiba nada de musses ou de bebês.

Rochford deu um passo para o lado dela e colocou uma mão carinhosa no pescoço. - Essa última, pelo menos, eu espero que seja remediada em breve, - ele murmurou. Ela rapidamente virou a cabeça e pressionou os lábios na mão fria e firme.

- Eu também.

- O que você está dizendo? - Perguntou Arabella, que estava olhando sonhadora para o fogo.

- Nada. Ouça Bella, seria melhor se você e Edmund guardassem essa notícia um pouco.

- Ela olhou para ele inocentemente. 'Mas por quê?

- Não gostaria de expor Edmund ao menor risco. Nosso primo não ficará muito satisfeito com esta notícia, você sabe.

- Franklyn? Oh Philip, você não acha que ele tentaria machucar Edmund, acha?

- Vou garantir que ele não o faça, prometo. Mas não faz mal tomar precauções. Eu gostaria que Edmund estivesse bem longe e de volta a Oxford antes que nosso primo ouvisse seu noivado.

Mas quando todos convidados se reuniram na sala de estar antes do jantar, ficou óbvio que a notícia já havia se espalhado pela casa. A Sra. Forsythe estava animada, Edmund brilhava com calma felicidade e Franklyn parabeniza os dois com um sorriso falso em seu belo semblante, o que fez com que a palma de Minette coçasse. Ela observou Rochford atravessar a sala ao lado do primo e, inclinando-se para frente, disse algo em seu ouvido em voz baixa. Franklyn lançou-lhe um olhar de ódio, mas rapidamente mudou sua expressão para uma de despreocupação quando viu Minette observando-os.

- O que você disse a ele, - ela perguntou calmamente enquanto se preparavam para entrar na sala de jantar.

- Simplesmente, se alguma coisa, qualquer coisa, acontecer com Edmund, mesmo que pareça o mais óbvio dos acidentes, eu vou quebrar o pescoço dele.

- Você acha que ele acreditou em você?

- Estou certo que sim.

- Talvez ele vá embora agora que seus planos não deram em nada.

- Não, meu amor. A sedução de Bella sempre foi um negócio secundário. Depois que ele herdar meu título e minhas propriedades, ele rapidamente encontrará outra herdeira mais disposta.

- Ele nunca os herdará!

Ele se virou e estudou o rosto dela ansiosamente. - Você tem novidades para mim?

Ela foi obrigada a balançar a cabeça. - Não, eu não tenho.

- É muito cedo. Eu sou irracional.

O sorriso dela vacilou e ela desviou o rosto com uma lamentação. Como ela poderia lhe dizer que, mesmo que houvesse uma criança agora crescendo dentro dela, essa criança nunca seria herdeira de nada além de escândalo e vergonha?

Vinte e três

Chegou finalmente à décima segunda noite, um evento ansiosamente aguardado no condado, pois haveria um jantar, seguido da peça e, em seguida, um baile de máscaras para concluir as festividades. Passou um bom tempo desde que a neve derreteu o chão não estava mais ensopado e havia uma lua quase cheia. Nenhum dos convidados do duque faltou o castelo de Camer Castle estava em festa!

Depois de uma manhã movimentada supervisionando os preparativos para a noite, intercalada com os ensaios de última hora exigidos por um William cada vez mais nervoso, Minette foi até o quarto para descansar. Rochford, que pediu que ela se afastasse por uma hora ou mais para o chalé, ela concordou com relutância que ela precisava mais de repouso do que de suas atenções e estava aliviando suas frustrações por um galope furioso através das colinas. Mas quando alcançou a porta do quarto, foi presa pela voz da avó, chamando-a imperiosamente.

- Venha aqui criança. Eu preciso falar com você.

- Certamente, Grandmère. Eu tenho um tempo sobrando.

A boca fina da marquesa torceu amargamente: - Que insolência!

- Ela murmurou

Minette esperou educadamente até a velha senhora se sentar junto à lareira e depois afundou graciosamente no otomano oposto.

- Bem?

- Recebi uma carta de Eugénie.

- Espero que ela esteja bem.

- Ela sabe não me agradar com detalhes de sua situação imperdoável. Presumo que, como ela não se queixa, tudo está progredindo como deveria. As mãos nodosas agarraram os braços da cadeira. - Eu escrevi para contar a ela sua, sua ameaça perversa de usurpar o lugar dela como duquesa.

- Entendo. E o que ela tem a dizer sobre isso?

- Ela está furiosa. Ela insiste em que você desista desse relacionamento ilícito com o marido dela.

- Ah eu vejo. Você disse a ela que me encorajou, de fato, e me ordenou, a deitar com ele?

- Isso está indo além do ponto. Já foi longe o suficiente. *Bon Dieu*, você já pensou o que acontecerá se o duque plantar uma criança na sua barriga? Heim?

- Eu não sou tola, Grandmère, se é o que você pensa. É claro que considerarei. - Ela cruzou as mãos nos joelhos e olhou para os carvões brilhantes na lareira. - Espero que ele já tenha feito isso. O que vocês não entendem é que Philip me ama. A mim e não Génie. Ele me disse que só começou a se importar quando cheguei a Camer. Então veja, ele terá que ser informado da verdade.

- A verdade! Você trairia sua irmã?

- Não, ele não precisa ser informado sobre a criança. Podemos dizer que Génie estava com medo desse lado do casamento.

- E por que você a substituiu? Você não estava com medo, então?

- Eu direi a ele a verdade. Esse era o seu esquema. Ele vai acreditar em mim. Rochford não é uma grande admiradora sua, madame.

- E depois?

- Quando a criança nascer, Génie poderá retornar a Camer e retomar sua vida como duquesa. Eu não me importo com isso. Mas, não vou renunciar a Philip. Eu serei sua amante pelo tempo que ele me quiser. Ele tem outras propriedades, outras casas. Vou morar em uma delas, talvez com nosso filho ou filhos. Eu posso ser feliz com isso. Eugénie pode ter as roupas, joias e posição. É tudo o que ela quer dele. Tudo o que ela sempre quis.

A marquesa apertou os lábios e encarou a neta por um tempo. - Ele aceitará.

- Ele deve aceitar.

- Você tem tanta certeza do seu poder sobre ele? Ele rejeitará vocês duas com nojo.

Minette empalideceu um pouco. - É uma chance que devo aproveitar. Eu não posso, não vou deixá-lo se machucar novamente. Ele não deve pensar que foi enganado, que foi uma brincadeira, que o que se passou entre nós era tudo falso. Ele ficará zangado, é claro... - Ela suspirou, e um pequeno sorriso remanescente curvou

seus lábios. - Mas ele almeja meu amor agora, como uma droga. Como eu com o dele. Vamos enfrentar isso e ser felizes.

A boca da velha trabalhou por um momento como se estivesse engolindo uma pílula amarga. - Assim como minha irmã, 'tudo por amor e pelo que pode ser perdido. ' - Disse ela finalmente. - Eu não sei talvez vocês mulheres fracas e tolas tenham o direito disso. *Le Bon Dieu* sabe que vivi neste mundo há setenta anos sem conhecer um décimo da felicidade que vejo em seus olhos.

Quando Minette finalmente se deitou na cama para descansar, ela se viu pensando em Rochford e desejando que ele estivesse ao seu lado e não trabalhando com o cavalo a alguns quilômetros de distância. Mas, é claro, o quarto dela era o único lugar em que não podiam ficar juntos. Ela adormeceu pensando em seu último encontro, e seus sonhos o levaram até ela, afinal.

Um jantar no Castelo Camer nunca foi um evento rápido. Minette e seus convidados passaram por oito pratos deliciosos, mas ela não sabia dizer o que haviam sido servidos. Além dos nervos e da excitação naturais resultantes da próxima apresentação, ela não conseguia acabar com o mau pressentimento. Várias vezes ela olhou para Franklyn, convencida de que ele a estava observando, apenas para encontrá-lo envolvido no jantar. Uma vez que o viu lançar a Rochford um olhar que a assustou. Ele estava irritado o suficiente para atacar hoje à noite quando o castelo estava cheio como poderia?

Além disso, ela estava preocupada com William. Suas bochechas estavam vermelhas, os olhos muito brilhantes. Talvez eles não devessem ter permitido isso, mas como poderiam negá-lo qual seria sua única chance de receber os elogios que ele ansiava e merecia? Viu Lady Talgarth disfarçadamente derramar com um pouco de cordialidade em um copo de água e entregá-lo ao filho. Ele bebeu e, depois de alguns minutos, parecia mais calmo, sua cor mais normal.

Por fim, a refeição interminável terminou e os atores se retiraram para seus respectivos aposentos para vestir suas roupas e máscaras. Minette foi despojada de seu vestido de prata e assistida em uma roupa diáfana, confeccionada com a melhor seda de sári indiana em vermelho e dourado, trazida de volta por Rochford em

uma de suas visitas ao Oriente. Ele dissera a ela que esses sáris eram roupas de casamento, e ela não podia deixar de pensar que o calor e as cores vivas davam uma promessa maior de paixão do que os musselines frios e insípidos que as noivas ocidentais usavam.

Ela vestiu sua máscara de penas vermelhas e desceu, encontrando Bella, muito bonita em gaze amarela, nas escadas.

Bella olhou para a visão exótica. - Oh, querida, você está maravilhosa!

- Belas penas, meu amor, - riu Minette. - Literalmente, neste caso.

Naquele momento, Rochford saiu do quarto e desceu para se juntar às duas jovens na escada.

- Nossa querida Minette não está linda, Philip, - exigiu Bella, impulsivamente.

- Ela está mesmo. Mais que linda. - Havia um tom em sua voz suave que era bastante inconfundível, e Minette sentiu uma chama de resposta brilhar profundamente dentro dela. Ele a levaria esta noite; a única questão era onde o encontro seria realizado. Ela o deixaria usá-la como qualquer devassa contra a parede em uma passagem escura, se ele estivesse tão predisposto. Ou no estábulo sob o olhar assustado de Désirée e Genghis Khan, seu grande alazão.

Quando ele lhe ofereceu o braço, ela deslizou a mão na dobra do cotovelo e desejou com todo o coração que ousasse se aninhar perto, como costumava fazer quando estavam sozinhos. Mas decorosa como a descida deles, ela notou Franklyn observando-os com uma expressão de compreensão crescente. Ela beliscou a mão de Rochford e, quando ele olhou para baixo, ela sussurrou: - Cuidado com Franklyn! Ele sabe!

- Ele suspeita, - ele a corrigiu gentilmente. - Fique firme, minha querida. Chegará o tempo em que poderemos mostrar ao mundo como os amantes de casados vivem. Mas ainda não.

Ela olhou para o rosto dele, que, em contraste com as notas ardentes de sua voz aveludada, era duro e severo. Ela levantou a cabeça e lançou-lhe um olhar de antipatia e desafio. - Eu te amo, - ela murmurou através dos lábios em um sorriso de orgulho.

- Diga-me novamente, mais tarde. - Ele retirou a pequena mão branca de seu braço e avançou para encontrar seus convidados.

A sala estava lotada com a nata do condado, vestida da melhor forma possível, conversando e rindo. Se eles antecipavam pouco prazer de uma mascarada elisabetana escrita por um estudante em idade escolar, eles tinham certeza de excelentes refrescos e um baile encantador a seguir. Mas dificilmente a performance começou quando as damas começaram a silenciar suas acompanhantes, inclinando-se para frente para capturar a poesia, enquanto até o mais monótono dos escudeiros caçadores de raposas foi pego pelo encanto das figuras que se moviam levemente pela cena encantada do fornecimento do duque. Árvores jovens e inteiras, iluminadas por inúmeras lanternas chinesas, foram colocadas sobre um estrado improvisado para simular a floresta ateniense. Tiras de seda crua, costuradas com lantejoulas, eram cobertas como teias de aranha, e bancos de flores de seda forneciam a Titânia seu pavilhão. Um trio de músicos, trazidos de Londres, que mais tarde tocariam no baile, proporcionou uma série de doces sons.

Minette, graciosa, brincalhona, mais bonita do que nunca, andou pelo pequeno palco com toda a certeza de uma verdadeira atriz. Mas nem todo membro da plateia era tão admirador quanto o jovem poeta, radiante na alegria de ver seu trabalho realizado. Quando ela não estava envolvida na cena, ela foi capaz de estudar secretamente a assembleia e viu com dor como a boca da marquesa assumiu uma torção amarga enquanto observava, pensando, sem dúvida, que a gêmea iniciante estava roubando a glória que deveria ser de Eugénie. Ela examinou a câmara em busca do rosto de Franklyn e o encontrou, descansando no fundo da sala, uma expressão feia baixando em seu rosto. Ele parecia bêbado e perigoso. Ela estremeceu.

Mas nada poderia prejudicar seriamente sua alegria naquela noite. Quando a apresentação terminou e os aplausos finalmente cessaram, ela, William e os outros artistas foram cercados por admiradores e se deliciaram igualmente com seus elogios.

Como havia se tornado seu hábito, ela olhou ao redor da sala, procurando Rochford. Ele estava conversando seriamente com um belo cavalheiro, de cachos escuros grossos e uma expressão

inteligente e bem humorada. Ele estava vestido um pouco surrado, mas usava um casaco bonito com punhos desgastados. Enquanto ela observava, Rochford colocou a mão no cotovelo do cavalheiro e o levou em direção a William, que estava corado e quase dolorosamente animado.

- Sr. Hunt, posso apresentar meu primo, Sr. William Clareville, a você? William, este é o Sr. Leigh Hunt, que veio de Londres para ver sua peça.

William levantou-se, cambaleando um pouco de ansiedade. - Senhor! Isso é uma honra!

O Sr. Hunt apertou a mão frágil, mas pressionou o jovem poeta gentilmente no ombro.

- Sente-se, meu caro companheiro. Ouvi dizer que você esteve doente e posso ver que você ainda não está recuperado. - Ele sentou-se ao lado de William e disse à sua maneira: - Eu deveria estar com raiva de você, sabe. Como se ainda não houvesse gênios jovens suficientes invadindo Londres para roubar meu lugar, aqui vem esta peça, e terei que abrir espaço na próxima edição do The Indicator para o texto completo. Vou avisar meus amigos Shelley e Byron para separarem os louros deles, lhe asseguro.

William engoliu em seco, quase incapaz de acreditar em seus ouvidos. Ser publicado no The Indicator era o sonho de todo jovem escritor.

- Você está falando sério, senhor?

- Você acha que vou permitir que outro colega publique o poema do ano? Não, não, eu não sou tão tolo. - Ele parecia pensativo. - Também podemos olhar para uma produção profissional, você sabe. Embora - ele parou e se curvou para Minette, - é difícil ver como mesmo a nossa amada Sarah, Siddons, você sabe, poderia melhorar o desempenho da duquesa.

Minette se afastou um pouco para deixar os dois poetas juntos. Encontrou Rochford ao seu lado e não pôde deixar de lhe lançar um olhar brilhante. - Oh, isso foi gentil! Você o fez tão feliz.

- Pelo amor de Deus, não me olhe assim, meu amorsinho. - Sua voz era baixa e um pouco rouca. - Como vou manter a farsa do nosso estranhamento, se você faz isso?

- Gostaria que pudéssemos parar. Estou cansado disso! - Ela fez um pequeno movimento em sua direção, meio afetuoso, meio petulante. - Lidar com Franklyn; Sei que você pode fazer isso e não tenho medo dele.

- Ele ainda não tinha corda suficiente para se enforcar, mas tenho esperanças de algum ato decisivo muito em breve. Então eu vou tê-lo. Mas até então, não vou colocar você no menor perigo.

- Oh, Philip. - Ela balançou na direção dele, erguendo o rosto para o dele, completamente inconsciente de tudo o que ele estava dizendo. Ele pegou a mão dela e rapidamente a puxou através de um par de portas duplas que estavam ligeiramente entreabertas e entraram na sala de jantar escura do outro lado. Ele ficou parado por um momento, olhando nos olhos dela, que brilhavam nele através das fendas em sua máscara. Então suas mãos deslizaram por seus braços nus e, pegando seus pulsos, ele os apertou atrás das costas, para que ela estivesse esticada, impotente, contra ele. Ela se rendeu à força dos braços dele e, com um pequeno suspiro, abaixou as pálpebras e levantou a boca. Quando os lábios dele desceram sobre os dela, ele a inclinou sobre a longa mesa de mogno, arrancando preciosos cristais e prata do caminho com um movimento descuidado do braço. Ela enrolou os dedos nos cabelos dele e pressionou mais perto, deliciando-se com o calor dele e o cheiro masculino dele. Eles se beijaram entre o vidro quebrado, os pratos não limpos e as carnes derretidas, sem perceber que o vestido de Minette estava grudado com calda e as mãos de Rochford estavam molhadas com molho de uma molheira que ele capotara com a pressa.

Então o feitiço foi quebrado. Alguém tentou abrir a porta e uma voz ofendida foi ouvida: - Sr. Sturridge disse para encontrar o duque e a duquesa. Para onde eles foram? A dança está pronta para começar.

- Meu amor, meu amor, o que nos transformamos? - Rochford a soltou com um gemido. - Temos convidados e você parece... - Ele parou e a pegou de novo. - Você parece uma mulher fazendo amor.

- E não deveria parecer? - Mas ela riu e puxou a colagem de seu vestido, que havia escorregado de maneira inexplicável para revelar

um mamilo avermelhado. - Espero que você termine o que começou esta noite, senhor.

- Meu Deus, houve alguma mudança nessa mulher? - Ele a beijou novamente. - Não precisa insistir, garanto. Quando nossos convidados partirem, eu a levarei ao chalé e me esforçarei para satisfazer suas expectativas.

Ela riu. - Você sempre satisfaz.

Ele se afastou dela com um esforço e olhou para as mãos com um sorriso triste. - Devo me lavar e depois voltarei aos nossos convidados. Acho que você precisará trocar seu vestido. Você está muito fascinante, mas também bastante imprópria.

- E você não teve nada a ver com isso, meu senhor Duke?

Ele sorriu sombriamente. - Eu não fazia ideia de como havia me casado. Agora vá antes que eu te tome aqui e agora!

Ela fez beicinho. - Eu gostaria que você me tomasse.

Ela o viu passar pelas portas duplas e depois, alisando o vestido e com a mão no cabelo, saiu do quarto pela porta dos criados. Uma vez em seu próprio quarto, ela banhou o rosto com água fria, reorganizou os cabelos e, convocando Becky, vestiu um vestido de baile fresco de cetim preto e gaze de lantejoulas. Depois, levou alguns minutos para se sentar junto ao fogo, numa tentativa vã de permitir que o tumulto que ele despertara dentro dela diminuísse. Ela se sentia nervosa, no limite, mas vibrante e viva. Mas ela não podia demorar mais. Ela deve aparecer no salão de baile, ou seus convidados começam a se perguntar onde ela poderia estar.

Quando ela desceu a escada, uma figura escura emergiu das sombras e ficou no pé da escada, olhando para ela. Enquanto ela observava, ele estendeu a mão para tirar a máscara e a luz das velas caiu sobre seu rosto devastado. Ela ficou em pé, com a mão no peito, aterrorizada demais para gritar. 'D'Evremont!', Ela proferiu fracamente. - Não! Não! Não é possível.

- *Eugénie, ma bien-aimée*. - Ele se moveu para a luz com os braços estendidos, e ela percebeu com uma repentina onda de gratidão que aquilo não era fantasma. Ele era branco como papel, lamentavelmente magro, e seus cabelos estavam salpicados de prata, mas ele era carne e osso.

- Você - você está vivo? Como?

Ele parou, com um pé na escada mais baixa. - Eu assustei você. *Ma pauvre! Doucement, doucement.* Você não deve desmaiar. É verdade que eu, seu Charles, voltei para casa para você.

- Onde, onde você esteve todos esses meses? Nós pensamos que você se afogou.

- Como você vê, eu não estava. Quando o Pelican foi afundado, fui apanhado pela tripulação de corsários de Argel. Fui amarrado a um remo amaldiçoado com uma dúzia de outros desgraçados desde então e tenho as marcas nas costas para mostrar isso. Quando finalmente consegui convencê-los de que tinha riqueza suficiente para me resgatar, eles me desembarcaram em Marselha.

- Corsários? Piratas? Hoje em dia?

- acredite, *ma Cherie*, hoje em dia na costa de Barbary. - Ele olhou para ela com os olhos marejados. - Você não parece muito feliz em me ver.

- Ah Charles, você não entende...

Ele a interrompeu. - É claro que eu entendo. Você me achou morto. O que mais você poderia fazer além de se casar o mais rápido possível? Não pense que te culpo por isso.

- Não, não, isso não, é, eu não sou

Uma porta se abriu, vozes foram ouvidas e Charles desapareceu nas sombras mais uma vez. Minette desceu a escada e entrou no salão como se estivesse sonhando. Charles estava vivo! Ah Bon Dieu, que confusão foi essa!

Vinte e quatro

Minette daria tudo para ter um momento tranquilo para refletir sobre como o retorno de Charles à vida complicaria um conjunto de circunstâncias já teoricamente complicadas, mas este foi negado a ela. Quando ela entrou no salão de baile, estava cercada por admiradores e, embora instantaneamente tenha procurado o rosto amado de Rochford na multidão, ele estava dançando com alguma beleza local desconhecida e não olhou na direção dela. Ela entendeu os motivos dele, mas naquele momento ansiava pela garantia de sua presença.

Ela cumpriu seu dever, dançou com todos os cavalheiros que imploravam a honra de levá-la para o salão, disse as coisas certas na hora certa e até flertou um pouco. Mas ela fez essas coisas como um fantoche, pois sua mente estava revirando as notícias incríveis. Charles voltou. Ele reivindicaria Eugénie e seu filho? Rochford consentiria em se divorciar? Havia um futuro possível para ela como esposa de Rochford? Mas não, certamente ele não arrastaria o nome de sua família através do lodo apenas por ela. Não quando ele poderia tê-la sem esse vexame. Ele a amava o suficiente?

Rochford deve ter notado a tensão em seu rosto. Ela o encontrou ao lado dela, segurando um copo de vinho na mão, que ele entregou a ela. Ele manteve sua expressão distante, mas sua voz baixa ficou preocupada quando disse:

- Algo aconteceu para incomodá-la? Você está muito pálida.

Ela pegou o copo e tomou um gole do licor de rubi suave e agradecida.

- Foi um dia muito longo, - reconheceu.

- Talvez você deva ir dormir sozinha esta noite. - Ele colocou a mão sobre a dela. - Não vou incomodá-la.

- Me incomodar? - Ela riu trêmula. - O pensamento de estar com você hoje é tudo o que me apoiou nesta noite sem fim.

Quaisquer que fossem as palavras de amor que ele teria dito em resposta, seriam muito bem-vindas, porém suas palavras foram cortadas pelo aparecimento de Lady Talgarth, que agora se

aproximava deles com ar de resolução. Rochford curvou-se quando ela ficou diante dele e levantou uma sobrancelha indagadora.

- Philip Oh, Philip, não me olhe assim! Eu vim para agradecer, de joelhos, pelo que você fez pelo meu William. Eu nunca o vi tão... tão delirantemente feliz.

O rosto do duque se suavizou. - Estou feliz.

- O senhor Hunt me contou tudo. Que você se comprometeu a pagar uma quantia para a produção da peça e publicá-la em forma de livro depois de aparecer no The Indicator. - Os lábios dela tremeram e formaram um sorriso distorcido. - Se, se o pior acontecer, pelo menos ele conheceu essa alegria. Sei que não o verei casado, ou o pai de seu próprio filho, mas... - Ela não conseguiu terminar, sua voz estava totalmente embargada.

Rochford pegou sua mão gentilmente e deu um tapinha nela. - Não se desespere. Temos que esperar e acreditar que em Roma ele ficará forte e saudável.

- Rezo por isso todas as noites, mas quando me lembro de como meu amado Henry morreu em meus braços, não consigo acreditar.

Rochford ficou em silêncio por um momento e depois disse: - Você é uma mulher corajosa, e vi que tornei seus fardos mais pesados para você pela minha amargura e ressentimento. Eu até sabia na época, que você não me amava.

- Eu me importei profundamente com você como um amigo, como um irmão. - Ela colocou a mão no braço dele e disse sinceramente: - Você acredita em mim agora, que não era o seu rosto que... aquilo.

Ele cobriu a mão dela com a dele. - Eu acredito porque cheguei a entender que existe um tipo de amor que só se torna mais forte com a adversidade. Você tem tanto amor por Henry e eu não invejo o coitado.

Ela sorriu para ele, e parecia que um grande peso havia sido tirado dela. - Acho que agora você encontrou esse amor e estou muito agradecido por vê-lo. - Ela abraçou Minette levemente e beijou sua bochecha. - Minha querida, você o trouxe de volta daquele deserto em que ele vagou por tantos anos. Seja boa com ele.

Havia lágrimas nos cílios de Minette quando ela devolveu o abraço. Silenciosamente, ela acrescentou a si mesma: 'se ele ainda me quiser depois que eu lhe disser a verdade. Será hoje à noite!'

Já passava das três da manhã quando o último hóspede partiu e a casa se preparou para se recolher pelo que restava da noite. Durante a última dança, Rochford sussurrou uma instrução em seu ouvido que a emocionou. Assim que tudo estava escuro na casa, ela deveria se enrolar em uma capa quente e encontrá-lo nos estábulos. Ela saiu de casa e correu com passos ansiosos para encontrá-lo. Ele já estava montado na grande baía e, como ela apareceu, ele cravou nos calcanhares, galopou em sua direção e a pegou com um braço, colocando-a na sela diante dele.

Ela se virou em seus braços, inclinou a cabeça dele e o beijou com se fosse a última vez, um beijo que assustou os dois.

- Meu amor, não pense que não gostei, mas por que você está tremendo?

- É por causa do frio.

- Em breve estaremos quentes o suficiente.

Ele a envolveu mais de perto em sua capa, e ela deitou a cabeça no peito dele, ouvindo as batidas constantes de seu coração. Se esse momento nunca acabasse! Ele ainda a desejaria quando soubesse a verdade? Ou seu adorável conto de fadas chegaria ao fim esta noite?

Os longos passos do cavalo devoraram o chão entre o castelo e a cabana. A viagem que ela desejava durar uma vida inteira terminara em menos de dez minutos, e Rochford a estava levantando da sela. Envolvendo-a em um braço, ele apressou-a até a porta, procurando no bolso do sobretudo pela chave. - Que estranho!

- O que foi meu amor?

- A chave. Juro que o coloquei no meu bolso depois da nossa última visita. Deve ter caído.

- O que devemos fazer?

Ele riu olhando seu rosto.

- Você não acha que eu deixaria uma coisinha como uma porta trancada nos impedir de entrar em nosso encontro.

Ele se preparou para colocar o ombro na porta, mas Minette disse:

- Eu não acho que ela esteja trancada.

Ela estendeu a mão e levantou a trava. A porta se abriu.

- Devemos ter esquecido de tranca-la adequadamente após a última vez

Ele a pegou nos braços e a carregou para o degrau acima. - Não consigo pensar no porquê.

Fazia tanto frio no pequeno chalé quanto no ar noturno. Rochford a deitou gentilmente sobre um divã baixo, coberto de almofadas, cobriu-a com uma colcha de pele, beijou-a e virou-se para cuidar da lareira. As toras foram colocadas sobre os suportes e rapidamente queimaram em chamas quentes. Então ele foi para fora e ela o ouviu colocando Genghis no estábulo improvisado ao lado da cabana

Philip voltou e pegou uma das mãos dela. - Você está congelando.

Ela balançou a cabeça. - Eu sempre notei que as pessoas sentem frio quando estão cansadas.

- Descansaremos em silêncio até que você esteja aquecida e tranquila. Temos todo o tempo do mundo. - Ele a segurou contra ele até o quatinho ficar confortável e, então, com mãos gentis, ele a despojou de sua capa e calmamente desatou o corpete de seu vestido. Ela se recostou contra ele com um suspiro e levantou os braços obedientemente enquanto ele retirava o tecido frágil sobre sua cabeça. Ele alisou as meias de seda até os tornozelos e, com cuidado, puxou sobre os dedos dos pés e as colocou ordenadamente sobre seu vestido. Em seguida, veio o espartilho, cada peça de roupa removida sem pressa, mas com uma habilidade considerável.

Então, devagar e com restrição, ele começou a atijar aos sentidos dela. Ela foi pega em seus braços e levada para as almofadas em frente ao fogo, agora em chamas. Eles estavam deitados um em frente ao outro, tocando-se, acariciando, as mãos dela acariciando suas coxas e a barriga lisa, ele segurando seus seios e provocando seus mamilos enrijecidos e rosados com os polegares. Ele puxou a mão dela entre as pernas dele, e ela o

acariciou, ronronando como o gatinho, quando seu toque atraiu um profundo gemido estremecido. Então ele se ajoelhou entre as pernas dela e ergueu os quadris, colocando suas pernas em volta do pescoço dele. Ele inclinou a cabeça e pressionou o rosto na cavidade entre os seios dela, enquanto as mãos alisavam suas nádegas várias vezes. Ela ergueu os quadris com impaciência, urgente de entrar por ele, mas, em vez disso, ele encontrou o centro de seu prazer e acariciou o lugar, observando-a atentamente enquanto o pequeno movimento das pontas dos dedos a levava a um frenesi. De repente, ela parou, jogou os braços acima da cabeça e arqueou as costas; todos os nervos do corpo dela se concentravam naquele ponto vital. Então, quando as ondas começaram a romper sobre ela, ele a virou de bruços, abriu as pernas e se dirigiu para dentro dela. Quase imediatamente, ela gritou de alegria quando sua carne latejante o envolveu. Pareceu prolongar-se por um momento de êxtase quase agonizante.

Ela podia senti-lo, ainda duro dentro dela e se alegrou por poder despertar seus sentidos. Ele se levantou e ela se virou seu sorriso por cima do ombro para ele.

- O que mais, *Monsieur Le Duc*?

- Pequena gulosa, - disse ele divertido. - Você não tem vergonha, duquesa?

- Nenhuma quando estou com você.

Ele riu e a puxou bruscamente. Eles ficaram por um longo momento com seus corpos perfeitos banhados no suave do brilho do fogo, mãos entrelaçadas, boca presa à boca. Então ela a ergueu deixando-a meio inclinada contra as costas altas de um inestimável sofá chinês. Com medo de cair, Minette pressionou o rosto contra os pelos do peito e envolveu as pernas em volta da cintura dele. - Não tenha medo, minha querida - ele murmurou, deslizando as mãos pelas costas dela até que segurou suas nádegas nas palmas das mãos. - Eu não vou deixar você cair. - Ele a levantou, sustentando seu peso até que seus quadris estivessem nivelados com os dele e então ela deslizou para frente, levando-o para dentro dela com um pequeno suspiro. Ele a segurou por um longo momento e então, sem pressa, ele a balançou para frente e para trás, seu corpo encaixando cada uma de suas curvas tão de perto que ela entendeu

pela primeira vez que dois poderiam se tornar um em uma união tão perfeita que sua própria consciência estava fundida. Enquanto se moviam juntos, a boca dele cobria seu pescoço e os mamilos com beijos de prazer. Então, de repente, quando a respiração dela acelerou, ela sentiu a contenção dele se desfazer e foi jogada de costas. Segurando seus tornozelos com um forte aperto, ele abriu as pernas dela e depois mergulhou nela com uma urgência descontrolada. Ela levantou as mãos para agarrar seus ombros, levantando-se para aprofundar a penetração de seu corpo. Os quadris dela se ergueram para encontrar os dele em um ritmo tão satisfatório para ela quanto para ele e, quando ele finalmente caiu contra o peito dela, seu gemido de saciedade se misturou aos seus gritos.

Rochford afundou-se ao lado dela e a colocou contra ele. Ela se enterrou no peito dele, dominada pelo súbito medo do futuro. Era perigoso amar um homem tanto quanto ela o amava, mas não havia ajuda para isso agora.

Ela sabia que devia lhe contar a verdade, mas, antes disso, desejava ter certeza de sua devoção.

- Eu te amo muito. Jure que você nunca vai me deixar.

Ele acariciou sua bochecha com uma mão que tremia levemente.

- Nunca, Minette, nunca.

Ele serviu um pouco de vinho para os dois, e ela tomou um gole desajeitado, pois não levantou a cabeça do lugar de descanso. Quando o vinho escuro caiu sobre o peito dele, ela lambeu as gotas e, satisfeito com essa diversão, ele mergulhou o dedo no copo, traçou um círculo ao redor do mamilo dela e o lambeu também.

Ela sabia que era apenas uma questão de tempo antes que se reunissem mais uma vez. O cansaço dela desapareceu como se nunca tivesse existido. Ela sentiu que poderia fazer amor com esse homem neste quatinho quente por uma eternidade. Mas, quando ele largou as taças e se virou para ela, veio o ruído totalmente inesperado de um cavalo gritando de angústia.

- Que diabo foi isso? Parece que foi Genghis!

Minette já conhecia Rochford o suficiente para saber que era hora de parar. Um cavalo em perigo era talvez a única coisa que poderia tê-lo distraído naquele momento. Ela deitou-se nos

travesseiros de seda, observando Rochford colocar a camisa, amarrando frouxamente os cordões. Ele vestiu as calças e pegou as botas. Ela abriu os lábios para implorar para que ele tomasse cuidado, quando, de uma só vez, houve um estrondo terrível perto de sua cabeça. Ela foi banhada de vidro de uma janela quebrada e um objeto em chamas saltou contra a parede oposta, aterrissando a poucos metros de onde estava. Enquanto sua mente sonolenta tentava entender o que havia acontecido, ela reconheceu o míssil como uma lâmpada de óleo acesa, houve uma explosão e o tapete e as cortinas arderam em um inferno de calor e fumaça.

Ela viu Philip pegar um dos tapetes e bater nas chamas. Mas o tapete pegou fogo e ele o largou quando as chamas queimaram suas mãos. Ele amaldiçoou e começou a pisar na lã grossa, que fedia a cabelos queimados.

Ela ficou de pé e deu um passo apressado em direção às chamas com alguma vaga noção de ajudá-lo. Mas o vidro quebrado bateu em seus pés descalços, e ela gritou de agonia.

- Meu Deus, Minette! - Rochford cambaleou na direção dela e a agarrou nos braços. - Aqui, enrole isso em torno de você. - Ele puxou uma colcha pesada da pilha de almofadas, enrolou-a ao redor dela e, pegando uma jarra de água, jogou-a sobre ela, encharcando a lã. - Droga, eu deveria saber quando não encontrei a chave! Tolo que eu sou. - Ele correu para a porta e girou a maçaneta. - Como eu pensava. Trancado por fora. Afaste-se! - Ele correu para a pesada porta cravejada de ferro e bateu com o ombro, mas a porta estava firme. Ele correu para a janela e, agarrando um banquinho, começou a esmagar todo o vidro restante das janelas. - Mantenha isso apertado em torno de você! - Ele a levantou nos braços e a jogou pela janela.

Ela caiu de cara na terra endurecida pelo gelo. Os joelhos e os cotovelos estavam machucados e arranhados; mas pelo menos ela podia respirar, e o ar da noite era abençoadamente fresco contra sua bochecha. Ela ficou de pé cambaleando, vagamente consciente de que não estava sozinha. Na escuridão, a poucos metros de onde ela estava dois homens que se jogavam um contra o outro, presos em um abraço mortal. Uma voz que ela reconheceu, xingou em

francês fluente enquanto o grandalhão se esforçava contra o corpo esbelto e rijo do outro.

Ela não sabia e nem se importava por que eles brigavam. Ela gritou: - Socorro, socorro! Rochford! Ele está preso lá dentro!

Uma nuvem passou de diante da lua e sua luz iluminou repentinamente os rostos dos dois homens: Charles D'Evremont, sombrio e perigoso, e Franklyn, lívido, retorcido e rosnando, todo o seu charme fácil desapareceu como se nunca tivesse existido. De repente, Franklyn cambaleou nas garras do outro homem, chutou e jogou Charles no chão. Ele levantou-se em pouco tempo enquanto Franklyn corria desesperadamente para se esconder na floresta, Charles deu um salto veloz, o atacou e o derrubou. Quando ele caiu, Franklyn rolou de costas e segurou a garganta do outro homem. Charles e seus músculos endurecidos por anos no mar arrancaram as mãos agarradas com facilidade. Ajoelhou-se sobre Franklyn, batendo os punhos contra o rosto, golpe após golpe. Então o som assustador de osso em osso cessou, e Charles se levantou, esfregando as juntas da mão esquerda contra a palma da direita. Franklyn ficou parado.

Todo o incidente levou apenas alguns segundos, mas segundos poderiam ter significado vida ou morte para Rochford.

- Philip, Philip!

Então Minette ouviu sua voz chamando, abafada pelo rugido do fogo. Ela gritou:

- A fechadura, quebre a fechadura!

Charles a alcançou e a abraçou a ele.

- Eugénie, *ma Cherie*, graças ao *Bon Dieu*, você está seguro.

Ela se agarrou ao braço dele, gritando:

- Salve Rochford, ele está preso; as chamas chegaram à janela; ele não pode sair por aqui.

Sem perder tempo com palavras, Charles caminhou até a porta e, pegando uma pistola, disparou diretamente na fechadura. A madeira ao redor quebrou, e um chute mandou a trava de metal pesado para dentro da sala. Apoiou o ombro na porta e, quando se abriu, Rochford cambaleou, tossindo, camisa e cabelo enegrecidos e chamuscados, mas vivo. Minette correu para ele, soluçando e se agarrando ao pescoço.

- Meu amor, meu amor.
- Eugenie? – A voz de Charles estava cheia de dor.
- Isso é perfeito demais, - veio a voz leve e agradável de Franklyn. - A esposa traidora, apanhada nua nos braços de seu amante. Pobre Rochford, traído novamente. Quem pode culpá-lo por queimar seu ninho de amor? Quem pode se surpreender se o galante amante atirar nele por isso?

Franklyn estava de pé, apoiado contra uma árvore, o rosto em uma bagunça sangrenta. Mas o braço que segurava a pistola estava firme o suficiente. Ele observou os dois homens tensos, ergueu uma sobrancelha divertida da maneira antiga, e estremeceu quando o corte acima do olho se abriu.

- Não, não faça nada. Você notará que eu tenho a querida pequena Eugénie, na minha mira. Venha aqui, *ma Cherie*, e fique do meu lado. - Como em um sonho, ou pesadelo, Minette deu alguns passos em direção a Franklyn. Ele estendeu a mão e segurou o pulso dela com a mão livre e a puxou para perto. Ele a segurou na frente dele como um escudo, com a pistola afundada dolorosamente em sua cabeça. Ele apontou a cabeça para Rochford. - Você vai me obrigar, primo, a te fazer amarrar os pulsos desse rapaz feroz. - Com um olhar cauteloso na pistola, Rochford tirou a camisa, rasgou-a em tiras e fez como se fosse amarrar os pulsos de Charles atrás dele. - Na frente, se quiser. E amarre-os com força, ou temo pela saúde de sua esposa, de fato.

Franklyn voltou seu olhar satírico para Charles. - Eu não tenho a menor ideia de quem você pode ser, mas você apareceu no momento mais oportuno. - Ele franziu a testa: - Embora você tenha estragado um dos meus pequenos efeitos. Você será aquele cavalo grande, feio e bruto do galpão, que trará de volta os acontecimentos da noite inesquecível que tão tristemente, arruinaram seu pobre rosto.

Se ele esperava ganhar uma reação de Rochford, ficou desapontado. O rosto de Minette, de fato, se torceu em uma careta de repulsa, mas Philip apenas terminou de amarrar as mãos do jovem. Franklyn acenou que com a pistola em um gesto de agradecimento.

- Obrigado. Você é um cúmplice valioso, não é, Philip? Tenho que me confessar bastante surpreso que você esteja disposto a se sacrificar para salvar sua esposa. Eu não pensei que você se importasse. Ela é tão extremamente habilidosa nas artes artísticas a ponto de ter enfeitado você, que é tão experiente, digamos? Estou bastante tentado a... Mas não, precisamos seguir em frente. - Ele suspirou e balançou a cabeça com cansaço olhando para Rochford, que o observava com calma. - Você sempre foi um espinho ao meu lado, você sabe Philip. Tão assustadoramente virtuoso. - Ele deu uma risadinha. Minette achou que era o som mais maligno que ela já ouvira. - E agora você tão gentilmente incapacitou nosso jovem francês que posso admitir que fui menos do que honesto quando descrevi meu pequeno ardil. Pois, é claro, nenhum de vocês viverá para contar a história desse encontro. A meu ver, Philip, você encontra sua esposa e seu amante em flagrante, como dizemos e, tendo matado seu rival, afogou a pobre Eugénie como uma paixão shakespeariana. - Cheio de remorso, você se mata. Ele colocou a cabeça de lado, considerando. - Sim, parece não haver pontas soltas.

- Você imagina que simplesmente vou ficar aqui e permitir que você...?

Minette ficou imaginando a calma de Philip, até que notou as gotas de suor escorrendo por sua face, apesar do frio congelante.

- Sim, sim, porque se você fizer o menor movimento em minha direção, matarei sua linda duquesa. - Ele mudou a pistola de posição para que ela apontasse para o peito dela. - Um tiro aqui não a matará, pelo menos não imediatamente. Ela sofrerá as agonias do inferno antes que você possa me alcançar. Tenho certeza que ela prefere estrangulamento. Muito mais rápido.

Ele levantou a pistola e apontou-a para Rochford. - Vire para o lado. Para que pareça suicídio...

Minette ganhou vida de repente nos braços de Franklyn. Quando ele disparou, ela ergueu a mão para atrapalhar a pontaria dele e depois se pendurou no braço dele, com toda sua força o arrastando para baixo. Ele a golpeou com força na lateral da cabeça, largou a pistola agora inútil e, correndo como um cervo saltou nas costas nuas de Genghis antes que Rochford pudesse alcançá-lo. A lua

brilhava sobre eles. Enquanto Minette observava, a cena parecia cintilar diante de seus olhos, e ela pensou ter visto a forma de uma mulher nua perto da ponte, brilhando de branco, seus longos cabelos escuros chicoteando-a como se fosse uma tempestade, embora a noite estivesse calma. Essa mulher estendeu a mão para Franklyn, mãos como garras. Ele levantou um braço como se quisesse proteger os olhos da visão dela. Seu rosto estava convulsionado de terror. Pareceu a Minette que a mulher pulou na frente do cavalo, que recuou, gritou e caiu, esmagando Franklyn embaixo dele. Minette piscou e passou a mão sobre os olhos. Quando os abriu, Franklyn e o cavalo estavam caídos, mas a mulher se fora, deixando apenas a curva de um carvalho prateado, à luz da lua e um emaranhado escuro de sempre-verde onde seus cabelos ondulados estavam.

- Racha El, oh Racha El, agora você pode descansar em paz.

O feitiço foi quebrado; Minette foi pega e agarrada em um abraço que ameaçava esmagá-la. Foi só então que ela percebeu que seu braço estava rasgado e sangrando onde a bala o arranhou

- Minha querida, minha querida, você está machucada. - Philip tirou o que restava de sua camisa e rapidamente amarrou o braço com força acima do ferimento. - Sua tola, você não deveria ter se mexido - ele a repreendeu, com a boca em seu cabelo. - Eu estava pronto para ele, teria caído e ele pensaria que tinha me matado. Ele teria que recarregar para atirar novamente.

- Bem, como eu ia saber disso? - Ela exigiu, segurando o braço dele como se nunca fosse soltar.

Ele a puxou para mais perto. - Eu sabia quando ele segurou a pistola no seu peito o quanto eu te amava. - Ele a colocou gentilmente de lado e caminhou até onde D'Evremont, que se esforçara para ficar de pé, estava encostado em uma árvore para apoio. Rochford desamarrou os nós que havia feito, dizendo: - Não sei quem você pode ser em nome de Deus, mas agradeço do fundo do meu coração.

- Meu nome, *Monsieur Le Duc*, é Charles D'Evremont.

- De fato? Eu soube que você estava morto. Fico encantado, dadas às circunstâncias, ao descobrir que você não é. - Ele

estendeu a mão em um gesto franco e viril, mas Charles, um pouco pálido e parecendo jovial ignorou.

- Não acho que você ficará encantado quando ouvir o que tenho a dizer. Eu te segui aqui esta noite para acabar com uma situação intolerável. Eu vim reivindicar Eugénie. - Ele fez uma pausa e depois disse com a força de uma explosão: - Vim reivindicar minha esposa!

Rochford recuou um passo, olhando não para Charles, mas para o rosto de Minette em choque absoluto.

- Sua esposa?

Ela pronunciou em uma voz engasgada. Ela estendeu a mão como se quisesse segurá-lo e olhou para Rochford.

- Eu não sei do que ele está falando, eu juro.

Charles deu um grito inarticulado de dor. - Genie! Você não pode querer me negar! Pense minha querida, pense. Você se casou com Rochford com toda a inocência, acreditando ser uma viúva quando mal era esposa, mas agora isso deve ser resolvido. Além de nossos sentimentos, há a questão da lei. Uma mulher não pode ter dois maridos vivos.

Minette deixou colocou as mãos no rosto, seus pensamentos girando enquanto tentava compreender esse momento desconcertante.

- Genie, meu amor, minha esposa, fique comigo, - Charles falou com a voz gentil de um homem que pretendia acalmar uma criatura assustada. - Estou vivo, nos amamos nada mais importa.

Agora era a hora em que tudo deveria ser dito. Não havia como escapar da verdade. Ela deu um passo, não para ele, mas para Rochford. Ela passou os braços em volta do pescoço dele, apoiando a bochecha no peito dele. A salvo no santuário de seus braços, ela levantou a cabeça e seus olhos encontraram os de D'Evremont por um longo momento. Charles olhou subitamente atento. Então, imaginando, ele disse:

- Mignonette?

Minette deu um sorriso trêmulo.

- Você sempre pode nos diferenciar. Sim, sou eu, Mignonette.

- Mas... Onde está Eugénie?

- Em Avignon com os Bovarys.

- Mas por quê?

- É uma longa história, Charles, e não tenho certeza se tenho forças para contar agora.

Rochford ficou tenso, e agora ele segurava os pulsos dela enquanto seus macios estavam em seu pescoço. Ele se afastou dela, sua expressão como a de um homem fazendo cálculos em sua cabeça. Era evidente que ele estava revisando toda a relação deles à luz dessa revelação.

- Você é a irmã? - Ele disse finalmente. - A irmã que foi mantida escondida'.

- Sim, Génie é minha irmã gêmea. - Ela afundou no tronco de madeira de uma árvore. Seus dentes estavam batendo enrolada no cobertor ainda úmido que cobria sua nudez. Charles tirou o casaco e virou as costas de maneira cavalheiresca quando ela deixou cair o cobertor e se aninhou no calor do tecido grosso.

- Achamos que você estivesse morto, - ela disse a Charles com tristeza. - Grandmère pedia a Eugénie que se casasse com Rochford. Parecia a única coisa a ser feita. Mas ela te amava tanto e... - ela lançou um olhar tímido para Rochford: - Quando se tratava disso, ela não conseguia se... bem de qualquer forma ela fugiu e eu tomei o lugar dela.

As narinas de Rochford tremeram de desgosto. - Posso perguntar quando essa substituição ocorreu? Ou devo adivinhar?

- Acho que sim, pois você não é um homem estúpido. Voltei ao castelo depois de uma suposta doença e Génie partiu para a França.

- Então, eu nunca estive com sua irmã como minha esposa.

- Não. Sempre fui eu.

- Foi uma representação muito talentosa, - comentou secamente.

Ela enxugou as lágrimas que caíam incessantemente pelas bochechas pálidas. - Não, não era. Cometi muitos, muitos erros, mas você não sabia nem se importava o suficiente com Génie para notá-los. E então, quando você se interessou em me conhecer, e eu, e você... bem as coisas mudaram para nós dois. - Ela engoliu em seco e respirou fundo, estremecendo. - Para mim, não era mais uma representação.

- Você espera que eu acredite nisso?

- Se não acredita você deveria ter deixado Franklyn me matar. Não desejo viver sem você. Eu te amo.

- Amor! - Ele se virou e viu as chamas devorarem o pequeno chalé com seus tesouros. - Gostaria de poder facilmente queimar a memória do que aconteceu lá dentro.

Ela se encolheu como se ele tivesse batido nela. Seus olhos enormes e escuros brilhavam ao luar, em seu rosto pálido. Eu ia lhe contar a verdade hoje à noite, juro. Até disse a Grandmère que o faria e que seria sua amante se não pudesse ser sua esposa.

- Você acha que eu quero você agora? Sabendo que cada palavra que você falou comigo era mentira, cada abraço uma farsa?

- Por que não pode acreditar?

Ele deu uma risada curta e segurou a mão na bochecha cicatrizada, queimada pela segunda conflagração. - Como posso acreditar em mais alguma coisa?

Vinte e cinco

Minette não foi capaz de recordar claramente os eventos do restante daquela noite caótica ou do dia seguinte. Ela se moveu em uma nuvem entorpecida de miséria, falando apenas quando falavam com ela, mas principalmente respondendo a todas as perguntas ansiosas de seus convidados com um sorriso triste e doce. Ela sabia que eles haviam se juntado ao pequeno bosque por um grupo de criados liderados por Sir Richard e lorde Gatley. O fogo já estava quase extinto, e eles rapidamente apagaram as chamas restantes. Ela prestara pouca atenção à história que Rochford contara, mas compreendeu o suficiente para concordar que Franklyn estava correndo de forma imprudente em busca de ajuda para apagar o fogo quando ele foi jogado de seu cavalo e seu pescoço tão tragicamente quebrado. D'Evremont havia desaparecido silenciosamente na noite anterior à chegada dos socorristas, e sua presença no local nunca foi revelada.

Uma carruagem apareceu e ela foi colocada para dentro embrulhada em uma capa de pele com um tijolo quente aos pés. Ela estava agradecida pelo calor, mas recuou apática contra as almofadas, olhando sem ver pelas janelas antes de cair em um sono desconfortável. Quando a seguir ela voltou a si, estava em sua própria cama. Ela ficou surpresa, pois tinha a impressão confusa de que seria mandada embora do castelo naquela noite e esperava ser levada diretamente para Sussex.

Ela dormiu novamente e, quando finalmente acordou a luz do sol estava entrando em seu quarto e Arabella estava ao seu lado, dando um tapinha ansioso na mão.

- Querida Minette, acorde, amor. Na verdade, eu deixaria você dormir, mas o Sr. Pillson está aqui e deve conversar com você.

- Minette colocou a mão na cabeça. Sr. Pillson?

- O magistrado local, - explicou Arabella. - Você o conheceu ontem à noite no baile. Ele tem que investigar a morte de Frank e está esperando para falar com você. Philip não deixaria você ser

perturbada antes. Mas é meio-dia e não podemos deixar o pobre cavalheiro esperando mais.

- Não, não, claro que não; Vou-me levantar. Mande Becky vir aqui para mim, meu amor?

Ela entrou na sala do café da manhã para encontrar Rochford com o Sr. Pillson, um cavalheiro corpulento com uma pele que lembrava a cor de seu clarete favorito e um nariz redondo. Ele curvou-se educadamente, mas o olhar que lançou a ela era de profunda suspeita. Rochford estava franzindo a testa e, embora ele a conduzisse com cortesia a uma cadeira e a visse sentada confortavelmente, sua mão estava fria quando tocou a dela e suas narinas tremeram levemente, como se detectassem um odor nocivo.

Ela permitiu que Becky a vestisse como desejava, e a Abigail, com uma sensação da ocasião, vestiu sua jovem amante em um vestido de suave merino cinza e colocou um xale de renda preta ao seu redor. Seu cabelo estava simplesmente enrolado com um coque, seus cachos domados, de modo que apenas alguns fios errados escaparam para sombrear sua testa lisa. Ela parecia bem diferente da criatura vital e triunfante de vermelho que, na noite anterior, tinha sido o centro radiante de admiração e interesse. Mas se Rochford era sensível ao contraste, ele não fez nenhum sinal.

- Minha querida, - ele começou e ela estremeceu com o gelo na voz dele. - Meu caro, Sr. Pillson, tem algumas perguntas a fazer sobre os eventos da noite passada. Peço-lhe para não se afligir. Eu já disse a ele tudo o que é necessário; ele apenas deseja garantir a si mesmo que você não tem nada a acrescentar.

Ela levou um lenço aos lábios brancos e tentou sorrir. - Acho que não serei de grande ajuda para você, senhor. Eu me lembro bem pouco.

- Sim, sim, por causa do choque, sem dúvida. - Ele pigarreou e lançou um olhar sob as sobrancelhas para Rochford. - O que acho difícil de entender é por que você e o duque deveriam ter passado a noite nesta casa de campo, em primeira instância.

- Não é da sua conta, eu busco privacidade com minha própria esposa. - Rochford parecia manter o controle sobre a conversa.

- Sem ofensas, Vossa Graça, mas eu penso que seria possível obter privacidade sem sair de casa. Afinal, ela é grande o suficiente.

- É ofensivo sim, mas se você insiste em se aprofundar em nossos assuntos, posso salientar que esta casa está cheia de empregados durante o dia e a noite, e é quase impossível obter qualquer privacidade. É por esse motivo que mobilizei a cabana para a qual conseguimos escapar e desfrutar da nossa reclusão.

Sr. Pillson continuou obstinadamente, apesar do orgulho do duque e da evidente angústia de Minette: - Não direi que não acredito em você, sua Graça, mas preciso levar em conta algumas circunstâncias que não são totalmente explicadas por sua declaração.

- Por exemplo?

- Por exemplo, o fato de Clareville ter sido severamente espancado no rosto antes de morrer; o fato de haver rumores de que você e a duquesa não estão vivendo como marido e mulher; o fato de Clareville ter uma má reputação com as mulheres; e o fato de eu ser informado pelo Dr. Eastwood de que a lesão de sua esposa é mais consistente com uma bala do que com uma queimadura.

Rochford foi para o lado de Minette e pegou a mão dela. - Você pode desconsiderar as fofocas. Estamos vivendo muito felizes como marido e mulher, lhe garanto. - Ele se inclinou e beijou seus lábios. - Não é assim, meu amor?

Ela levantou a mão para acariciar sua bochecha, engoliu um soluço e disse com uma voz doce e hesitante: - É verdade, Sr. Pillson. Sou uma criatura tão tímida, ridícula e pequena que não suporto que os criados saibam ou nos escutem que implorei ao meu marido para encontrar um lugar onde pudéssemos ficar sozinhos e onde eu pudesse ficar sem restrições pela presença deles.

O Sr. Pillson fez uma reverência solene. - Entendo. - Ele voltou-se para Rochford. - E como você explica as marcas no rosto de Clareville, sua Graça?

- Sem dúvida, os cascos do cavalo o pegaram. O animal correu desgovernado, aterrorizado com o fogo.

- Sem dúvida. - Pillson apertou os lábios e ficou em silêncio por um momento. - Por que Clareville estava na cabana a essa hora da noite? Uma coincidência, você diria?

- Por que não? Você mesmo disse que ele tinha uma má reputação com as mulheres. Sem dúvida, ele tinha ido à vila para tentar encontrar alguma mulher e viu as chamas enquanto voltava pela floresta.

- E, finalmente, a lesão de sua esposa.

- A lesão foi curada e eu preferiria não atrapalhar o trabalho do médico. No entanto, você pode ver por si mesmo como o braço da minha esposa está queimado ao redor do curativo.

Pillson estudou atentamente o braço de Minette, avermelhado por queimaduras e com o pó da pistola de Clareville descarregou a curta distância. Depois tirou os óculos, limpou-os com o lenço e os colocou no bolso.

- Você tem uma explicação para tudo, meu senhor Duke. Não desejo criar problemas injustificados para você ou sua família; mas dentro destas quatro paredes, deixo-me dizer que não acredito em uma palavra. No entanto, a verdade morreu com Clareville, e ele não é uma perda para o condado. Farei meu relatório ao Cowner, e você pode resolver o resto com sua consciência.

- Minha consciência não vai me incomodar, garanto.

Sr. Pillson olhou para a bochecha com cicatrizes de Rochford e um pequeno sorriso ácido apareceu em sua boca fina. - Não, acho que não.

Rochford tocou a campainha e, prontamente Sturridge apareceu para conduzir o magistrado até a porta. Minette, deixada sozinha com o duque, deu uma olhada em seu rosto proibitivo e se virou rapidamente. Nunca, mesmo no primeiro encontro, ele parecia tão frio, tão distante dela.

- Suponho que devemos discutir o que deve ser feito. - Rochford se virou e estava encarando o fogo como ela o vira pela primeira vez, com seu belo perfil.

- Suponho que sim.

- Ainda não consultei um advogado, mas suponho que deve haver algumas formalidades a serem cumpridas para anular um casamento bígamo.

- Sim, espero que sim.

- Você retornará imediatamente a Sussex com sua avó. Devo dizer que os eventos deixaram a velha perturbada e ela insiste em

voltar para sua casa. Naturalmente, você a acompanhará.

- Você não deseja se livrar de mim, deseja?

- Você me culpa?

Ela balançou a cabeça. - Não, eu não culpo você por nada. Você foi vergonhosamente usado e agiu de maneira honrosa em todos os aspectos

Os lábios dele se apertaram. - Não quero sua aprovação, obrigado, senhora.

Ela estremeceu, ferida demais pelo desprezo e pelo tom gelado em que foi proferida, mas conseguiu dizer com calma: - E depois que você estiver livre? O que você vai dizer ao mundo?

- Ainda não considere.

- Não?

- Desejei a Deus que nunca tivesse conhecido nenhuma de vocês, - ele explodiu com violência desacostumada. - Trapaceiras, mentirosas, devassas, vocês duas! - Ele caminhou pela sala como se sua raiva não pudesse ser contida. - Eugénie já era ruim o suficiente, mas pelo menos ela nunca fingiu oferecer amor. Eu sabia quando me casei com ela que era os meus título e fortuna que ela queria. Mas você, você não estava contente com isso. Você teve que invadir meu coração, me fazer acreditar, enquanto você e aquela velha bruxa estavam brincando comigo e rindo, da sua fácil conquista.

- Não, oh não, meu querido amor! - Ela mal prestou atenção aos insultos dele em sua necessidade de amenizar sua dor. - Nunca foi um jogo comigo. Eu nunca ri de você. Eu te amo.

Ele parou abruptamente, olhando para o rosto dela. Ele a agarrou pelos braços e, por um momento, ela pensou que ele a beijaria. Mas, em vez disso, ele falou palavras que queimaram em sua consciência. - Você blasfema quando fala de amor. Isso só me faz te desprezar mais. Não desejo me comportar de maneira mais desagradável do que já fiz, por isso devo implorar que você me deixe nesse instante. Juro que não posso ser responsável pela sua segurança se você não o fizer.

Havia algo obscuro em seu rosto que ela nunca tinha visto antes. Assustada, ela se levantou da cadeira correndo e fugiu.

Vinte e seis

Não era de se esperar que Madame de Montauban se mostrasse gentil com a frustração de seus planos ou se abstinhasse de derramar sua severidade na cabeça inocente de sua neta. A jornada para Sussex foi realizada com uma incessante ladainha de queixas e censuras, que Minette não tinha o espírito de contrariar. Ela deixou a avó falar, afundada demais na miséria para se importar com a injustiça.

- Não digo nada da sua desobediência voluntária, - dizia a marquesa, imprecisa. - Ter deixado todas as joias e roupas de Eugénie para trás quando eu lhe disse expressamente para embalá-las foi um ato de loucura. Quem pode dizer se Rochford os devolverá a ela?

- Por que ele deveria? Ele pensou que tinha comprado para sua esposa. Ela nunca foi sua esposa.

- E você também não! Oh, eu não tenho paciência nenhuma com vocês. Como é que ela vai viver a esposa de um mero capitão do mar? Minha neta!

- Charles não é um mero capitão de mar. Ele é o parceiro júnior de uma empresa de transporte extremamente bem-sucedida. Eugénie terá uma casa muito boa em Marselha e provavelmente também em Paris daqui a alguns anos.

- Bah! Quando ela poderia ter sido duquesa!

Minette virou o rosto para a janela e fechou os olhos. Sua cabeça doía quase tanto quanto seu coração, ela se sentiu mal com o movimento da carruagem. Ocorreu-lhe que ela não tinha comido desde o jantar na noite anterior. Não é à toa que ela se sentiu tonta.

Mas, embora uma tigela de sopa e um pouco de pão ao chegarem resolvesse o mal estar, nada serviu para amenizar sua mágoa nos próximos dias. Vestiu seus vestidos velhos e simples e voltou ao seu papel de enfermeira, serva e faz-tudo da avó. Pálida e fantasmagórica, ela vagava pela casinha, sua mente tão obviamente em outro lugar que até a avó deixou de repreendê-la e, em vez disso, pediu que ela se animasse um pouco.

Uma tarde, cerca de dez dias após a partida do castelo de Camer, Madame de Montauban chamou Minette para sua sala de estar privada. - Recebi notícias de Eugénie, - ela disse com um pouco de desgosto. Ela e Charles estão juntos em Marselha.

Minette riu. - Portanto, foi para isso que todos os seus planos serviram. Sua neta mais amada é madame Charles D'Evremont, e eu, não sou nada além da amante descartada de Rochford.

A marquesa olhou para a neta por cima do pincenê. - Você pode ser mais do que isso ainda. Você pode ser a mãe do bastardo dele.

- Você acha que eu teria base suficiente para segurá-lo em uma corrente como essa?

- Eu pensei que você o amava tão desesperadamente que ficaria feliz em segurá-lo em qualquer corrente. - A voz de madame era irônica.

Minette sorriu vacilante. - Eu o amo muito. Eu nunca poderia me entregar a outro homem e, portanto, não tenho dúvidas de que ficarei sozinha pelo resto da minha vida. Mas, você me conhece Grandmère, não me arrependo de um momento do meu tempo com ele. Foi mágico.

- Oh, me poupe de seu êxtase. Tudo o que sei é que você deve ter jogado muito mal as suas cartas para permitir que ele escapasse de sua jogada, para que ele agora nem sequer a mantenha como sua amante.

Minette olhou para a avó. - Jogado minhas cartas? Está além de você imaginar que eu me entreguei a ele para fazê-lo feliz e não como parte de seus planos? Você não pode conceber devoção desinteressada?

A marquesa bufou. - Devoção desinteressada? Você me diria que se apaixonou por aquele rosto horrível?

Um sorriso singularmente bonito curvou a boca macia de Minette. - O que são suas cicatrizes para uma mulher que chegou ao céu em seus braços? Menos que nada! Eu o amei quase assim que nos conhecemos.

A marquesa levantou-se da cadeira e, pela primeira vez em sua vida, pôs a mão na bochecha de Minette e a beijou. - Você é uma boa garota e merece ter boa sorte. Fiz o meu melhor por você. - Ela

ergueu a cabeça e disse por cima do ombro de Minette: - É para você ter a felicidade da vida agora, *monsieur Le Duc*.

Minette não notou quando a avó saiu da sala, pois ela estava nos braços de Rochford, a boca dele cobriu a dela e os dedos dela estavam entrelaçados no calor dos cabelos dele.

Pouco tempo depois, ela estava sentada ao lado dele no sofá, embalada em seus braços, as mãos entrelaçadas nas dele. Com os lábios ainda ardendo pelos beijos, ela estava contente demais para se importar muito com como ele chegou lá. Mas ela murmurou na lapela dele: - Por que você veio? O que fez você vir?

- Sua avó me chamou. Escreveu uma carta que irei valorizar para sempre. Sem uma palavra ou frase desagradável, ela conseguiu me dizer que eu era um filisteu brutal e sem sentido que havia jogado fora o maior tesouro que o mundo guardava para mim. Você estava muito acima de mim, mas como estava prestes a entrar em declínio e expirar, eu deveria vir e ouvir a verdade por mim mesmo. Para ser sincero, essa foi a conclusão que eu tinha chegado. - O braço dele a apertou. - Eu realmente não precisava ouvir suas palavras para saber que eu tinha sido um tolo. Minha, doce, amorosa, pequena Minette, estou muito feliz por ter ouvido.

- Ela levou a mão dele aos lábios e beijou a palma da mão. - Eu não sei o que faria se você não tivesse me procurado.

- Como já disse, tenho um grande receio de que você entraria em depressão e morreria. Ele a puxou para mais perto com um sorriso tremulo.

- Não, eu não entrar em depressão porque - ela olhou para ele com um sorriso combinado de travessuras e um pouco de apreensão - porque eu tenho um motivo pelo que viver, mesmo se você não tivesse me procurado.

- Um motivo? - Ele se afastou dela e a pegou pelos ombros. Desta vez, houve alegria, não escuridão, no rosto que ele inclinou para ela. - Você está grávida?

Ela assentiu rindo. - Eu não tinha certeza antes, então não contei a você, mas sim, estou.

- Precisamos nos casar o mais rápido possível!

- Você já é um homem livre?

- Deve haver uma anulação silenciosa. Confie em mim, ninguém saberá. Eu ainda tenho algum poder no mundo. Em seguida, nos afastaremos silenciosamente para o pároco daqui e nos casaremos com licença especial. Quem deve saber ou se importar se Philip Clareville e Minette de Saint-Saze são casados ou os conectam com o duque de Rochford e sua noiva?

Ela cruzou as mãos timidamente no colo. - Eu terei que passar a vida sendo chamado Eugénie?

- Em ocasiões formais, receio que sim. Mas em casa comigo e Bella, você será nossa doce Minette. - Ele a puxou para mais perto. - É um preço pequeno a pagar pela felicidade de uma vida. Você não concorda?

- Sim, mas também Génie estará morando na França. Seria confuso ter duas irmãs, chamadas Eugénie, que são exatamente iguais.

- Não é confuso para mim. Nunca estarei em dúvida sobre qual gêmea é qual. A minha é mais bonita, mais amorosa e muito, muito mais desejável.

- Acho que Charles diria o mesmo.

- Sim, mas ele estaria enganado.

Epílogo

As sombras finalmente se alongaram quando a tarde perfeita de verão desapareceu no crepúsculo. Madame D'Evremont estava sentada em um banco no perfumado jardim de rosas em Camer Castle, uma linda menina de cabelos dourados dormindo contra o peito. Minette, duquesa de Rochford, observou a irmã com um sorriso e pôs a mão na curva de sua própria barriga. - Ele chutou, - ela murmurou.

- Ele pode ser ela, - lembrou Génie.

- Não. Em nossa família, as meninas vêm em pares.

- Verdade. - Ela levantou uma das mãos do bebê dormindo e a beijou. - Meu precioso menino bebê.

- Você realmente teria dado ele aos Bovarys? Se o seu Charles não tivesse retornado.

Génie estremeceu. - Nem fale disso. Claro que não poderia. Quando seu filho nascer, você entenderá.

- Eu entendo agora. - Ela olhou para cima, e um sorriso radiante iluminou seu rosto adorável quando viu o marido vindo em sua direção com o sol poente nas costas. - Philip!

Rochford beijou a mão dela e curvou-se um pouco rígido para a cunhada. - Recebi uma carta, meu amor. De Lady Talgarth.

- Não, não são más notícias, espero.

- De modo nenhum. Ela escreve que o clima em Roma fez muito bem a William. Ele melhorou tanto que embarcou em outra peça e, de fato, nos enviou um fragmento incluído na carta de sua mãe.

- Estou muito feliz. Leia para nós.

Ele se sentou ao lado de sua esposa, envolveu sua cintura com um braço protetor e começou a ler:

*Vaga, minh'alma, neste mundo encantado,
Outros oceanos com reinos vivificados.
Andarilho vaidoso, não atravesse esse caminho,*

Viva para amar, encontre liberdade, mas não sozinho.

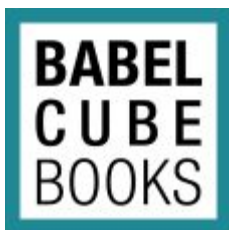
Fim

Sua classificação e suas recomendações diretas farão a diferença

Classificações e recomendações diretas são fundamentais para o sucesso de todo autor. Se você gostou deste livro, deixe uma classificação, mesmo que somente uma linha ou duas, e fale sobre o livro com seus amigos. Isso ajudará o autor a trazer novos livros para você e permitirá que outras pessoas também apreciem o livro.

Seu apoio é muito importante!

Procurando outras ótimas leituras?



Seus livros, seu idioma

A Babelcube Books ajuda os leitores a encontrar ótimas leituras. Ela tem o papel de mediadora, aproximando você e seu próximo livro.

Nossa coleção é alimentada por livros produzidos no Babelcube, um mercado que aproxima autores de livros independentes e tradutores e distribui seus livros em vários idiomas no mundo todo. Os livros que você encontrará foram traduzidos, para que você possa descobrir leituras incríveis em seu idioma.

Temos a satisfação de trazer livros do mundo todo até você.

Caso queira saber mais sobre nossos livros, acesse nosso catálogo e solicite nossa newsletter. Para conhecer nossos lançamentos mais recentes, visite nosso site:

www.babelcubebooks.com